

Junko Ota

**O HISTÓRICO DO *KEISHIKIMEISHI* E UMA
ABORDAGEM SINTÁTICA E SEMÂNTICA DAS
LEXIAS '*KOTO*' E '*MONO*' DA LÍNGUA JAPONESA**

**Tese apresentada para a obtenção do
Grau de Doutor em Letras junto ao
Departamento de Lingüística da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.**

**Orientadora:
Profa. Dra. Elisabeth Brait**

**SÃO PAULO
1996**

AGRADECIMENTOS

A redação desta tese só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas. Manifesto minha profunda gratidão:

- à Profa. Dra. Beth Brait, pela orientação, incentivo e força, fundamentais para a consecução do trabalho;
- a todo o pessoal do Curso de Língua e Literatura Japonesa pelo apoio e amizade, em especial as Profas. Dras. Lídia Masumi Fukasawa e Tae Suzuki, pelas leituras de meus manuscritos e muitas valiosas sugestões;
- à Ann, pela colaboração na composição do *corpus*;
- à Vália e ao Valdinei, pela revisão de texto;
- à Rissa, pelas correções finais no computador;
- ao Joaquin, pelo companheirismo; e Cristina Yuki e Kaori, pela motivação para o trabalho.

SUMÁRIO

Notas preliminares.....	05
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
CAP. I. DEFINIÇÃO DO GRUPO <i>KEISHIKIMEISHI</i> E O ESTUDO DAS LEXIAS <i>KOTO</i> E <i>MONO</i>.....	11
1.1. As classes de palavras da língua japonesa e a classe de substantivo.....	11
1.2. O <i>keishikimeishi</i> : problemas de classificação e definição.....	14
1.3. Definição das lexias <i>koto</i> e <i>mono</i> : aspectos lexicais e sintáticos.....	26
CAP. II. HISTÓRICO DA CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA NA TRADIÇÃO JAPONESA E O <i>KEISHIKIMEISHI</i>; A TRADIÇÃO HISTÓRICA DOS ESTUDOS DE <i>KEISHIKIMEISHI</i>.....	35
1. As primeiras noções taxionômicas da língua japonesa.....	35
1.1. Início da percepção dos diferentes elementos lingüísticos.....	39
1.2. Formação da consciência de diferenças taxionômicas.....	46
1.3. O surgimento das primeiras classes de palavras..	52
1.4. As obras dos jesuítas portugueses e o papel de João Rodriguez.....	57
2. A classificação taxionômica do período Edo (séculos XVII a XIX)	63
2.1. Classificação de Fujitani Nariakira.....	64
2.2. Classificação de Suzuki Akira.....	67
2.3. Classificação de Tsurumine Shigenobu.....	70

3. A classificação taxionômica do início de Meiji e o surgimento do grupo de <i>keishikimeishi</i>	73
3.1. Classificação de Ôtsuki Fumihiko.....	75
3.2. Considerações de Yamada Yoshio sobre "substantivos especiais".....	77
3.3. Considerações de Matsushita Daizaburo sobre <i>keishikimeishi</i> ".....	88
3.4. Considerações de Hashimoto Shinkichi sobre <i>keishikimeishi</i>	104
3.5. Considerações de Tokieda Motoki sobre <i>keishikimeishi</i>	109
3.6. Considerações de Sakuma Kanae sobre <i>kyûchakugo</i>	113
3.7. Considerações de Ide Itaru sobre <i>keishikimeishi</i>	121
4. Outras considerações mais recentes.....	128
4.1. Teramura Hideo.....	128
4.2. Teramura Hideo.....	134
4.2. Kudo Mayumi.....	137
CAP. III. ANÁLISE DAS LEXIAS KOTO E MONO.....	140
1. Considerações gerais de análise.....	140
2. Justificativa do <i>corpus</i>	142
3. Descrição de <i>koto</i> e <i>mono</i>	145
3.1. O <i>keishikimeishi koto</i>	146
3.1.1. Nome + <i>no</i> + <i>koto</i>	146
3.1.1.1. Nome e pronome referentes a humano e não-humano.....	146
1) nome próprio.....	147
2) pronome pessoal.....	148
3) nome comum, referente a humano e não-humano.....	149

3.1.1.2. nome referente ao tempo.....	150
3.1.1.3. nome referente ao conteúdo de <i>koto</i>	153
3.1.2 adjetivo <i>keiyôshi</i> + <i>koto</i>	155
3.1.3 adjetivo <i>junmeishi</i> + <i>na/no</i> + <i>koto</i>	160
3.1.4 verbo + <i>koto</i>	163
<i>koto-o</i>	165
<i>koto-ga aru</i>	170
<i>koto-ga dekiru</i>	173
<i>koto-ga</i>	173
<i>koto-ni naru</i>	175
<i>koto-ni suru</i>	176
3.1.5. pronome adjetivo ou expressões pronominais adjetivas + <i>koto</i>	177
3.2. O <i>keishikimeishi mono</i>	179
3.2.1. O sintagma nominal com <i>mono</i> "coisa, objeto".....	179
3.2.1.1. verbo + <i>mono</i>	179
3.2.1.2. nome ou pronome + <i>no</i> + <i>mono</i>	180
3.2.1.3. adjetivo <i>keiyôshi</i> + <i>mono</i>	181
3.2.1.4. adjetivo <i>junmeishi</i> + <i>no/na</i> + <i>mono</i>	183
3.2.1.5. pronome adjetivo ou expressão pronominal adjetiva + <i>mono</i>	183
3.2.2. O sintagma nominal com <i>mono</i> "pessoa".....	185
3.2.2.1. nome + <i>no</i> + <i>mono</i>	189
3.2.2.2. verbo + <i>mono</i>	191
3.3. Outras considerações sobre <i>mono</i>	194
3.3.1. <i>Mono</i> "coisa, pessoa".....	194
3.3.2. <i>Mono-ka</i>	197
3.3.3. <i>Mono-da</i>	200

3.4. Sobre os modificadores de <i>koto</i> e <i>mono</i> com formas em <i>toiu</i> ou <i>tte</i>	202
3.4.1. <i>toiu koto</i> ou <i>tte koto</i>	203
3.4.2. <i>toiu mono</i> ou <i>tte mono</i>	209
3.4.3. Comparação entre <i>toiu koto</i> e <i>toiu mono</i>	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	215
BIBLIOGRAFIA	224

Notas preliminares

1. Todos os nomes próprios japoneses obedecem à ordem sobrenome + nome. Ex.: Yamada Yoshio.

2. A romanização do japonês segue sempre o método Hepburn. Portanto, a leitura de *cha* é 'tcha'; de *sa* é 'ssa'; de *ha* é 'rra'; e de *ge* é sempre 'gue'.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho pretende ser uma análise de um grupo de lexias denominado *keishikimeishi*, literalmente "substantivos formais", "substantivos pró-forma". Na língua japonesa, existem dois grupos básicos de palavras, que são elementos nocionais e relacionais. Elementos nocionais são os que expressam uma noção ou um conceito, como o substantivo *ie*, "casa", e relacionais são os que se ligam aos nocionais, especificando as funções que exercem dentro da frase, como o morfema *ga* que indica a função de sujeito. O grupo de *keishikimeishi* faz parte do grupo de elementos nocionais.

Pertencem ao grupo de *keishikimeishi* as lexias *koto* "ato, fato", *mono* "coisa, objeto, pessoa", *yô* "aspecto", *tokoro* "lugar", *wake* "razão", *tsumori* "intenção", *toki* "momento, quando", *aida* "durante", *uchi* "enquanto" e outros, havendo oscilações e divergências na classificação e definição dos teóricos.

O grupo de *keishikimeishi* apresenta características que o incluem dentro do grupo dos nomes, uma vez que constitui núcleo do sintagma nominal, e impõe aos elementos antecedentes formas próprias para se ligar a um substantivo. O significado de *keishikimeishi* é definido pelos autores japoneses como amplo, abstrato e vago. Sua característica semântica, definida como o que "não encerra significado substancial" (*jisshitsuteki imio motanai*) permite que seja considerado um grupo especial dentro da classe de

substantivos, ou um grupo com características próximas às de elementos relacionais.

A escolha do tema se deve justamente às características que nos pareceram indefinidas e ambíguas, difíceis portanto de sistematizar, além do fato de inexistir em língua portuguesa ou outras línguas ocidentais um grupo que corresponda ao *keishikimeishi*, como ocorre com os verbos, substantivos e conjunções. Isso significava que os correspondentes ao *keishikimeishi* se manifestariam de diferentes maneiras, não homogêneas, em outras línguas. Isso tudo despertou-nos o interesse para investigar e compreender melhor o seu funcionamento.

Há muitos estudos realizados sobre outras classes, tais como os morfemas (*joshi*) que são indicadores de casos e tópico, os auxiliares verbais (*jodôshi*), abordados como elementos modalizadores da oração, além dos verbos, considerados elementos fundamentais na formação da frase devido ao seu papel concatenador - estudos que foram realizados há séculos e que continuam sendo desenvolvidos pelos gramáticos japoneses e ocidentais.

Já o *keishikimeishi* é um grupo que começou a constituir tema de reflexão de lingüistas apenas no início deste século. Seus estudos não têm a mesma tradição de morfemas, auxiliares verbais e verbos. Isto não quer dizer, contudo, que as lexias pertencentes a esse grupo não existiam na antigüidade. Sua existência - sobretudo os *keishikimeishi koto* e *mono* que enfocaremos neste trabalho - é constatada nos primeiros textos escritos em língua japonesa, na Antigüidade.

Este trabalho pretende, ainda, ser uma extensão da dissertação de mestrado que desenvolvemos em torno da expressão *yô-da*, constituída de um *keishikimeishi yô* "parece que", "como se", "para que" e de um auxiliar verbal de asserção, *da*. Foram abordados diversos empregos, significados e funções do *keishikimeishi yô*, em contraste com os equivalentes do português. No presente trabalho, porém, gostaríamos de dar um tratamento mais global ao estudo dos *keishikimeishi*, localizando os *keishikimeishi* nos primeiros textos da língua japonesa, verificando os estudos de *keishikimeishi* na história da taxionomia da língua japonesa, retomando e analisando as primeiras teorias a ele concernentes e, por último, tomando como objeto de estudo certas lexias pertencentes ao grupo.

Na elaboração efetiva do trabalho, o capítulo I propõe uma definição de *keishikimeishi*. Para isso, as classes de palavras da língua japonesa são apresentadas com a finalidade de situar o grupo do *keishikimeishi* dentro do quadro taxionômico da língua. Em seguida, são apresentadas divergências teóricas em torno da nomenclatura do grupo de *keishikimeishi* e os exemplos de alguns *keishikimeishi* em contextos frasais, acrescidos de explicações e definições gerais do grupo. As considerações acerca das lexias *koto* e *mono* predominam no restante do capítulo I. São discutidos os aspectos etimológico, morfológico, léxico, semântico, sintático e ainda, discursivo, em torno das lexias escolhidas para compor o capítulo III.

No capítulo II, o enfoque é dado, num primeiro momento, ao percurso que seguiu a história da

taxionomia da língua japonesa, desde a aquisição de letras chinesas até o nosso século, para nele localizar o início da concepção do grupo de *keishikimeishi*. Subdividimos, portanto, o capítulo em: período anterior à classificação de palavras, período de início das classificações e período marcado pelo surgimento do grupo de *keishikimeishi* na teoria gramatical dos lingüistas japoneses.

Em seguida, são abordadas as considerações teóricas referentes ao grupo de *keishikimeishi*, tecidas por diferentes teóricos, com a finalidade de discutir cada uma delas, comparando-as e analisando-as. Dentre os teóricos, destacamos Yamada e Matsushita, por serem os primeiros que estudaram o tema; Hashimoto e Tokieda, por serem gramáticos de importância da língua japonesa, junto com Yamada; e Sakuma e Ide, por desenvolverem os estudos sobre o tema de *keishikimeishi*. Feito isso, são abordados outros teóricos mais recentes, que também discutiram o tema, sob pontos de vista teóricos diferentes.

Concluídas essas considerações histórico-teóricas, o capítulo III concentra-se na análise das lexias *koto* e *mono*. A proposta do trabalho é analisar as características sintáticas e semânticas dessas duas lexias, enquanto ocorrências no enunciado.

O *corpus* foi formado através da coleta de ocorrências de *koto* e *mono* em textos de gênero literário, ensaios e textos científicos. Tendo esse *corpus* como material de base, a análise visa a estudar os sintagmas nominais constituídos de *keishikimeishi koto* ou *mono* e seu modificador, especificando os tipos

de modificadores, e a relação que se estabelece entre o modificador e o *koto* ou *mono*. Serão examinadas as classes de palavras a que pertencem os modificadores, e seus aspectos semânticos em relação ao núcleo do sintagma, *koto* ou *mono*. A análise procura verificar se a união entre o modificador e o núcleo do sintagma é suficiente para promover, efetivamente, uma compreensão ou decodificação dessas lexias. Além disso, quando necessário, serão verificadas funções sintáticas que os sintagmas nominais com *koto/mono* assumem dentro da cadeia sintagmática para analisar sua influência na definição do conteúdo semântico de *koto* ou *mono*. A análise objetiva, ainda, examinar como se dá a restrição semântica das lexias polissêmicas como *koto* e *mono*. No estudo das referências de *koto* e *mono*, foram analisados freqüentemente elementos que pertencem ao modificador, e ao contexto maior do enunciado, nem sempre apresentados no nosso trabalho, devido à extensão, mas sempre comentados, para esclarecer a questão.

CAPÍTULO I

DEFINIÇÃO DO GRUPO DE *KEISHIKIMEISHI* E O ESTUDO DAS LEXIAS¹ *KOTO* E *MONO*

1.1. As classes de palavras da língua japonesa e a classe de substantivo

Na taxionomia da língua japonesa são adotadas, de um modo geral, dez classes de palavras, elencadas *grosso modo* da seguinte maneira:

- verbô, adjetivo *keiyôshi*, adjetivo *keiyôdôshi*, substantivo, advérbio, adjetivo determinante (*rentaishi*), conjunção, interjeição, morfema (*joshi*) e auxiliar verbal (*jodôshi*).

São essas as classes de palavras normalmente expostas na Gramática Escolar, adotada pelo Ministério da Educação do Japão. A Gramática Escolar tem como respaldo as teorias gramaticais de Hashimoto Shinkichi (1968), objeto de estudo mais detalhado no Cap. II-3.4.

Dentro das classes de palavras acima expostas, interessa-nos em particular a classe dos substantivos, para nela situar o grupo de *keishikimeishi*. A classe dos substantivos na língua japonesa apresenta como

¹ Estamos utilizando o termo "lexia" segundo a concepção de B. Pottier (1978), que a definiu como "unidade de comportamento léxico" ou "unidade funcional significativa do discurso".

característica sua forma sem variação flexional, e comporta em seus subgrupos os *keishikimeishi* "substantivos formais", numerais e pronomes.

Considera-se o substantivo pertencente ao grupo de "nomes" (*taigen*), assim como consideram-se os verbos e adjetivos *keiyôshi* e *keiyôdôshi* pertencentes ao grupo maior de "palavras que expressam ação e estado" (*yôgen*).

Tanto o *taigen* quanto o *yôgen* pertencem, ainda, a um grupo mais amplo, denominado *shi*, contraposto a outro grupo chamado *ji*, na concepção dos teóricos da língua japonesa. Vamos resumir a seguir os conceitos referentes à *lexia*, que refletiram na classificação taxionômica de cada um deles. Esses elementos serão retomados no capítulo II.

O teórico Yamada (1908) buscou como parâmetro para classificação a existência ou não de um conceito independente em cada *lexia*. Ele chamou, portanto, um grupo de *kannengo* "lexias que expressam uma noção, um conceito" e outro de *kankeigo* "lexias que exprimem uma relação", cuja denominação e conceituação originaram nossa tradução "lexias nocionais" e "lexias relacionais", respectivamente. O substantivo, para Yamada, pertence ao grupo das *lexias nocionais*.

Para Hashimoto, entretanto, a conceituação se baseia no critério de dependência ou não das *lexias* para a constituição da unidade sintática, ou seja *bunsetsu*, literalmente "nó da frase". Hashimoto atribui ao grupo de *shi* o nome de "lexias autônomas", ou então *jiritsugo*, e ao grupo de *ji* o nome de "lexias anexas", ou então *fuzokugo*. No seu quadro de

taxionomia da língua japonesa, o substantivo é a classe que pertence às lexias autônomas, e dentro delas, é a que não apresenta flexões, exerce a função de sujeito, e, portanto, faz parte do grupo dos nomes, ou seja *taigen* (Hashimoto: 1968: 56).

O teórico Tokieda (1983), por sua vez, chamou os dois grandes grupos de lexia japonesa propriamente de lexias objetivas e subjetivas, ou então, *shi* e *ji*. Para Tokieda, *shi* são as formas que contêm em si a conceituação, tomando como objeto o universo do mundo real para exprimi-lo objetivamente. *Ji*, ao contrário, por não terem sofrido esse processo de conceituação, são expressões subjetivas. Assim, segundo o teórico, é *shi* a expressão *hitei* "negação", enquanto que *zu* e *ji* "não" são expressões diretas que não tiveram o processo de conceituação. Da mesma maneira, Tokieda distingue as lexias *suiryô* "suposição" e *oshihakaruru* "supor" de *mu* "será?", e igualmente *gimon* e *utagai* (interrogação, dúvida) de *ya* e *ka* "?" (Tokieda: 1983: 231-2). Dessa maneira, Tokieda considera lexias subjetivas os morfemas, os auxiliares verbais e as interjeições, e lexias objetivas os substantivos e outras classes de palavras.

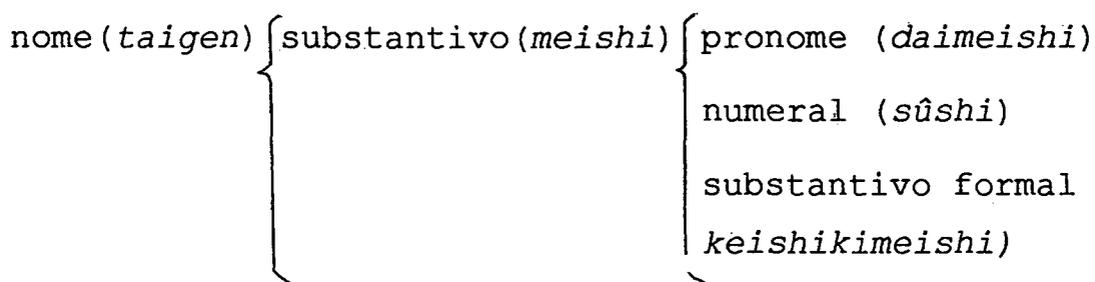
Resumindo, os pólos opostos *shi* e *ji* foram considerados, respectivamente, "lexias nocionais" (*kannengo*) e "lexias relacionais" (*kankeigo*) por Yamada, "lexias autônomas" (*jiritsugo*) e "lexias anexas" (*fuzokugo*) por Hashimoto, e "lexias objetivas" e "lexias subjetivas" por Tokieda.

O nosso objeto de estudo, *keishikimeishi*, na concepção dos teóricos mencionados, faz parte dos

substantivos, ou melhor, dos nomes, que por sua vez são incluídos entre os *shi*, considerados "lexias nocionais, autônomas ou objetivas".

1.2. O *keishikimeishi*: problemas de classificação e definição

Dentro da classificação taxionômica da língua japonesa, *keishikimeishi* é o nome dado para um subgrupo dentro dos substantivos (*meishi*). O nome *keishikimeishi* foi criado por Matsushita Daizaburo (1928) e significa literalmente "substantivo (*meishi*) formal (*keishiki*)" ou, em outras palavras, "substantivo pró-forma", "pseudo-nome", ou "substantivo que possui uma forma, sem conteúdo semântico único". É possível localizar o *keishikimeishi* no seguinte esquema, proposto por Matsushita:



Sakakura (1980) e Shirota (1987), porém, propõem chamar o *keishikimeishi* de *keishikitaigen* "nome formal ou pró-forma", localizando-o como num dos subgrupos de *taigen*, ao lado de substantivo, numeral e pronome e não pertencendo unicamente ao grupo de substantivo.

Consideram inadequado denominar certos componentes desse grupo de "substantivos". A proposta do teórico Shiota baseia-se no fato de certas lexias como *mama* "maneira", *kagiri* "limite", *amari* "ponto" e *tsudo* "cada vez" constituírem complementos verbais, mas não assumirem função de sujeito nem de complementos nominais. Apresentamos a seguir as ponderações de Shiota sobre o assunto:

"O chamado *keishikimeishi* 'substantivo formal' deve ser corretamente chamado de *keishikitaigen* 'nome formal'. O grupo inclui lexias como *mama* 'maneira', que apresenta três empregos:

- *Omotta mama kaku.*

pensar maneira escrevo

"Escrevo da maneira como penso (as idéias vêm à tona) "

- *Sono mama omachikudasai.*

essa maneira aguarde, por favor

"Aguarde da maneira como está".

- *Kokoro-no mama-ni kaku.*

coração-GEN.maneira-MODO escrevo

(Escrevo da maneira como está no coração)

"Escrevo de coração aberto".

(Shiota, 1987:34)

De acordo com a proposta dos teóricos Shirota e Sakakura, o lugar do *keishikimeishi* (ou melhor, do *keishikitaigen*, conforme a sua denominação) dentro do quadro composto de nomes seria como segue:

nome (<i>taigen</i>)	{ substantivo (<i>meishi</i>) nome pró-forma (<i>keishikitaigen</i>) pronome (<i>daimeishi</i>) numeral (<i>sûshi</i>) }

Embora o intuito de Shirota e Sakakura de separar os *keishikimeishi* dos substantivos nos pareça válido, pois concordamos quanto à especificidade dessas lexias, a nomenclatura *keishikitaigen* tem o inconveniente de ter sido também utilizada por Yamada (1936), mas para se referir a outras classes de palavras: pronome (*daimeishi*) e numeral (*sûshi*). Yamada define o pronome como "nome formal (*keishikitaigen*) subjetivo", e o numeral de "nome formal (*keishikitaigen*) objetivo".

Já o teórico Sakuma Kanae (1967) tem atribuído aos *keishikimeishi* o nome *kyûchakugo* "palavras aglutinantes" de função nominal. Não adotaremos esse nome porque, como explicaremos detalhadamente no cap. II, a categoria de *kyûchakugo* proposta por Sakuma engloba lexias flexíveis como *tai* (volição), *nai* (negação), que, a nosso ver, são de categoria muito distinta do grupo de *keishikimeishi*.

Neste trabalho, adotaremos a nomenclatura *keishikimeishi*, criada por Matsushita Daizaburô (1928), pois consideramos que *keishikimeishi* tem muito das características próprias de um substantivo: constitui núcleo do sintagma nominal e, também, requer de seus modificadores formas próprias para se ligar a um substantivo, isto é, quando uma lexia flexível desempenha a função sintática de modificador do *keishikimeishi*, deve estar na forma flexionada *rentai*, a mesma forma com que se liga a um substantivo.

Resolvemos também denominar, neste trabalho, "modificador" (*rentai-shûshoku-setsu*)² o termo, a locução e a oração estruturalmente dependentes de um nome, ou especificamente, de um nome modificado, que denominamos, por sua vez, "núcleo de sintagma nominal" (*hishûshoku-go*)³. O *keishikimeishi*, desempenhando a função de núcleo do sintagma nominal, constitui com seu modificador um sintagma nominal. A ordem desses elementos na estrutura frasal, seguindo a estrutura de qualquer sintagma nominal japonês, é sempre modificador + núcleo do sintagma nominal.

Entretanto, há um aspecto que diferencia o *keishikimeishi* de outros substantivos e que merece destaque: ele se caracteriza pela ocorrência concomitante com o modificador, o qual complementa seu significado. Indicamos, nos exemplos abaixo, os

² O termo em japonês significa, literalmente, "constituente sintático que se liga a um nome, qualificando ou modificando-o".

³ O termo em japonês pode ser traduzido por "palavra modificada ou qualificada".

modificadores entre colchetes, e os *keishikimeishi*, como núcleo do sintagma nominal, sublinhados:

(a) [*Kare-no itta*] *koto*-wa *hontô-desu*.

[ele- SUJEITO disse] coisa-TÓPICO verdade-AFIRMAÇÃO

"(A coisa) O que [ele disse] é verdade."

(b) [*Haha-ga ie-ni itekureru*] *sei*-de, *anshinshite*

mãe-SUJ. casa-LUG. fica causa-AFIRM. com tranqüilidade

shigoto-ga dekimasu. (Nagara: 1987)

trabalho-CAPAC. posso

"Por causa [da minha mãe que fica em casa], consigo trabalhar com tranqüilidade."

Observamos, no exemplo (a), o *keishikimeishi koto* sendo modificado por *kare-no itta* "ele falou", conjunto sintagmático por nós traduzido por "o que ele disse". Ocorre que o sintagma "*koto-wa hontôdesu*" não constitui uma oração completa, uma vez que o *koto* utilizado isoladamente nesse contexto, sem modificador, não remete a um referente determinado. A lexia *koto* é portadora de inúmeros significados, tais como "fato", "evento", "ação", "coisa", cuja delimitação semântica só se efetiva mediante a presença e a função do modificador. Com o modificador, *kare-no itta*, torna-se clara a noção de *koto*: trata-se do conteúdo do que "ele disse", isto é, "a coisa ou o que ele disse". A noção "coisa" nesse contexto refere-se ao conteúdo da fala, portanto, em japonês, difere do

mono que trata de coisa enquanto "objeto", "seres", "pessoa", porém nunca se trata de conteúdo de pensamento ou de fala.

No exemplo (b), temos o modificador *Haha-ga ie-ni itekureru* "Minha mãe fica em casa" do núcleo do sintagma nominal sei "causa", constituindo uma oração adverbial "Porque a minha mãe fica em casa", subordinada à oração principal *anshinshite shigoto-ga dekimasu* "consigo trabalhar tranqüila". Assim como no exemplo (a), a ausência do modificador no *keishikimeishi sei* comprometeria a compreensão do enunciado como um todo.

Os gramáticos atribuem essa dependência sintática do *keishikimeishi* à sua natureza semântica, cujo conteúdo é considerado "genérico", "extenso", "abstrato" e "vago", por Yamada, Tokieda e Kieda, além de ser definido como aquele "que carece de referente substancial" por Matsushita. Essa carga semântica passa a ser definida e concretizada com o auxílio da carga semântica do modificador. Assim, a "dependência" semântica está diretamente relacionada à dependência sintática dos *keishikimeishi*.

Outros exemplos podem corroborar tais características:

(c) [*Shiranu*] furi- o *suru*.

[não sabe] gesto, aparência-O.D. fazer

"(Faz o gesto [de que não sabe])/ Finge que não sabe."⁴

⁴ Nem sempre a tradução para o português reflete o significado dos *keishikimeishi*, razão porque incluímos em certas partes a tradução

(d) [Asu iku] tsumori-da.

[amanhã ir] intenção AFIRM.

"(Tenho a intenção [de ir amanhã])/ Pretendo ir amanhã."

(e) [Taberu] tame-ni hataraku.

[comer] finalidade FINAL. trabalhar

"Trabalho (com a finalidade [de comer]) para comer."

(f) [Kiru] mono-ga nai.

[vestir] coisa SUJ.não tem

"(Não tenho coisa para vestir) Não tenho o que vestir."

(g) Nanimo kiitenai-nara [shiranai] hazu-da.

nada não tem ouvido-se [não sabe] probabilidade AFIRM.

"(Não há probabilidade [de que sabe]) Não deve saber, se não ouviu nada."

Sabemos, também, que os limites entre os *keishikimeishi* e os "não-*keishikimeishi*" não são muito claros, na medida em que os "não-*keishikimeishi*" seriam os *jisshitsu meishi*, ou seja, os substantivos propriamente ditos, ou substantivos "de fato", "que possuem substância". Há lexias que, conforme o contexto, requerem ou não um modificador. Quando uma

mais literal entre parênteses, inserindo palavras sublinhadas, como correspondentes aos *keishikimeishi*.

lexia se encontra sem o modificador, considerá-la-emos como substantivo propriamente dito, distinguindo-a de *keishikimeishi*. Apresentamos a seguir os exemplos dos substantivos propriamente ditos, que dispensam o modificador:

(h) *Sengo-wa mono-ga fusokushite taihendatta.*

pós-guerra-TÓPICO-bens-SUJEITO-faltava era difícil

"Após a guerra, era difícil porque faltavam bens (de consumo)."

(i) *Mono-mo iwanaide ano hito-wa satteitta.*

palavras-nem- sem falar- aquela-pessoa-TÓPICO- foi-se

"Sem dizer uma palavra, aquela pessoa se foi."

(j) *Ano hito-wa kuse-ga ôi.*

aquele-pessoa-TÓPICO-manias-SUJEITO-há muito

"Aquele pessoa tem muitas manias."

(k) *Koto-wa jûdai-da.*

fato-TÓPICO grave-AFIRMAÇÃO

"O fato é grave."

Os quatro exemplos acima citados (h, i, j, k) não possuem modificador, mas constituem enunciados sem prejuízo para a compreensão. Isso nos leva ao raciocínio de que essas lexias, *mono*, *kuse* e *koto* não dependem de modificador para constituir um sintagma

nominal, isto é, são portadoras de um conteúdo semântico próprio, distinguindo-se dos *keishikimeishi* que dependem do modificador.

Levando esses fatores em consideração, nossa denominação de *keishikimeishi* caberá a determinadas lexias que requerem um modificador, sem incluir dentro do nosso objeto de estudo as que são empregadas sem o modificador.

A dificuldade de se definir os *keishikimeishi* está relacionada, também, à dificuldade de se definir quando uma lexia pede ou não um modificador. Decorre daí uma outra dificuldade que é a de delimitar as lexias pertencentes ao grupo dos *keishikimeishi*, o que justifica as divergências entre os teóricos que trataram desse grupo. O número das lexias que pertencem ao grupo tem variado de 37 a 121. Yamada, embora não tenha dado ainda uma denominação aos "substantivos que requerem atenção especial", cita 37; Matsushita menciona 42 *keishikimeishi*, enquanto Sakuma enumera 67, considerando-o *kyûchakugo* de caráter nominal, e Ide chega a computar 121 *keishikimeishi*. A nosso ver, pelo fato de Ide considerar, em sua contagem, as lexias mencionadas pelos teóricos precedentes, e ainda por fazer constar as mesmas lexias em diferentes itens de sua classificação, isso torna sua contagem não somente maior, mas também mais completa. Podemos notar, por exemplo, que a lexia *mono* é contada duas vezes, pertencendo a dois itens, e a lexia *tokoro* é contada três vezes, por pertencer a três itens distintos.

É preciso considerar que, do ponto de vista sintático, os *keishikimeishi* fazem parte dos seguintes constituintes oracionais: constituem sujeito, predicado, complementos verbal e nominal, além de adjunto adverbial, sempre acompanhados de modificador(es).

Esse modificador, anteposto ao *keishikimeishi*, estará sempre ou com o morfema indicando caso genitivo, ou na forma flexionada *rentai*, forma própria para se ligar a um nome ou *taigen* em geral. Excluimos, portanto, do nosso objeto de estudo a ocorrência das *lexias* no final da frase, em que a *lexia* se liga não à forma *rentai*, mas à forma terminativa, ou seja *shûshikei*, como nos exemplos que mencionamos a seguir:

(l) *Orikôsan-da koto.*

esperto- AFIRM. EXCLAMAÇÃO

"Que esperto!" (dirigido para uma criança)

(m) *Mâ, kawaii koto.*

INTERJ.- gracioso-EXCLAMAÇÃO

"Oh, que graça!"

(n) A: *Ikasenai- yo.*

não deixo ir-tá

"Não vou deixar (você) ir, tá?"

B: *Ikitakunai mono*.

não quero ir - mesmo

"(Também), não quero ir (mesmo)".

Precedido do auxiliar verbal de afirmação *da*, e outros elementos sempre flexionados em forma terminativa, as lexias *koto* e *mono* no final da frase expressam a emoção do falante, tal como os morfemas finais, ou seja *shûjoshi*. Considerando que as partes precedentes das lexias *koto* e *mono* não são seus modificadores, como pode ser verificado na forma em que estão flexionadas, trataremos essas lexias como morfemas finais, e não *keishikimeishi*, nosso objeto de estudo e análise.

No que se refere ao aspecto semântico dos *keishikimeishi*, vale destacar o seu caráter polissêmico, exemplificando com os empregos de *tame* "bem", "finalidade", "causa, razão":

(o) [*Musuko-no*] tame-o *kangaeteiru*.

[filho-GENITIVO] bem-O.D. pensa

"Está pensando no bem [do filho]."

(p) [*Ryokôsuru*] tame- ni, *hataraku*.

[viajar] finalidade-AFIRM. trabalho

"Trabalho com a finalidade [de viajar]"

(q) [*Jiko-no*] tame, *shigoto-o yasunda*.

[acidente-GEN].causa trabalho O.D. faltei

"Faltei ao serviço, por causa [do acidente]."

Alguns *keishikimeishi* se caracterizam por seu caráter altamente polissêmico, como pode ser observado nos exemplos (o, p, q) acima mencionados, enquanto outros, como sei "causa, motivo", não apresentam o mesmo grau de polissemia, fazendo do grupo de *keishikimeishi* um conjunto constituído de lexias extremamente heterogêneas nesse aspecto. O ponto em comum entre os *keishikimeishi* quanto ao seu aspecto semântico é a dependência dos mesmos em relação ao modificador que complementa seu conteúdo semântico.

Definimos, a seguir, as características que marcam a subclasse de *keishikimeishi*:

- a) pertencendo a substantivos, apresenta formas inflexíveis ou invariáveis,
- b) constitui um grupo de lexias que tem a propriedade de ser núcleo do sintagma nominal,
- c) é sempre precedido de um (ou mais) modificador(es), na constituição do sintagma nominal,
- d) é portador de conteúdo semântico amplo, genérico, que requer uma complementação ou restrição, a ser efetivada por modificador,
- e) alguns apresentam alto grau de polissemia.

1.3. Definição das lexias *koto* e *mono*: aspectos lexicais e sintáticos

As duas lexias *koto* e *mono* são de origem japonesa. Etimologicamente, *koto* provém de *koto* "fato, ato, evento", do ideograma 事, e *koto* "palavra", "fala", do ideograma 言, que originou a palavra *kotonoha* "folhas de fala", que por sua vez deu origem a *kotoba* "palavra". A acepção de "palavra" e seu ideograma 言, porém, não é associada à lexia *koto* no japonês atual, exceto em palavras compostas, tais como *hitorigoto* (*hitori* "uma pessoa", *goto* "palavra") "solilóquio" e *hitokoto* (*hito* "um", *koto* "palavra") "uma palavra". Atualmente, sua acepção é "fato, ato, evento".

Mono, por sua vez, referia-se a "coisas específicas" escrito com o ideograma 物, que mais tarde, com a ampliação semântica, passou também a designar "seres existentes em geral". Também referia-se a "espíritos" e "poder de espírito" de *seirei*, 精靈, e a "pessoas". Atribuía-se a leitura *mono* aos ideogramas designativos de pessoa 者 e demônio 鬼, cuja noção está relacionada à expressão de modéstia, tratando de si próprio, ou discriminação de outrem (Itoi: 1978). Hoje, porém, tem-se como significado de *mono* as acepções "coisa" e "pessoa".

Os ideogramas chineses etimologicamente atribuídos a duas lexias são:

事 (*koto*) para "fato, ato, evento, coisa",
 物 (*mono*) para "objeto, coisa" e
 者 (*mono*) para "pessoa".

Hoje, porém, é comum esses *keishikimeishi* serem escritos com fonogramas *hiragana*, ao invés de ideogramas. Após a reforma lingüística de 1946, quando foi restrito oficialmente o uso de ideogramas para 1850 letras, os japoneses deixaram de escrever muitos dos ideogramas, substituindo-os pelo fonograma *hiragana*. A tendência de escrever as lexias nocionais ou com conceito em ideogramas, e as lexias relacionais ou gramaticais em fonograma *hiragana* já existia, mas a reforma parece ter-lhe dado impulso, reforçando essa tendência.

Os ideogramas acima referidos faziam parte do quadro de ideogramas instituído na reforma de 1946, chamado Tōyō kanji "Ideogramas atuais", e atualmente ainda fazem parte do quadro Jōyō kanji "Ideogramas usuais", instituído em 1981 (Bunkachō Kokugoka: 1982). Segundo Takebe (1973), no item "Sobre as formas de escrita de textos oficiais" da reforma, aprovada pelo Ministério em 1952, há indicação para que *koto* e *mono*, entre outras lexias, sejam escritas em fonograma *hiragana*, se forem *keishikimeishi*, e que "podem ser escritas em ideograma", quando considerados substantivos propriamente ditos, sendo empregados sem o modificador, ou "quando se referem a algo específico". O lingüista interpreta a última afirmação como "quando essas lexias apresentam um conteúdo semântico propriamente dito" (Takebe: 1973: 89),

interpretação com a qual não concordamos na íntegra, pois parece-nos que nem sempre uma referência específica será um conteúdo semântico propriamente dito.

Contribui certamente para a escrita de *koto* e *mono* em fonograma, o fato de que essas lexias são consideradas *keishikimeishi*, ou substantivos com referente vago e não *jisshitsumeishi*, ou seja, substantivos de conteúdo concreto ou noção precisa. A escolha de um ideograma na escrita da palavra remeteria ao leitor uma noção mais concreta e precisa do que uma palavra escrita em fonograma, o que não condiz com a característica própria do *keishikimeishi*, cujo referente se torna preciso somente com a presença do modificador.

Contudo, a dispensa de ideograma parece-nos apresentar o outro lado da questão: se de um lado reflete a natureza de um *keishikimeishi*, cujo conteúdo semântico não é considerado denso e substancial, por outro lado, no caso da lexia polissêmica como de *mono* (coisa/pessoa), a simples presença de modificador pode ser insuficiente para que haja uma compreensão imediata do seu referente. Um sintagma *taberu mono*, com a lexia *mono* escrita em fonogramas, pode ser interpretado "coisa que se come" ou "pessoa que come". A apreensão completa do significado atribuído à lexia num determinado contexto, portanto, só será possível com o que vier posposto ao sintagma nominal: o morfema indicador de caso e o verbo como elemento concatenador

do sintagma dentro da frase⁵. Isso nos leva a concluir, ou ao menos supor que, em alguns casos, como o de *mono*, em determinado enunciado, a presença de modificador não é suficiente para restringir o conteúdo semântico polissêmico do *keishikimeishi*.

Os termos *koto* e *mono* pertencem lexicalmente ao grupo de nomes gerais ou genéricos da língua japonesa, correspondentes a "coisa", "negócio", "pessoa", "ação" do português. Se de um lado *mono* se refere à "coisa", "objeto", "pessoa", "matérias que possuem alguma forma", e "natureza ou conceito abstraído dessas matérias", por outro lado *koto* designa o "ato", "fato", "função", "qualidade", "relação", ou "fenômeno", isto é, o ser, o modo, o estado e o fazer das matérias designadas *mono*, ou o evento que envolve o *mono*. Em outras palavras, sentir é considerado genericamente *koto*, enquanto que a sensação e sentimento são *mono*. Igualmente, falar é *koto*, e a fala, *mono*.

Koto expressa o fato e o ato, assim como a "coisa", enquanto conteúdo da fala, do pensamento, que se distingue da "coisa/objeto", expressa por *mono*. Esse referente "conteúdo" tem sua ligação com o conteúdo do fato, do ato que também é expresso por *koto*. É interessante notar que o ideograma 事 e a lexia /*koto*/ expressam o fato, a ação e também o conteúdo da fala, pensamento. Nesse sentido, o sintagma nominal formado por *hanasu* "falar" e *koto*

⁵ Denominamos "frase" o modelo em língua, a "entidade abstrata, teórica, do modelo do lingüista de sistema lingüístico" (Lyons: 1977: 33), em contraposição ao "enunciado", a realização da língua em discurso.

"ato ou conteúdo", pode ser compreendido de duas maneiras: o "ato de falar" ou o "conteúdo do que se fala (o que fala)". Concluimos, assim, que para haver uma apreensão precisa dessa lexia, a presença do modificador não é suficiente, requerendo uma contextualização maior.

O par *koto* "fato, ato" e *mono* "coisa, objeto" chamou-nos a atenção justamente por seu caráter altamente polissêmico, a que, mesmo se comparado aos demais elementos do grupo de *keishikimeishi*, se associa uma outra característica: apresentam uma ocorrência bastante alta no léxico da língua japonesa.

A pesquisa realizada por Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo (Instituto Nacional de Pesquisas sobre a Língua Japonesa - 1962), baseada em noventa revistas de diferentes gêneros, mostrou que *koto* e *mono* ocupam o 5º e o 11º lugar, respectivamente, das lexias mais utilizadas na língua japonesa. Apresentamos abaixo a lista dessas lexias:

1	<i>suru</i>	"fazer"
2	<i>iru</i>	"estar"
3	<i>ii(iu)</i>	"dizer"
4	<i>ichi</i>	"um" (numeral)
5	<i>koto</i>	"fato, ato, evento, coisa"
6	<i>nari(naru)</i>	"tornar-se"
7	<i>reru/rareru</i>	(auxiliar verbal que indica voz passiva)

8	<i>ni</i>	"dois" (numeral)
9	<i>ari (aru)</i>	"haver, existir"
10	<i>sono</i>	"esse"
11	mono	"coisa, objeto, pessoa"

Verifica-se na lista uma predominância de verbos. Considerando que os verbos, com sua natureza assertiva, constituem uma categoria importante na estrutura frasal pela função predicativa ou concatenadora que nela exercem, é interessante notar que, juntamente com esses verbos, as lexias *koto* e *mono* fazem parte do léxico mais corrente dentro da língua japonesa.

No que se refere aos aspectos sintáticos da língua japonesa, vale dizer que ela pertence ao grupo das línguas que apresentam a estrutura frasal SOV (sujeito-objeto-verbo). A estrutura do sintagma nominal da língua japonesa apresenta o núcleo sempre precedido pelo(s) seu(s) modificador(es). Os *keishikimeishi koto* e *mono*, que apresentam sintaticamente as características de um substantivo, constituem o núcleo do sintagma nominal, precedidos de modificadores, como mostram os exemplos a seguir⁶:

⁶ As traduções entre parênteses são literais, para possibilitar a comparação com o original, seguidas de traduções não literais, aspeadas. Ainda, para fazer a correlação entre o original e a tradução, apresentamos o modificador entre colchetes, e o núcleo do sintagma nominal sublinhado.

(r) [*Itsumo undôsuru*] koto- ga taisetsu-da.

[sempre fazer exercícios físicos]-ato- SUJEITO importante- AFIRM.

(É importante o ato [de praticar sempre exercícios físicos].)

"É importante praticar sempre exercícios físicos."

(s) [*Rokugatsu-ni ryokôshita*] koto-o omoïdashita.

junho-LOC.TEMP. viajei fato-OD lembrei

(Lembrei-me do fato [de que viajei em junho])

"Lembrei-me de ter viajado em junho."

No exemplo (r), o *keishikimeishi koto* "ato" é precedido pelo modificador *itsumo undôsuru* "praticar exercícios sempre", constituindo o sintagma nominal "praticar sempre exercícios físicos" em português. No exemplo (s), *koto* "fato" é precedido pelo modificador que expressa seu conteúdo, *rokugatsuni ryokôshita* "viajei em junho", e foi traduzido "ter viajado em junho". Em ambos os casos, os conteúdos semânticos "ato" e "fato" de *koto* foram conservados em português pela escolha dos verbos, e seu caráter nominal foi traduzido pela escolha do modo infinitivo do verbo.

Diferentemente dos exemplos mencionados acima, que trazem os *keishikimeishi koto* e *mono* com seu referente próprio, os exemplos seguintes mostram os empregos das mesmas lexias desempenhando a função modalizadora, uma vez que o locutor ou o escritor, ao dizê-las ou escrevê-las dentro de um contexto, efetivam suas intenções de influenciar a conduta do

interlocutor. No final da oração, seguidos do auxiliar verbal de afirmação *da*, ou do auxiliar de afirmação polida *desu*, os *keishikimeishi koto* e *mono* adquirem a função modalizadora, exprimindo sugestão e imposição, respectivamente.⁷

(t) *Toshokan-de benkyôsuru koto-desu.*

biblioteca-LOC- estudar- ação- AFIRMAÇÃO POLIDA

(É **ato** de estudar na biblioteca.) "A minha sugestão/ é estudar na biblioteca"

(u) *Kodomo-wa hayaku neru mono-da.*

crianças-TÓPICO-cedo- dormir-natureza-AFIRM.

(As crianças, por **natureza**, dormem cedo) (A **natureza** das crianças é a de dormir cedo)

"/Vocês/, crianças, devem dormir cedo"

Proferido num determinado contexto (por exemplo, um aluno pede, ao seu professor, sugestão de onde estudar), o exemplo (t) pode soar como uma sugestão, mesmo sem as expressões como "Eu sugiro" ou "Minha sugestão é". Vale observar que a frase que contém a expressão *koto-da* com função modalizadora restringe a colocação do "eu" sujeito, aceitando apenas a segunda ou a terceira pessoa para quem é dirigida a sugestão. O exemplo (u) ilustra um emprego do *mono*, expressando

⁷ Indicamos entre barras as interpretações que fazemos a partir do contexto situacional, mas não expressas verbalmente nos exemplos.

uma imposição. A afirmação dirigida à(s) criança(s), que não querem dormir, produz um efeito impositivo, pois o falante quer fazer da afirmação "As crianças, por natureza, dormem cedo" uma regra geral, impondo-a mesmo para quem não compartilha da mesma opinião.

Enfocamos, para definição provisória de *koto* e *mono*, os aspectos léxicos, envolvendo a etimologia, a escrita, relacionando com seus aspectos polissêmicos, e a ocorrência na língua japonesa. Em relação aos aspectos sintáticos, enfocamos seus empregos enquanto núcleo do sintagma, desempenhando sua função dentro do conteúdo proposicional. Os últimos exemplos ainda fazem parte do emprego de *koto* e *mono* dentro do conteúdo proposicional, porém adquirindo um caráter modalizador. Traçamos dessa maneira, ainda que provisoriamente, as características que marcam os *keishikimeishi* e especificamente as lexias *koto* e *mono*, que no capítulo III retomaremos para a análise e interpretação mais aprofundada.

CAPÍTULO II

HISTÓRICO DA CLASSIFICAÇÃO TAXIONÔMICA NA TRADIÇÃO JAPONESA E O *KEISHIKIMEISHI*; A TRADIÇÃO HISTÓRICA DOS ESTUDOS DE *KEISHIKIMEISHI*

1. As primeiras noções taxionômicas da língua japonesa

Uma vez estabelecida a definição dos *keishikimeishi* da língua japonesa no capítulo I, convém, neste capítulo, realizar um resgate histórico da taxionomia da língua japonesa, objetivando situar nele o surgimento da designação *keishikimeishi* e, ao mesmo tempo, localizar as lexias *koto* e *mono* em alguns textos de períodos Nara e Heian.

Para poder explicar o surgimento da concepção dos diferentes tipos de palavras entre os japoneses, começaremos pelo período da introdução da escrita chinesa, constituída de ideogramas. O contato com a língua estrangeira, a chinesa, muito diferente da japonesa, a adaptação do código lingüístico do chinês ao sistema japonês e a criação de um outro código - os fonogramas - para uso próprio constituíram todo um processo de atividades que certamente contribuíram para desenvolver uma percepção maior em relação à língua japonesa e suas diferentes classes de palavras. Essas considerações serão apresentadas nos itens 1.1 e 1.2 deste capítulo.

Mesmo durante o período da formação da consciência taxionômica ou da classe de palavras por parte dos japoneses, constatamos o uso e a menção aos

elementos que hoje chamamos de *keishikimeishi*. Pode-se verificar o emprego dos *keishikimeishi koto* e *mono* na primeira obra literária japonesa, do séc. VIII, no registro de sinais utilizados para leitura de textos chineses do séc. IX e nas obras registradas que foram conservadas até os nossos dias. Mesmo os jesuítas portugueses do século XVII fizeram referência às lexias nos seus dicionários compilados em português.

É necessário observar que os japoneses da Antigüidade e do período posterior, no processo de aquisição de informações culturais e filosóficas da China, empreendiam as tentativas de ler textos de origem chinesa, atividade que consistia em inserir os elementos gramaticais japoneses nas entrelinhas dos textos. E havia também a tentativa de se expressar utilizando ideogramas chineses e fonogramas criados por eles próprios, a partir de ideogramas, o que resultou numa forma de escrita do texto em que se combinam as letras ideográficas e fonográficas, com a sintaxe da língua japonesa.

O estudo da língua japonesa no Japão teve início como uma atividade inteiramente ligada aos estudos da composição poética. Esmerando-se nas técnicas de criação literária, inicialmente do poema tradicional *waka*, e, posteriormente, do poema encadeado denominado *renga*, a classe dominante, envolvida nos processos de criação e apreciação desses poemas, buscava melhores efeitos estilísticos e usos eficazes de certos morfemas e auxiliares verbais em seus versos. Deve-se ressaltar, assim, a importância dos estudos da língua japonesa, desenvolvidos entre os períodos Heian e Azuchi-Momoyama (séculos VIII a XVII), que tiveram

como motivação o estudo de composições poéticas, para a percepção dos diferentes efeitos expressivos de cada elemento lingüístico. Este será o tema central do item 1.3 deste capítulo.

O contato dos japoneses com os jesuítas, nos séculos XVI e XVII, não os levou a tomar conhecimento de gramáticas de línguas ocidentais nem da visão gramatical que os jesuítas tiveram em relação à língua japonesa, tema que será tratado no item 1.4.

No período Edo, voltados para a interpretação de seus clássicos, os pesquisadores dos Estudos Nacionais, ou seja, *kokugakusha*, desenvolveram sua própria visão taxionômica da língua japonesa. Por outro lado, nesse mesmo período houve uma tentativa de sistematização da língua japonesa, diferente daquela proposta pelos estudiosos de *kokugaku*, desta vez baseada na gramática holandesa. Isto será apresentado no item 2.

Com a Restauração Meiji, e a conseqüente introdução de conhecimentos sobre o Ocidente, os japoneses conheceram tratados gramaticais de algumas línguas ocidentais, começando pela inglesa, o que trouxe grande influência na elaboração da taxionomia japonesa do período. É só no início do nosso século que surgem os grandes teóricos, capazes de conciliar as teorias tradicionais japonesas e ocidentais e tornar conciente em suas reflexões, do grupo de palavras mais tarde denominadas *keishikimeishi*. A apresentação desses teóricos surgidos no período Meiji e nos períodos subseqüentes serão desenvolvidos no item 3, também deste capítulo.

Apresentaremos, a seguir, uma visão histórica dos estudos lingüísticos concernentes à classificação taxionômica da língua japonesa desde os seus primórdios até o início do nosso século, quando se chega às considerações acerca do *keishikimeishi*. O objetivo desse procedimento é situar o *keishikimeishi* na história da taxionomia da língua japonesa, abordando o tratamento taxionômico das lexias *koto* e *mono* em certos textos. Em seguida, passaremos ao tratamento dispensado ao *keishikimeishi* pelos diversos teóricos.

Para a elaboração do histórico da taxionomia da língua japonesa referente aos séculos V a XIX, tomaremos como fonte, principalmente, as obras *Kenkyû Shiryô Nihon Bunpô* "Gramática da língua japonesa - materiais de análise" de Suzuki e Hayashi (org.-1984), e *Kokugogakushi* "História da língua japonesa" de Furuta e Tsukishima (1972), dentre outras. As fontes antigas às quais tivemos acesso foram as obras do padre João Rodriguez, publicadas em 1604 e 1620, respectivamente.

Para sanar as dificuldades provenientes da diversidade terminológica proposta pelos teóricos quanto à divisão histórica do Japão, adotamos os seguintes termos para os vários períodos, com suas respectivas datas:

- período anterior a Nara (~710)
- Nara (710-794)

- Heian (794-1192)
- Kamakura, Muromachi, Azuchi-Momoyama (1192-1603)
- Edo (1603-1867)
- Meiji (1867-1912)
- Taishô (1912-1926)
- Shôwa (1926-1989)
- Heisei (1989-)

1.1. Início da percepção de diferentes elementos lingüísticos

O contato com a língua chinesa, diferente da japonesa, certamente propiciou aos japoneses uma percepção maior em relação à própria língua. Os antigos japoneses, ao traduzir do chinês para o japonês, ou vice-versa, certamente tiveram consciência de que havia palavras com um mesmo referente em ambas as línguas, e outras, sem o referente comum. E escrever em língua japonesa, utilizando letras chinesas ou ideogramas, não era trabalho fácil, como registra Ôno Yasumaro, em chinês adulterado (*junkanbun*), no prefácio da obra *Kojiki*, escrita em 712. Apresentamos a seguir um trecho da obra em que o autor faz essa menção:

"Entretanto, é um tempo antigo, todas as palavras e os significados são simples e expressar-se em

frases e montar os versos utilizando-se das letras⁵⁶ é deveras difícil. Escrevendo tudo através do estilo japonês⁵⁷, não coincidiriam as palavras e os sentidos⁵⁸ e, escrevendo tudo através do estilo chinês⁵⁹, a narrativa dos fatos tornar-se-ia deveras longa."

56 Isto é, expressar-se por escrito por meio dos ideogramas chineses.

57 Estilo japonês, literalmente "leitura pelo significado", é a utilização do ideograma chinês no seu aspecto semântico.

58 Isto é, não haveria coincidência dos significados dos ideogramas com o das palavras antigas em japonês.

59 Estilo chinês, literalmente "leitura pelo som", é a utilização do ideograma chinês com o aproveitamento apenas de seu caráter fonético.

(de *Kojiki*, tradução e notas de Mietto: inédita)

Um dos resultados desses esforços foi um tipo de escrita chamado *senmyôgaki* "escrita ao estilo das ordens imperiais", existente desde o século VII¹, e usado para escrever ordens imperiais (*senmyô*) e orações para rituais xintoístas (*norito*).

Os textos denominados *senmyôgaki* eram escritos na sua maioria obedecendo à sintaxe japonesa (Sato: org. 1986; Habein: 1984). As ordens imperiais tinham que ser expressas oralmente, muitas vezes por um ministro atuando em nome do imperador, de acordo com a sua declaração, feita em japonês. A oração, ou seja,

¹ O mais antigo *senmyô* encontrado data do ano 697, (Yamasaki: 1981), portanto, mais antigo que os registros históricos *Kojiki* e *Nihonshoki*, bem como a antologia *Man'yôshû*.

norito, também era recitada oralmente em determinados rituais, sem a mudança ou troca de palavras, mantendo a tradição histórica. Tanto *senmyô* quanto *norito* tinham uma forma fixa, com frases fixas, e eram recitados em um determinado ritmo, o que nos faz supor um certo comprometimento com a forma: não eram prosa de forma livre. Porém, o aparecimento de *senmyôgaki* é significativo para a história da língua japonesa no sentido de ter sido a primeira tentativa de se escrever em prosa japonesa, incluindo todos os elementos gramaticais, ainda que fazendo uso somente de ideogramas chineses.

Inicialmente escrito num só tamanho de letras, o *senmyô* passou a ser escrito em dois tamanhos de caracteres:

a) os ideogramas em tamanho maior eram usados para a representação de idéias próprias;

b) os ideogramas em tamanho menor representavam, por meio de sua leitura fonética de origem chinesa, não o conteúdo ideográfico, mas sua função como elementos gramaticais japoneses, como morfemas, auxiliares verbais flexíveis e sufixos, não existentes na língua chinesa.

A oração (*norito*) registrada na obra *Engishiki* e a ordem imperial (*senmyô*) datada de 757 trazem os *keishikimeishi koto* e *mono* em tamanho maior, como os ideogramas descritos no item a), acima referido.

Nesses textos, o autor registrou-os como para representar as idéias próprias de seu conteúdo semântico. Apresentamos a seguir um texto, uma ordem imperial, destacando, com círculo, os *keishikimeishi koto* e *mono*:

天皇我大命良未等宣布大命乎衆聞
 食倍止宣此乃天平勝寶九歲三月
 廿日天乃賜倍留大奈留瑞乎頂尔受
 賜波理貴美恐美親王等王等臣
 等百官人等天下公民等皆尔受
 所賜貴刀夫倍支(物)系雖在今間供
 奉政乃趣異志麻尔在尔他支(事)交倍波
 恐美供奉政畢且後尔趣波宣乎
 加久太禰母宣賜禰波汝等伊布加
 志美意保々志念乎加止奈母所
 念止宣大命乎諸聞食宣
 三月廿五日中午務卿宣命

(Ordem Imperial de 757)

A escrita de letras em tamanhos diferentes no texto de *senmyô*, como vimos, sugere que os autores desses textos faziam, desde essa época, conscientemente ou não, a distinção de palavras, ainda que não se encontre uma correspondência rigorosa e sistemática entre o tamanho de letras e o tipo de palavras (Sato: org. 1986).

A prática de distinção de palavras pelo tamanho de letras vai se traduzir, posteriormente, na adoção de letras diferentes - fonogramas e ideogramas - para

continuar representando diferenciadamente as palavras de natureza distinta.

O primeiro texto escrito em ideogramas e fonogramas *katakana* (*kanamajiribun*), datado do período compreendido entre 821 e 876, é conhecido como *Tôdaiji Fûju Monkô*. Trata-se de uma oração escrita para ser lida no cerimonial budista, relembrando os finados pais, cuja autoria é atribuída a um monge. Seu estilo de escrita é chinês, com a leitura registrada em forma de *senmyôgaki*. Nesse texto, *koto* e *mono* se encontram escritos em ideogramas, porém em letras menores, tal como o verbo auxiliar *tamou* "fazer", em forma de respeito:

見(レ)ドモ見(レ)ドモ飽(キ)足(ラ)不(ザル)ハ
(チチキミ)イケラオモホ
 父(チチ)公(キミ)ガ愛(イ)念(ネン)セリシ御(ミ)貌(カホ)ナリ。

世(ノ)中(ニ)生(キ)トシ生(キ)ヌル人(ハ)
 父(チチ)母(ハハ)之(ノ)恩(オン)ヲ蒙(モウ)ラ不(ズ)ト云(フ)無(シ)ク

(de *Tôdaiji Fûju Monkô*)

Compreendemos, através dessa constatação, que para o autor do *Tôdaiji Fûju Monkô* os *keishikimeishi koto* e *mono* eram concebidos como elementos auxiliares, não havendo correspondência de tratamento com a oração e a ordem imperial que citamos anteriormente.

uma prosa escrita totalmente em sintaxe japonesa, com ideogramas chineses e fonogramas japoneses *katakana*, diferentemente da obra *Man'yôshû*, que teve que recorrer inteiramente a letras chinesas. A disposição de diferentes elementos se encontra da seguinte maneira em *Konjaku Monogatari*:

- a) os elementos nocionais representados em ideogramas chineses, escritos em tamanho maior, e
- b) os elementos gramaticais e as flexões do verbo, escritos em fonogramas *katakana* e em letras menores.

Os *keishikimeishi koto* e *mono*, escritos em ideogramas, são grafados em letras grandes, tal como no item a), com outros elementos nocionais no texto *Konjaku Monogatari*:

心ニ懸テ待ツ
事ハナレ

寝心ニモ急ト思エテ、

然レバ弥ヨ池ニ住ム者ニヤ有トラム怖シク思ニケル其ノ後、

(de *Konjaku Monogatari*)

Ao observar como foram escritos os *keishikimeishi koto* e *mono* em alguns dos textos que marcaram a fase inicial da história da língua japonesa, percebemos que havia oscilação quanto à forma de seus registros entre um texto e outro. A constatação da oscilação nos registros não nos permite, portanto, chegar a uma conclusão definitiva quanto à concepção dos japoneses da época em relação a essas lexias.

A percepção da existência de diferentes "tipos" de palavras, na realidade, já se constatava bem antes do século XII, na antologia *Man'yôshû*. No vol. 19, o poeta e compilador da obra Ôtomono Yakamochi compõe dois poemas sobre o rouxinol (poemas números 4175 e 4176), e afirma numa nota ter propositalmente omitido os morfemas, chamando-os de "palavras":

- *mo* "também", *no* (genitivo), *wa* (tópico), *te* (conectivo de coordenação "e"), *ni* (objeto indireto) e *o*(objeto direto).

A omissão e as notas atestam a consciência existente naquela época de que esses elementos - denominados *ji*, com a simples acepção de "palavras", pelo poeta², mas distintos de outros termos - eram

² No período Nara em que as notas desses poemas foram escritas, a lexia "*ji*" era concebida como "palavra(s)" pelo próprio poeta Otomono Yakamochi, e não como "relacionais" em oposição a "nacionais", como fez posteriormente Tokieda.

importantes e indispensáveis na expressão da língua, o que justifica o interesse em fazer a composição sem os mesmos, como mostra de sua maestria literária.

Os mesmos morfemas destacados ou propositalmente omitidos em *Man'yôshû* no séc. VIII fazem integralmente parte do *tenzu*, quadros de pontos e sinais, convencionados para indicar, junto aos textos chineses, flexões verbais e morfemas gramaticais japoneses para facilitar a leitura. Faremos, a seguir, uma explanação dos quadros de pontos que orientavam a leitura de textos chineses, muito utilizados entre os séculos VIII e XIII, antes, durante e após o período Heian.

1.2. Formação da consciência de diferença taxionômica

Os materiais existentes indicam que, no Japão, desde o século VIII, fim do período Nara, até o período Kamakura, século XIV, praticava-se a leitura japonesa dos textos chineses, chamada *kanbun kundoku*. É um método de leitura voltado ao processo de tradução, com certas adaptações, pois visa a apoiar-se no texto chinês clássico, língua predominantemente isolante, para fazer a leitura em japonês, língua predominantemente aglutinante. Com a finalidade de facilitar a leitura, os monges e estudiosos de textos chineses escreviam letras ou aplicavam pontos ou

Yakamochi, e não como "relacionais" em oposição a "nocionais", como fez posteriormente Tokieda.

sinais nas entrelinhas do texto, ao redor de ideogramas ou sobre os mesmos. A marcação de sinais era feita ora com pó branco (*gofun*) ora com tintas de cor vermelha, preta, azul-anil, verde. Em alguns casos especiais, era feita mediante riscos no papel, utilizando objetos rígidos como marfim, chifres, bambus e outros.

Como a ordem sintática SVO do chinês difere da ordem japonesa SOV, os estudiosos japoneses, para facilitar a leitura, inseriam numerais ou sinais de inversão, chamados *kaeriten* "pontos de inversão", indicando que a ordem de determinada parte da frase deve ser invertida. O sinal era colocado do lado esquerdo superior da parte que deve sofrer a inversão. Tal mudança de ordem na leitura valia para unidades sintáticas ou para partes da frase, por exemplo: [Eu estudo 2 os textos chineses 1] em chinês, que, ao ser invertido, seguindo a orientação dos numerais, será lido em japonês: [Eu os textos chineses estudo]. Valia, além disso, para a locução [não ✓ ler] em chinês, que, ao seguir o sinal, será lida [ler não], de acordo com a regra sintática japonesa.

Uma outra adaptação consistia em escrever as letras, chamadas *kanaten*, nas entrelinhas do texto chinês, para indicar os morfemas e os auxiliares verbais. Eram utilizados *man'yôgana*, sua forma cursiva (*sôgana*), *hiragana* ou *katakana*, variando de acordo com a época, o autor e o gênero do texto. As letras mais usadas eram *katakana*.

Outra adaptação consistia na inserção de sinais chamados *okototên* - pontos, linhas retas ou cruzadas,

círculos, tais como: . - | \ / O ⊥ + etc. - que se convencionaram para indicar determinados elementos existentes no japonês, língua-alvo, porém inexistentes na língua-fonte. Esses sinais, em cores diferentes do original, eram aplicados ao redor de ideogramas, ou seja, em determinada parte da margem quadrada que cerca os ideogramas ou, em alguns casos, até sobre as letras, por exemplo no centro do quadrado.

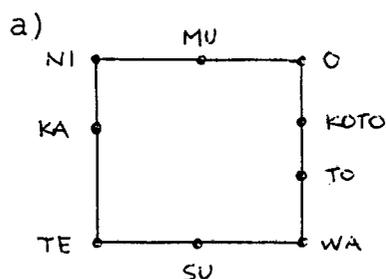
Os pontos de *okototen* indicavam:

- morfemas vários, como objeto direto (*o*) e indireto (*ni*), tópico (*wa*), genitivo (*no*) e outros;
- auxiliares verbais indicadores de passado, negação, polidez, suposição e outros;
- *keishikimeishi* vários, como *toki* "tempo(quando)", *mono* "coisa", *koto* "fato";
- partes flexionais de verbos e adjetivos,
- verbos auxiliares *ari* "haver", *iu* "dizer", *omou* "pensar";
- verbos de tratamento *tamô* "tomar, comer (forma de modéstia)" ou "dar, conceder (forma de respeito)", *tatematsuru* "dar, oferecer (forma de modéstia)", *imasu* "estar (forma de respeito)", *môsu* "dizer (forma de modéstia)", *notamô* "dizer (forma de respeito)"

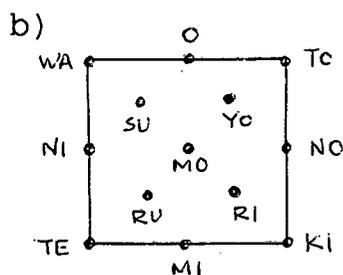
(*Kokugo Gakkai* - org.: 1980).

A sistematização dos sinais localizados na margem que cerca o ideograma é chamada *tenzu*. Os quadrados do *tenzu* e suas convenções variam de acordo com o templo

ou escolas. Um ponto colocado, por exemplo, do lado direito superior de uma letra, representa o morfema *o*, indicador de objeto direto, de acordo com as convenções de leitura da escola Hakaseke (ex.a), enquanto que para a escola Bukke (do templo Tôdaiji), indica o morfema *to* "com", de companhia (ex.b), como mostramos a seguir:



escola Hakaseke



escola Bukke do templo Tôdaiji

O *tenzu* do exemplo a) de Hakaseke indica, do lado direito superior, os pontos do morfema *o* de objeto direto e do *keishikimeishi koto*. São esses dois pontos que deram origem ao nome genérico de *o-koto-ten*, literalmente "pontos de *o* e *koto*" chamado também *tenihaten* ou *teniohaten*, que significam, respectivamente, "pontos de *te, ni, ha*" e "pontos de *te, ni, o, ha*". Os "pontos" se referem genericamente a elementos gramaticais ou qualquer elemento considerado importante e inserido nas entrelinhas de textos chineses pelos estudiosos japoneses.

Os *tenzu*, muito variados de um texto para outro na fase inicial de uso, passaram a fixar suas formas de acordo com a escola. As aplicações de *okototen* tiveram sua fase de uso intenso no período Heian, sofrendo declínio posteriormente no período Kamakura,

sendo completamente substituídas por *kanaten* no período Edo, quando as técnicas de impressão já estavam desenvolvidas (Kasuga - org.: 1985: 34).

Os morfemas indicados em comum em todos os quadros de *tenzu* existentes, sistematizados por Nakata (1954), foram *te, o, ni, ha, to, no, mo, ka*, e eles incluem todos os elementos referidos nos dois poemas anteriormente mencionados, nos. 4175 e 4176 de *Man'yôshû*, escritos no período anterior, Nara. Percebemos, assim, que a consciência da importância desses elementos manifestada nos poemas de *Man'yôshû* mostrou sua continuidade entre os japoneses do período Heian.

Podemos, então, resumir da seguinte maneira as manifestações da consciência que distinguia os diferentes tipos de palavras, em textos japoneses e em textos chineses com anotações para leitura em japonês:

a) na poesia japonesa, verificada na obra *Man'yôshû*, do século VIII, encontram-se poemas com omissão de certos morfemas, conforme a nota do próprio poeta, Ôtomono Yakamochi. Também na mesma obra, constam poemas em que o uso distinto de ideogramas - letras indicando as idéias (*shôkun*) e outras indicando os sons (*man'yôgana*) - atesta a diferenciação de tipos de palavras.

b) na prosa escrita em sintaxe japonesa, representada por *senmyôgaki*, no século VIII, os elementos gramaticais e partes flexionais são grafados em letras

menores, contrastando com as letras maiores que representam noções e idéias. No século XII, no entanto, na obra *Konjaku Monogatari*, a distinção entre os dois tipos básicos de lexias é feita escrevendo-os em letras diferentes, ideogramas e fonogramas *katakana*.

c) na prosa chinesa, os morfemas e flexões são, também, inseridos em letras menores, e representados pelos pontos, chamados *okototen*, muito usados no período Heian, do séc. VIII ao XII.

No que se refere às lexias *koto* e *mono* em particular, é interessante observar suas ocorrências nos registros que acabamos de mencionar. Na obra *Man'yôshû*, *koto* e *mono* são grafados ora com seus ideogramas próprios (*shôkun*), ora com outros ideogramas utilizados para leitura exclusivamente fonética (*man'yôgana*):

koto - 事、言、辞 (*shôkun*) 許等、許登、己等 (*man'yôgana*)
mono - 物、者、鬼 (*shôkun*)、物己、物能、母能、母乃、毛乃 (*man-yôgana*)

Nos textos chineses que registram anotações para facilitar os leitores japoneses, *koto* e *mono* faziam parte dos elementos gramaticais japoneses, inseridos em forma de fonograma, ou representados pelos pontos ou sinais.

Concluimos, através dessas observações, que não havia uniformidade de tratamento dessas lexias nos registros da Antigüidade. O conteúdo semântico que os ideogramas possuem parece ter valido quando os ideogramas *koto* e *mono* eram escritos em tamanho maior, e o caráter relacional - ou gramatical - de *koto* e *mono* parece ter prevalecido sobre o caráter nocional dessas lexias quando eram escritos em letras menores, assim como nas anotações de textos escritos em chinês.

Certamente foi o caráter gramatical desses elementos presentes em textos japoneses e chineses que fez, alguns séculos mais tarde, João Rodriguez considerá-los "partículas" (1604: 78) e não substantivos. Antes de abordarmos o trabalho de Rodriguez, porém, vamos nos referir às primeiras "classes de palavras" registradas por escrito.

1.3. O surgimento das primeiras classes de palavras

A prática da composição de poemas em estilo japonês *waka* era bastante corrente na sociedade japonesa desde a Antigüidade, o que pode ser observado na antologia *Man'yôshû* já citada em nosso trabalho. Nela constam poemas não só dos membros da família imperial e de aristocratas, mas também de pessoas anônimas que não pertenciam à classe dominante. Ainda nos períodos Heian (séculos VIII-XII), Kamakura e Muromachi (séculos XII-XVI), as práticas de composição e avaliação de poemas em *utaawase* ou *saraus* poéticos

era constante, o que propiciou a publicação não só de antologias poéticas, mas também de manuais e estudos críticos sobre composição poética. Esses manuais freqüentemente tratavam do uso de prefixos, sufixos e "palavras-travesseiro" (*makura-kotoba*)³, como também tratavam de questões referentes ao funcionamento de morfemas e auxiliares verbais, chamados de *teniha* ou *tenioha*. O nome *teniha* tem origem nos morfemas *te*, equivalente à conjunção "e" do português, *ni* indicador de objeto indireto e *ha*, ou *wa*⁴, indicador de tópico. No caso de *tenioha*, acresce-se o morfema *o*, indicador de objeto direto. Vale ressaltar que os estudos da língua começaram, assim, atrelados ao estudo da composição poética, inicialmente do poema tradicional *waka*, e posteriormente do *renga*.

Por volta dos períodos Kamakura e Azuchi-Momoyama (séculos XII ~ XVII), a expansão da poética tradicional *waka* se estabiliza e dá lugar ao *renga*, poemas de composição coletiva cuja prática se tornou bastante freqüente também em *sarais*. Seguindo os estudos da língua voltados à composição da *waka*, as pesquisas do funcionamento dos morfemas *teniha* se intensificaram nos estudos do *renga*, enfocando desde o aspecto lexical até o gramatical. O linguísta Maeda

³ *Makura-kotoba* é uma das técnicas de expressão freqüentemente utilizadas em poema japonês tradicional *waka* (de 5-7-5-7-7 sílabas). Segundo Wakisaka, "O *makura kotoba* apresenta-se como um termo composto de cinco sílabas em média, que precede geralmente um substantivo, com o qual mantém uma relação fixa e constante em qualquer contexto" (1992:124). A tradução literal de *makura-kotoba*, "palavras-travesseiro", foi encontrada em Rónai (1987: 88).

⁴ O morfema de tópico é *wa* na realização fonética, mas a letra usada em fonograma é *ha*, pois conserva o fonograma histórico (*rekishiteki kanadzukai*), tal como os morfemas *o* de objeto direto e *e* de direção.

explica um dos motivos da expansão dos estudos sobre o *teniha* da seguinte maneira:

"O avanço notável que esses estudos tiveram certamente se deve ao fato de que o *renga* possui mais restrições do que o *waka* na composição."

(Maeda: 1985: 14)

Nesse período, os japoneses, buscando modelos poéticos nos seus clássicos, viram-se diante da necessidade de elaborar manuais com estudos interpretativos, haja vista a distância que já existia com relação à língua daquela época. Diferentemente da época de *Man'yôshû* do período Nara, quando os japoneses se conscientizaram da distância entre a sua língua e a chinesa, os japoneses do período Kamakura perceberam a diferença de valores expressivos ou estilísticos existentes dentro da própria língua japonesa, resultantes do uso distinto de cada morfema.

Foi nesse contexto, no fim do período Kamakura (por volta de 1330), que foi escrita a obra *Teniha Taigaishô*, um manual de composição da poética tradicional *waka*, que discorre principalmente acerca dos *teniha*. O manual traz uma passagem na qual o autor desconhecido afirma a importância dos elementos relacionais e define metaforicamente as *lexias* da seguinte maneira:

"Os elementos nocionais '*shi*' são como os pavilhões principais dos templos, e os elementos

relacionais 'teniha' são como os adornos que os embelezam solenemente. Assim como os adornos que determinam a categoria dos templos, é por meio dos *teniha* que se avalia a qualidade dos poemas tradicionais." (...) "Os elementos nocionais 'shi' têm seus limites quanto ao significado e emprego, mas o uso hábil de elementos relacionais 'teniha' proporciona aos elementos nocionais novas e livres expressões. É o *teniha* que possibilita, utilizando os elementos nocionais limitados, expressar a alma ilimitada."

(*apud.* Nakayama: 1984: 220-2)

Embora a obra não tenha proposto uma classificação taxionômica propriamente dita, mas sim uma tipologia de palavras que exerciam efeito estilístico em poemas, a oposição entre os elementos nocionais e relacionais (*shi* e *teniha*), nela constantes, serviu de base para as teorias taxionômicas posteriores relativas à língua japonesa.

As considerações constantes na obra *Tenihai Taiganishô* foram resgatadas no período posterior Edo, por Motoori Norinaga, que comparou os elementos nocionais a gemas ou pedras preciosas, e os elementos relacionais à linha que as une, e em Suzuki Akira, seu discípulo, que definiu os elementos relacionais como a "voz da alma" que liga os elementos nocionais. As diferenças fundamentais entre os elementos nocionais e relacionais foram altamente valorizadas por Tokieda Motoki no desenvolvimento de suas teorias sobre o "*Shijiron*", "Teoria sobre os elementos nocionais e

relacionais". Retomaremos esses teóricos nos itens subseqüentes.

Pela influência que exerceu sobre os estudos posteriores, a obra *Teniha Taigaishô* é considerada precursora da taxionomia japonesa, ou um marco importante para a consolidação da consciência taxionômica de palavras da língua japonesa.

Essa obra teve repercussão entre os contemporâneos, visto que Sôgi, exímio poeta de *renga*, escreveu um comentário crítico e interpreta-tivo a seu respeito em *Teniha Taigaishôno Shô* "Tratado sobre *Teniha Taigaishô*", aprofundando as reflexões sobre o tema.

Entretanto, enquanto classificação de palavras à época, era comum a adoção de três classes taxionômicas, *monono na*, *kotoba* e *teniha*, que constam na obra *Renrihishô* (1349), um manual de composição de *renga*, de autoria de Nijô Yoshimoto. As três classes eram formadas pelos elementos relacionais (*teniha*) de um lado, e de outro, por duas classes divididas do grupo dos elementos nocionais, a saber, "nomes de coisas" (*monono na*) e "verbos" (*kotoba*). Essa divisão dos elementos nocionais é tida como resultado da influência da filosofia budista e confucionista da linha Sôgaku, segundo a qual há uma distinção entre a substância (*tai*) e os efeitos ou fenômenos (*yô*). Esses elementos *tai* e *yô* se transformam posteriormente em "*taigen*" (nomes) e "*yôgen*" (verbos e adjetivos *keiyôshi*), de acordo com o caráter flexível ou não das palavras.

É importante observar que nesse período de valorização das atividades de composição poética, os estudos da língua japonesa obtiveram um desenvolvimento notável, possibilitando, primeiramente, o surgimento da consciência da existência de um grupo de morfemas que chamaram de *teniha*, e, mais tarde, a distinção dos demais termos em *taigen* (nomes) e *yôgen* (verbos e adjetivos), elementos não flexíveis e flexíveis, respectivamente. O grupo dos *taigen* é o que se desdobrará em substantivos, numerais, pronomes e *keishikimeishi*, alguns séculos depois.

A classificação ternária manteve-se por muito tempo, uma vez que essa concepção taxionômica dos japoneses em relação à língua foi reportada por Rodriguez em seus manuais da gramática japonesa, publicados dois séculos e meio mais tarde.

1.4. As obras dos jesuítas portugueses e o papel de João Rodriguez

Desde que Francisco de Xavier aportou no Japão em 1549 para difundir o catolicismo, as atividades em torno da doutrinação cristã tiveram início e se intensificaram. Para implementar tais atividades, quinze anos após a chegada de Xavier, já se compilavam dicionários e compêndios gramaticais da língua japonesa. A intensificação do ensino e a aprendizagem da língua japonesa por parte dos jesuítas resultaram em várias publicações sobre a doutrina cristã e em

produção de obras literárias em japonês romanizado, tais como:

- *Dochirina Kirishitan* (1592, 1600), *Contentusu Mundi* (1596), *Guia do Pecador* (1599);
- *Heike Monogatari* "História do clã Taira", *Isoho Monogatari* "Fábulas de Esopo", *Kinku shû* "Coletânea de Palavras Douradas" (1593);

além de manuais próprios para a aprendizagem da língua japonesa, escritos em português, como:

- dicionários *Rakuyôshû* (1598), *Vocabvlario da Lingoa de Iapam* (1603), *Dicionário Bilíngüe de Português e Japonês* (1595), *Arte da Lingoa de Iapam* (1604), *Arte Breve da Lingoa Iapoa* (1620).

A compilação do dicionário mais sistematizado da época, *Vocabvlario da Lingoa de Iapam* (1603), contou com estudos consistentes sobre a língua, realizados pelos jesuítas. Nesse dicionário constam não somente lexias, flexões, significados e exemplos, mas também suas características: se pertencem à língua escrita, à língua regional, sinônimos, variantes e seus valores, explicações de ideogramas etc.

De acordo com Maeda(1985), sua qualidade como fonte de pesquisa da língua japonesa daquele período supera a de outros dicionários editados na mesma época no Japão, não somente pela abrangência na descrição

da língua, mas também pela apresentação das lexias em alfabeto romano, registrando a pronúncia da época, e não a apresentação em ideogramas, como costumavam acontecer em outros dicionários de então. Era corrente a associação dos ideogramas com as lexias, pois cada ideograma possuía uma associação direta com seu referente e não com a representação de seu som.

Do dicionário compilado pelos jesuítas, constam as lexias, *koto* e *mono*, em três verbetes, um para *koto* e dois para *mono*:

"*Coto* - Cousa, ou palavra (COLLEGIO... :118)"

"*Mono* - Cousa. Anteposta esta palavra à raiz de muitos verbos significa peþoa habituada e destra no que significa o verbo. Ex. *Monocaqi* - escrivão. *Monoiy* - falador.

Postopondo-se, significa a coisa que recebe a ação de tal verbo. Vt. *aguemono* - oferta. *Cuimono* - comida. *Faqimono* - calçado.

Monouo miru - Espãtarse o cavalo de súbito qãdo vai caminhando.

Monouo miru vma - cavalo espantadiço. (p.330)"

"*Mono* - Peþoa. (COLLEGIO... :330)"

Observamos que as acepções "cousa" e "palavra" são atribuídas para *koto* e "pessoa" e "cousa" para *mono*. Não há exemplos de *koto*, nem de compostos por ele constituídos, assim como de *mono*, com acepção de

"pessoa". A lexia mais destacada é *mono*, com acepção de "coisa", formando palavras compostas e expressões.

João Rodriguez, jesuíta português que chegou ao Japão em 1577 e aí residiu por 30 anos, escreveu duas obras - *Arte da Lingoa de Iapam* (1604-8, editada em Nagasaki) e *Arte Breve da Lingoa Japoa* (1620, editada em Macau) -, em que trata, entre outros aspectos da língua japonesa, das classes de palavras. Mostra que os japoneses classificam suas palavras em três tipos. O primeiro, "nome" (*na*), contém nome, conjunção, interjeição, preposição e posposição e outros que possuem seu ideograma sem serem verbos; o segundo, *kotoba*, refere-se ao verbo. Incluem-se no segundo grupo verbos de existência, todos os verbos e adjetivos (*keiyôdôshi*). O terceiro grupo é de elementos relacionais, que correspondem a *teniha*, *tenioha*, *sutegana* ou *okiji*, morfemas e auxiliares verbais.

Baseado no conhecimento da gramática latina, Rodriguez observou acuradamente a língua japonesa para descrever com detalhes a sua gramática. Embora considere oito classes, como no latim, Rodriguez acrescentou mais duas "partes da oração" na língua japonesa, artigo e partícula, para melhor explicar a sintaxe. Assim, descreve:

- nome, pronome, verbo, particípio, posposição, advérbio, interjeição, conjunção⁵, artigo e partícula.

⁵ No original consta "conjugação", porém Doi (1967), que fez a tradução para o japonês, afirma que houve erro de escrita no original.

Como primeira classificação das palavras da língua japonesa, a teoria de Rodriguez tem uma significativa importância. Porém, como seus manuais de gramática japonesa escritos em português eram destinados aos jesuítas portugueses, sua teoria não exerceu influência sobre os estudiosos japoneses da época. Exerceu, sim, alguma influência sobre os gramáticos ocidentais da língua japonesa, pois há citações na obra *Japansche Spraakleer / A Japanese Grammar* (1870), de J.J. Hoffmann, editado dois séculos e meio depois.

A descrição gramatical de Rodriguez revela uma grande influência da gramática latina, e suas observações referentes ao léxico são bastante valiosas, apontando diferentes níveis existentes na língua, tais como: línguas falada e escrita, léxicos de origens japonesa e chinesa, fala popular, expressões poéticas, língua regional, além da linguagem das damas da corte e infantil.

É interessante observar que *mono*, *koto* e outras lexias como *tokoro*, classificadas pelos teóricos japoneses posteriores ao século XIX como elementos "nacionais", são referidos por Rodriguez no capítulo que diz respeito às "partículas":

"Da Particula.

As particulas sam varias, huãs sam articulares, outras de honra soamente, outras que seguem na composição dos nomes, & verbos. (...)

A particula na lingua de Japam se comprende de baixo de *Tenifa/Teniuofa, Voquiiji, Sutegana:* (...)

Mono. Cousa (...)

Coto. Cousa (...)" (Rodriguez, 1604: 77-8)

Por que Rodriguez os teria considerado elementos relacionais? A nosso ver, ele não se ateve a características morfológicas, que possibilitam a semelhança com elementos nocionais - fator levado mais em consideração pelos gramáticos posteriores, que os classificaram como substantivos. Ou então, Rodriguez teria considerado a preponderância de seu caráter gramatical, tal como foi observado em textos chineses clássicos, onde eram utilizados como elementos auxiliares para a leitura em japonês (*kanbun kundoku*).

2. A classificação taxionômica do período Edo (século XVII a XIX)

O período Edo, que se caracterizou pelo fechamento dos portos, é marcado internamente pela ascensão dos cidadãos⁶ e pelo desenvolvimento das técnicas de impressão que propiciou o acesso aos livros. Obras como *Teniha Taigaishô* e *Anega Kôjishiki*, chamadas de "escritas de transmissão secreta", *hidensho*, restringindo até então, ao acesso de poucos privilegiados, vieram aos poucos à luz da publicação. Impulsionados por essa tendência, surgem durante o referido período os primeiros teóricos preocupados em pesquisar a língua japonesa como uma das manifestações do desenvolvimento dos Estudos Vernaculares ou Nacionais, *kokugaku*.

Kokugaku era um movimento intelectual, preocupado em valorizar a cultura japonesa anterior à introdução do Budismo e do Confucionismo. Suas atividades estavam voltadas para os estudos dos clássicos e para conhecer a vida e o espírito do povo japonês na Antigüidade. Ao pesquisarem obras escritas nos períodos Nara e Heian, os japoneses sentiram a necessidade de elaborar manuais de interpretação (*chûshakusho*) dos clássicos. Tendo esses manuais como outra mola propulsora, surgiram muitos estudos referentes ao uso dos fonogramas (*kanazukai*), dos morfemas e auxiliares

⁶ Os cidadãos, ou *chônin*, compunham uma das classes sociais do período Edo: *shi*, *nô*, *ko*, *shô*, que eram, respectivamente, guerreiros, agricultores, nobres e comerciantes. Os cidadãos são representados por comerciantes (*shô*), que chegam a adquirir, junto com o poder econômico, influência no poder político e social.

verbais (*joshi* e *jodôshi*), das formas de flexão (*katsuyô*) e da taxionomia (*hinshi bunrui*), desenvolvidos sobretudo pelos gramáticos Motoori Norinaga, Fujitani Nariakira, Motoori Haruniwa, Suzuki Akira, Tôjô Gimon, dentre outros.

Desses estudiosos do *kokugaku*, denominados *kokugakusha*, destacamos Fujitani e Suzuki, teóricos que nos interessam por sua reflexão voltada à taxionomia da língua japonesa.

2.1. Classificação de Fujitani Nariakira

Um século e meio após a classificação taxionômica de Rodriguez, surgiu finalmente no Japão a primeira classificação realizada por um japonês, Fujitani Nariakira, apresentada na obra *Kazashishô* "Tratado sobre os advérbios" (no original, "Tratados sobre adornos de cabeça" - 1767).

Exceto a classe de nomes, *na*, Fujitani denomina metaforicamente as outras três classes, recorrendo à nomenclatura dada à indumentária, fazendo uma analogia das classes das palavras com as peças de vestimenta que os homens antigos usavam. Compara, dessa forma, a ordem de colocação das palavras na frase verbal, de cima para baixo, com a ordem da vestimenta antiga, da cabeça aos pés.

Fujitani chama, assim, de "adorno de cabeça", advérbio, interjeição e conjunção, que se situam no alto, ou melhor, no começo da frase; estes são seguem-

se os "trajes", verbos e adjetivos *keiyôshi* na função de predicado; e os "laços de calça"⁷, no final da frase, correspondentes aos auxiliares verbais pospostos aos verbos e adjetivos do predicado.

Diferentemente da classificação em três grupos de palavras, adotada na época Muromachi, a classificação de Fujitani compreende quatro grupos de palavras, distintos de acordo com as funções que exercem, a saber:

na "nomes" (substantivo)

yosoi "trajes" (verbo e adjetivo)

kazashi "adornos de cabeça" (advérbio,
interjeição, conjunção)

ayui "laços de calça" (auxiliares verbais e
morfemas)

*"Naomote monoo kotowari, yosoiomote kotoo sadame,
kazashi, ayuiomote kotobao tasuku."*

"Com os nomes discernem-se as coisas, com os 'trajes' definem-se as ações, com os 'adornos de cabeça' e 'laços de calça' auxiliam-se as palavras."

⁷ "Laços de calça", *ayui*, eram os laços usados sobre a calça masculina larga. Amarrava-se o laço abaixo do joelho, para facilitar o movimento.

Em sua obra *Ayuishô, Tratados sobre os auxiliares verbais e morfemas* (no original, *Tratados sobre os laços de calça: 1778, apud Suzuki & Hayashi - org.: 1984*), Fujitani faz uma descrição sistemática dos morfemas gramaticais e auxiliares verbais, atento a que elementos se ligam dentro da frase. A classificação de Fujitani privilegia a função das lexias dentro da frase, mostrando sua preocupação pelas relações sintagmáticas, o que fez Kudo (1993: 295) afirmar que Fujitani captou a língua "de maneira global e estruturalista", visão bastante inovadora para sua época.

As três funções destacadas por Fujitani, a de se discernir as coisas, a de se definir as ações e a de se auxiliar as palavras, são atribuídas às quatro classes de palavras, o que levou os teóricos a discutirem sobre sua fonte de inspiração, que poderia ser a gramática chinesa e a gramática tradicional japonesa. As três funções correspondem às do *na* "nomes", do *kotoba* "verbos" e do *teniha* "elementos relacionais", que seguem a divisão efetivada na época anterior. Contudo, Fujitani acrescentou a esse quadro a classe de advérbios, ou seja "adornos de cabeça", *kazashi*.

A importância de suas obras reside nas análises cuidadosas em torno da questão da ordem de aparecimento das lexias na cadeia sintagmática e da relação entre esses elementos dentro da frase.

Apesar da originalidade de seus trabalhos, Fujitani não deixou discípulos, mas no período seguinte, Meiji, em 1908, o gramático Yamada Yoshio

se auto-denominou sucessor dos princípios de Fujitani, reconhecendo-o como "precursor da classificação taxionômica" da língua japonesa.

Embora sua visão taxionômica tenha sido importante para os estudos da língua japonesa, Fujitani não chegou a considerar o grupo de lexias a que nós chamamos *keishikimeishi*. Provavelmente, considerou-o dentro do grupo de substantivos, uma vez que as lexias *koto* e *mono* estão presentes na própria definição de funções, como podemos observar em seqüências como "monoo *hakari*", "kotoo *sadame*".

2.2. Classificação de Suzuki Akira

Na trajetória dos estudos sobre a língua japonesa, não podemos deixar de mencionar Motoori Norinaga, mestre de Suzuki e contemporâneo de Fujitani. Motoori deixou importantes estudos não só sobre obras clássicas tais como *Kojiki* "Crônicas de fatos antigos", *Genji Monogatari* "História de Genji", mas também na área das pesquisas sobre a língua, deixando-nos como legado os estudos sobre os *teniha*, morfemas e auxiliares verbais. Os *teniha* desempenham papel importante na constituição frasal da língua japonesa por indicarem as relações gramaticais entre as lexias, a ênfase de determinadas lexias dentro da frase, ou por expressarem noções como asserção, passividade, negação, passado, volição, polidez.

Foi baseando-se nos estudos aprofundados do elementos relacionais propostos por Motoori Norinaga, que seu discípulo Suzuki Akira contrapôs os elementos relacionais aos elementos nocionais, princípio que norteou a elaboração de uma nova teoria taxionômica japonesa, com quatro grupos de palavras:

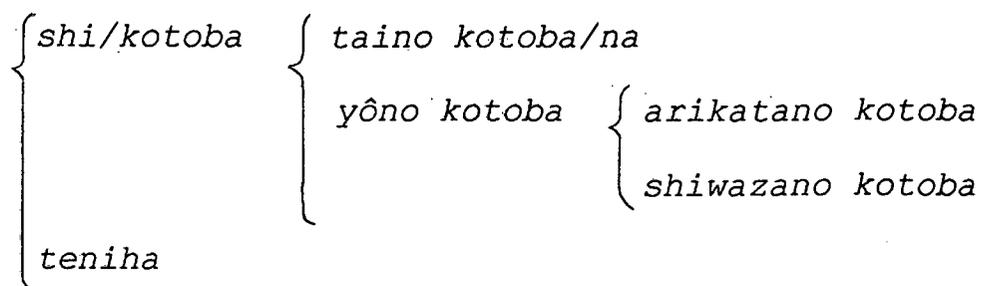
taino kotoba ou *na* - palavras nominais

teniha - morfemas e auxiliares verbais

arikatano kotoba - palavras de estado (adjetivo)

shiwazano kotoba - palavras de ação (verbo)

Considerando os elementos relacionais, *teniha*, como ponto de partida da constituição das classes de palavras, a classificação de Suzuki herdou, em primeira instância, a classificação binária elementos nocionais/relacionais (*shi* e *teniha*) de *Teniha Taigaishô*, e, em segunda instância, a ternária: nomes, palavras flexíveis e morfemas (*na*, *kotoba* e *teniha*, respectivamente), para depois subdividir em dois o grupo das palavras flexíveis (*kotoba*): os que expressam estado e que apresentam a terminação *-i* e os que expressam ação e têm a terminação *-u*. A seguir, apresentamos o esquema de divisão e subdivisão adotado por Suzuki:



Enquanto os nocionais (*shi* ou *kotoba*) apontam para um referente (*sasu tokoro ari*), os relacionais (*tenioha*) não têm referente específico (*sasu tokoro nashi*), mas são "vozes da alma" (*kokorono koe*) na opinião de Suzuki. Se se considerar os nocionais como "gemas de pedra (*tama*)", os relacionais são como "os fios que nelas transpassam", e se aqueles forem "um instrumento", estes serão "a mão que o move e o manipula" (Suzuki, *apud* Furuta & Tsukishima: 1972: 273-4). Seu mestre Motoori Norinaga já dizia que "os elementos nocionais seriam o tecido e os relacionais a mão que o costura" (Motoori, *apud* Sakakura: 1974: 134).

Posteriormente, inspirado em Suzuki, o gramático Tokieda Motoki consideraria em sua "Teoria do Processo Lingüístico" (1941) a classificação dicotômica nocionais/relacionais (*shi/ji*), definindo os primeiros como expressões objetivas que passam pelo processo de abstração, e os últimos, como expressões subjetivas que não passam por tal processo.

Ainda dentro das considerações sobre a classificação taxionômica de Suzuki, vale ressaltar as referentes a *taino kotoba* "palavras nominais". O teórico classificou-as em dois tipos, de acordo com os referentes dessas palavras. O primeiro é composto por palavras que representam "aquilo que tem forma" (*katachi aru mono*), como céu, terra, montanhas, rios, deuses, pessoas, pássaros, animais, árvores, ervas etc.; e o segundo por "aquilo que não tem forma" (*katachi naki mono*), como em cima, em baixo,

dentro, fora (*ue, shita, uchi, soto*) etc. (Suzuki, *apud* Furuta & Tsukishima: 1972: 272).

O segundo tipo dos nominais que representam os "que não têm forma" chamou-nos a atenção por conterem lexias que serão posteriormente incluídas dentre "os substantivos que requerem atenção especial" pelo lingüista Yamada (1908). Observamos, porém, não haver unanimidade entre os teóricos no tratamento dessas lexias: Matsushita (1928) não as considera dentro do grupo de *keishikimeishi*, nem Sakuma no seu grupo de *kyûchakugo* de caráter nominal, fazendo parte somente da lista de *keishikimeishi* proposta pelo gramático Ide (1967).

2.3. Classificação de Tsurumine Shigenobu

O Japão manteve, mesmo durante o período de fechamento dos portos, um relacionamento exclusivo com a Holanda, que se traduziu em estudos holandeses desenvolvidos nas áreas de Língua, de Medicina, de Botânica, de Astronomia e Ciências Humanas. Os estudos sobre a língua tiveram desenvolvimento com vários teóricos, entre eles Tsurumine Shigenobu. Diferentemente de seus contemporâneos, estudiosos de *kokugaku*, Tsurumine tentou organizar a taxionomia da língua japonesa de acordo com a gramática holandesa.

Sua importância reside no fato de ter sido o primeiro estudioso japonês a introduzir e aplicar os conceitos taxionômicos da gramática ocidental nos

estudos da língua japonesa. E, a nosso ver, as técnicas de impressão e os meios de divulgação, que estavam mais desenvolvidos nesse período, teriam propiciado a difusão de seus estudos, assim como os de outros pesquisadores, o que não com os trabalhos de Rodriguez.

Ao descrever a língua japonesa com base na gramática ocidental, os morfemas e auxiliares verbais (*jodôshi* e *joshi*) não foram enquadrados na categoria de classes independentes, como nas classificações de Fujitani e Suzuki. A obra de Tsurumine, considerada uma mistura das gramáticas japonesa e ocidental, não teve boa aceitação, mas do ponto de vista do histórico da taxionomia, sua sistematização gramatical é de grande importância. Seus esforços para tentar descrever global e sistematicamente toda a gramática da língua japonesa contrasta com a postura adotada pela gramática tradicional que se desenvolveu inicialmente como um estudo da língua para a composição poética e cujos objetos principais eram o modo de utilização dos morfemas gramaticais e as flexões dos verbos e adjetivos. Portanto, como afirma Nishida (Nishida: In Suzuki & Hayashi: 1984), as classificações detalhadas em pronomes, adjetivos, conjunções e interjeições de Tsurumine tiveram um enfoque até então inexistente nos estudos da língua japonesa.

A classe dos substantivos é denominada por Tsurumine, *ikotoba* "nominais reais", em contraposição a *tsukikotoba* "nominais falsos" referindo-se a adjetivos. Os substantivos se caracterizam, segundo o gramático, por desempenharem a função do sujeito da

frase. Dentro do substantivo, Tsurumine distingue "nomes genéricos", *subete iu kotoba*, e "nomes particulares", *wakete iu kotoba*. Acreditamos que o *keishikimeishi*, classe não concebida por Tsurumine, faça parte da classe dos substantivos pela função de sujeito que pode desempenhar na frase, e as lexias *koto* e *mono*, especificamente, devem fazer parte dos "nomes genéricos", devido à sua especificidade semântica.

3. A classificação taxionômica do início de Meiji e o surgimento do grupo de *keishikimeishi*

O advento do período Meiji (1868) e o início dos contatos com o Ocidente provocaram uma brusca mudança tanto no curso dos estudos holandeses, como dos vernaculares, *kokugaku*.

Com a abertura dos portos e o ingresso do Japão no contexto internacional, os estudos ocidentais, antes centrados na Holanda, voltaram-se para a Inglaterra. A gramática inglesa tornou-se a mais consultada pelos japoneses entre o fim do período Edo e o começo do período Meiji. Todas as gramáticas básicas japonesas do início de Meiji (1870-3) seguiram a taxionomia da língua inglesa. Quando, em 1872, deu-se início à obrigatoriedade do ensino primário no Japão, oficializou-se a taxionomia japonesa de base ocidental, com oito classes de palavras. Dentre os muitos gramáticos que se dedicaram à organização da taxionomia japonesa dentro dessa tendência, destaca-se Otsuki Fumihiko (cf. item 3.1 deste capítulo).

Os Estudos Vernaculares, *kokugaku*, não se desenvolveram logo após a Restauração Meiji, pois seus teóricos ocupavam-se em campanhas ou movimentos a favor do imperador. Tornando-se pilares do espírito pró-imperialista do novo governo Meiji, esses estudiosos pregavam a unificação do governo com a religião (*saisei itchi*⁸) e a exclusão do budismo

⁸ Trata-se do princípio que considera como unos religião (*matsuri*) e governo (*matsurigoto*), ou da forma administrativa que se baseia nesse

(*haibutsu kishaku*⁹) em prol do xintoísmo, religião da família imperial. Sob as diretrizes pró-Occidente do governo, porém, os estudiosos de *kokugaku* perderam seu poder e autoridade, dando lugar a novos gramáticos, que não apenas estudaram e pesquisaram as gramáticas do Occidente, como também souberam levar em consideração o raciocínio lógico desenvolvido pelos japoneses anteriores ao período Meiji (Nishida: *in* Suzuki & Hayashi: 1984: 113).

Após Otsuki, que escreveu a primeira gramática no fim do século XIX, o Japão viu os estudos gramaticais da língua japonesa tomarem grande impulso, atestado especialmente pelo surgimento de gramáticos como Yamada Yoshio, Matsushita Daizaburo, Hashimoto Shinkichi e Tokieda Motoki. São grandes lingüistas que buscaram a sistematização da língua japonesa e cujas teorias servem, ainda hoje, como base para discussão e desenvolvimento de novos postulados.

Vale ressaltar que o estudo sobre a língua japonesa, até então considerado uma sub-área que auxiliava outros domínios, passou a se consolidar como uma disciplina independente.

Dentre os gramáticos citados, Yamada Yoshio foi o primeiro a perceber e identificar as peculiaridades de "certas lexias" (1908), posteriormente denominadas *keishikimeishi* "substantivos formais" por Matsushita (1928). Mais tarde, Sakuma Kanae (1967) e Ide Itaru

princípio. Muito freqüente no Estado Antigo, a idéia passou a ser defendida na ocasião da Restauração Meiji.

⁹ Trata-se da idéia que pregava a exclusão do budismo e a destruição dos templos budistas e imagens de buda, cuja prática foi adotada no início de Meiji.

(1967) procuraram, ainda dentro de uma visão taxionômica, redefini-las e re-sistematizá-las. Com o intuito de resgatar a visão histórica desses estudos, sintetizamos, em seguida as linhas teóricas gerais dos estudiosos referidos, enfocando sobretudo suas posições concernentes ao *keishikimeishi*.

3.1. Classificação de Ôtsuki Fumihiko

Vale citar Ôtsuki Fumihiko como o teórico que, dando um passo adiante na linha dos estudos do período Edo, pôde conciliar os resultados obtidos pelas pesquisas tradicionais de *Kokugaku* e a metodologia da gramática ocidental, chegando a uma nova sistematização da língua japonesa.

Seu livro *Kô Nihon Buntan* "A grande gramática japonesa" (1897) visava a contribuir para a unificação e a padronização da língua nacional, requisito necessário, na época, para iniciar o processo de modernização do Japão. O livro tinha, além da finalidade educacional, o objetivo prático de indicar as classes às quais pertenciam as entradas do seu dicionário *Genkai*. Não obstante o seu intuito pedagógico e educativo, Ôtsuki, na ausência de uma consciência normativa da língua falada na época, acaba descrevendo a gramática da única língua considerada normativa e comum entre os japoneses até então, a língua escrita do período Heian (século VIII-XII) (Miyaji: 1974). Mesmo com esse problema, as

considerações da língua japonesa traçadas por Ôtsuki foram de aceitação geral na época.

O gramático classifica as lexias em oito grupos, a saber:

substantivo (*meishi*), verbo (*dôshi*), adjetivo (*keiyôshi*), auxiliar verbal (*jodôshi*), advérbio (*fukushi*), conjunção (*setsuzokushi*), morfema (*tenioha*, posteriormente chamado *joshi* pelo teórico) e interjeição (*kandôshi*).

Ôtsuki acrescenta ao quadro taxionômico o pronome (*daimeishi*) e o numeral (*sûshi*), antes contidos na classe dos substantivos (*meishi*), totalizando dessa maneira dez classes. Embora não haja coincidência total com a atual Gramática Escolar quanto às classes de palavras, vemos hoje que as nomenclaturas utilizadas por Ôtsuki foram adotadas desde então pelas escolas.

Observamos que Ôtsuki não chegou a distinguir, mesmo dentro da classe dos substantivos, limitando-se a subdividi-los em substantivo, pronome e numeral inicialmente, para mais tarde considerar cada um deles classes independentes.

3.2. Considerações de Yamada Yoshio sobre "substantivos especiais"

Yamada foi um gramático que consolidou sua própria teoria gramatical, baseada nas características da língua japonesa, seguindo a teoria de Fujitani Nariakira e também observando as teorias ocidentais sobre gramática, psicologia e lógica. É considerado, portanto, fundador da base da gramática japonesa moderna. No seu primeiro livro, *Nihon Bunpôron* (1908), Yamada classifica as lexias da língua japonesa de acordo com o parâmetro funcional que apresentamos a seguir:

tango	{	kannengo	}	jiyôgo	{	gainengo.....taigenno rui
						chinjutsugo.....yôgenno rui
	{	kankeigo.....	}	fukuyôgo.....	}	fukushino rui
						teniohano rui

lexia	{	indica noção	{	independente	{	com conceito...classe dos nomes
						com asserção...classe dos verbos
	{	indica relação.....	}	dependente.....	}	classe dos advérbios
						classe dos morfemas

Levando em consideração os referentes das lexias, Yamada classifica-as em:

a) *Kannengo*, que expressam noção, e

b) *Kankeigo*, que auxiliam os *kannengo*, indicando a relação entre os outros componentes da frase.

Dentro das *lexias* com noção, *kannengo*, o teórico distingue os constituintes oracionais independentes (*jiyôgo*) - como nomes, verbos e adjetivos - dos constituintes dependentes (*fukuyôgo*) - advérbios.

Dentre as *lexias* autônomas, *jiyôgo*, Yamada destaca as *gainengo*, que representam um conceito correspondem a nomes, e outras que possuem a força da asserção, *chinjutsugo*, como os verbos e os adjetivos formadores de predicado. Como a terminologia a que Yamada recorreu não era comum na época, ele explica que "lexia com conceito" (*gainengo*) equivale a nome (*taigen*), e "lexia com noção de asserção" (*chinjutsugo*), é "formadora de predicado" (*yôgen*), adotando os nomes correntes na época. *Taigen* e *yôgen* são termos provenientes do Confucionismo, da linha *Sôgaku*¹⁰, conforme mencionamos no item 1.3. deste capítulo. Embora Suzuki, no período Edo, anterior a Meiji, tenha utilizado a terminologia *taigen* tal como a define Yamada ou seja "a expressão lingüística de um conceito", os teóricos posteriores a Suzuki, do início do período Meiji, tomaram-no meramente como

¹⁰ *Sôgaku* é uma corrente do Confucionismo, cuja teoria foi sistematizada no período da dinastia Sung, na China. No Japão, é chamado também *Shushigaku*, adotado no período Edo como estudo oficial do governo Bakufu. O princípio de *tai* e *yô* ou *yû* (*taiyûshisô*) refere-se ao binômio substância/seu funcionamento, princípio/sua aplicação na prática, principal/subordinado. Na poética de *renga* e *haikai*, *tai* se refere a tipos de palavras relativas a montanha, lago, lugar, e *yô* se refere a coisas anexas a *tai*. Por exemplo, entre as palavras relativas à montanha, "colina, pico, cume, base da montanha" são consideradas *tai*, enquanto que "ponte suspensa, queda d'água, árvores, choupana de carvão" são *yô*, havendo restrições de uso na composição poética (*Kokugo Daijiten*).

lexias sem flexão, em oposição a *yôgen*, lexias flexíveis. Dessa maneira, incluíram dentro da classe de *taigen* não só os substantivos, mas também os advérbios, as conjunções e até mesmo as interjeições. Essas considerações foram avaliadas como errôneas por Yamada (1908: 97).

O *taigen*, para Yamada, é a expressão lingüística de um conceito, que representa o fato ou as coisas consideradas como existentes. Suas características são distintas de acordo com a função, forma e relação que assume com outras palavras dentro da frase. Sintaticamente, um *taigen* pode constituir sujeito, ou fazer parte do predicado, dos complementos verbal e nominal. Quanto à forma, é sempre inflexível, independentemente da função sintática desempenhada. Sua relação com outras lexias é indicada mediante o auxílio dos morfemas de caso, tais como *ga* de sujeito, *no* de genitivo, *ni* de objeto indireto, locativo ou agente da passiva, *to* de companhia, e de direção, *yori* de comparação, *kara* de procedência e outros.

O *taigen* pode ser dividido em três subgrupos. Se expressa diretamente um conceito, será um nome propriamente dito (*jisshitsu taigen*) ou um substantivo (*meishi*); se expressa indiretamente um conceito, será nome apenas formalmente (*keishiki taigen*), correspondendo a pronomes e numerais. O nome *keishiki taigen*, como comentamos no Capítulo I-1.2, não tem relação com o nosso objeto de estudo. Expomos a seguir o quadro de *taigen* e seus subgrupos segundo Yamada:

taigen { jisshitsu taigen..... meishi
 { keishiki taigen..... { daimeishi
 { sūshi

nome { nome propriamente dito... substantivo
 { nome formal..... { pronome
 { numeral

O substantivo (*meishi*) foi considerado por Yamada uma representação direta de um conceito, que pode ser imaginário, idealizado, concreto ou abstrato, físico ou metafísico. Qualquer lexia, desde que seu conceito seja considerado objeto do pensamento, assume a categoria de substantivo.

Dentro da categoria dos substantivos (*meishi*), Yamada observa, num subcapítulo intitulado "Os substantivos que requerem atenção especial" (1908: 183-7), a existência de um número apreciável de substantivos considerados erroneamente por alguns gramáticos como advérbios (*fukushi*), conjunções (*setsuzokushi*) ou sufixos (*setsuji*). Esses substantivos apresentam uma das seguintes características:

"Ichiwa sono igi sukoburu kōhannishite, tandokunitewa ikanaru iginarukao shisaini hosokushigatakimade miyuru mononari. Ichiwa jibutsuno aidano kankeio chūshōtekini arawaseru mononari. (Yamada: 1908: 183)

- a) possuem um "sentido muito amplo", dificultando sua apreensão quando se encontram isolados, ou
- b) expressam de maneira abstrata "as relações dos fatos ou das coisas entre si".

Passaremos a detalhar, em seguida, esses dois itens apontados como características de "substantivos que requerem atenção especial", segundo Yamada.

a) Os substantivos portadores de "sentido amplo" são divididos em quatro tipos:

- os que designam causa ou motivo - *yue*, *tame* "causa";
- os que designam universalidade - *toki* "tempo, quando", *aida* "intervalo, durante, enquanto", *tokoro* "lugar, momento", *koto* "fato, ato", *mono* "coisa, objeto";
- os que designam intensidade - *hodo*, *kurai* "grau", *koro* "por volta de";
- os que designam enumeração - *jô* "item" e *ken* "caso".

Todos expressam conceitos e são passíveis de desempenhar funções de sujeito, de complemento verbal ou adjunto adverbial da oração, tais como outros substantivos, exceto pelo fato de, dada a amplitude de seu campo semântico, requererem um elemento que especifique seu sentido. Mas ao mesmo tempo em que afirma isso, diz Yamada que, em alguns casos, são

empregados isoladamente, sem modificador (Yamada: 1908: 184).

Ele cita alguns exemplos desses substantivos, com e sem o elemento que os especifique, como modificador:

Koro-shimo aki-no nagazuki-no.

época -exatamente- outono- GEN.- mês longo(9o. mês)-AFIRMAÇÃO

"A época era exatamente de outono, nono mês."

Kono koro-no sora-no keshiki.

esta- época - GEN.-céu-GEN.- paisagem

"A paisagem do céu desta época."

Yo-no akuru koro okiidete, (...)

noite-SUJ.-amanhecer-hora - levantou-se e,

"levantando na hora do amanhecer, (...)"

Genroku jûnen-goro okoritaru.

Genroku(nome de era)-10 anos-por volta de -aconteceu

"Aconteceu por volta do ano dez da era Genroku."

O teórico afirma que, quando uma oração modifica¹¹ um certo substantivo, o conjunto [modificador e substantivo modificado] desempenha o papel de um nome.

¹¹ Estamos empregando a palavra "modificar" como tradução de *shûshokusuru*, assim como "modificador" para tradução de *rentai-shûshoku-setsu*. Esta terminologia designa todo e qualquer tipo de elementos dependentes do núcleo ou cabeça do sintagma nominal.

A importância semântica da oração modificadora faz com que o substantivo modificado pareça uma conjunção, no meio de duas orações. E quando uma só lexia constitui o modificador, o substantivo modificado se afigura como um sufixo. Em ambos os casos, mesmo quando o elemento modificado se parece com conjunção ou sufixo, continua sendo um nome, segundo Yamada.

b) "A relação recíproca entre os fatos e as coisas" é expressa pelos seguintes substantivos, concernentes ao espaço e tempo:

- *mae* "frente", *ushiro* "atrás", *ue* "em cima", *naka* "dentro", *shita* "em baixo", *hidari* "esquerda", *migi* "direita", que marcam a relação espacial;

- *saki* "antes", *nochi* "após", *hajime* "começo", *naka* "meio" e *owari* "fim", que indicam a relação temporal.

Tais substantivos, precedidos de outros substantivos com conceito, fazem destes um ponto de partida para indicar a direção, posição, limite ou área, com o auxílio dos morfemas *yorí*, *kara*, indicadoras de ponto de partida. Nos exemplos a seguir, sublinhamos todo o sintagma nominal, destacando o substantivo modificado em negrito:

Hana-yori hoka-ni shiru mono-mo nashi.

flor-de - exceto-AFIRMAÇÃO- saber -pessoas-nem- não há

"Além de flores, nem há quem saiba".

Koko-kara nishi-e-wa ikubekarazu.

aqui-P.PARTIDA-oeste-DIREÇÃO-TÓPICO - não deve ir

"É proibido ir a partir daqui para o oeste"

Kashiko-yori minami-wa hito-no ryô-nari.

lá-P.PARTIDA- sul-TÓPICO- pessoa-GENITIVO- domínio-AFIRMAÇÃO

"O lado sul a partir de lá(daquela região) é do domínio de outra pessoa"

Há também exemplos desses substantivos modificados que, juntamente com outros morfemas no de genitivo e ga de sujeito, formam expressões que indicam tempo, espaço ou direção. Ex.:

Koyamano ueni taieari.

pequena montanha-GEN.-cima-LOC.-arrozais e casas-há

"Sobre a pequena montanha, há casas e arrozais".

Kyôno uchini iku.

hoje-GEN.-dentro-LOC.-vou

"Vou (dentro de hoje) ainda hoje".

Hakono nakani mitsuo takuwau.

*Hakono **nakani** mitsuo takuwau.*

caixa-GEN.-**dentro**-LOC.-mel-O.D.- armazena

"Armazena-se o mel **dentro** da caixa."

*Shuttatsuno **maeno** yôï.*

partida-GEN.-**antes**-GEN.-preparativos

"preparativos de **antes** da partida".

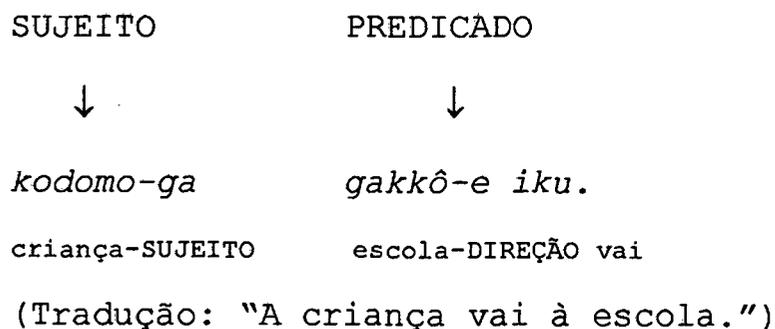
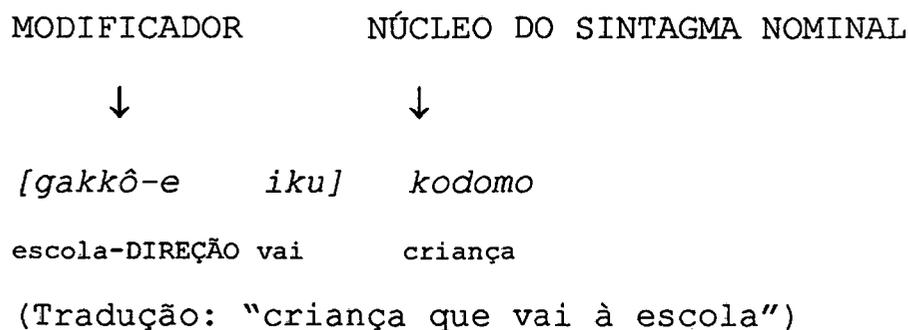
Segundo Yamada, os substantivos que indicam relação são empregados para expressar lugar, direção etc. Por corresponder, na concepção da gramática ocidental, correspondem aos advérbios de lugar e tempo, muitos gramáticos consideram a locução formada por substantivos e morfemas indicadores de caso como sendo advérbio, afirma Yamada. Adverte, porém, que não se deve jamais considerar essa locução como advérbio em japonês, uma vez que se trata de substantivo e morfema.

Em seu livro editado posteriormente (1936), no capítulo sobre uso das lexias, e especificamente sobre a modificação nominal (*rentaikaku*)¹², Yamada faz uma observação referente aos substantivos que não constituem uma oração junto com os elementos do complemento nominal.

Exemplificando, o sintagma nominal *gakkôe iku kodomo*, "a criança que vai à escola", pressupõe a estrutura frasal [sujeito/predicado] *kodomoga/ gakkôe iku* "a criança/ vai à escola", justamente porque o

¹² *Rentaikaku* refere-se à função exercida pelo modificador em relação ao substantivo modificado.

núcleo do sintagma *kodomo* "criança" pode constituir sujeito da ação expressa pelo modificador *gakkôe iku* "vai à escola". A análise das relações entre o modificador e o núcleo do sintagma nominal mostra que é comum o segundo ser sujeito da ação ou estado expresso no modificador. Pode ser, também, objeto direto, complemento verbal de lugar, além de exercer outras funções. É possível visualizar essas características no seguinte esquema:



Outras construções de modificação nominal também pressupõem as estruturas [objeto direto/verbo do predicado], [complemento verbal de instrumento ou de lugar/verbo do predicado]:

[*kodomo-ga kaku*] e

criança- SUJ. pinta desenho

"o desenho que a criança pinta"

kodomo-ga e-o kaku

criança-SUJ. desenho-O.D. pinta

"a criança pinta o desenho"

[*e-o kaku*] *heya*

desenho-O.D. pinta quarto

"o quarto onde se pinta o desenho"

heya-de e-o kaku

quarto-LUGAR desenho-O.D. desenha

"Pinta-se o desenho no quarto"

Há, porém, núcleos de sintagma que não pressupõem tal construção e que, na opinião de Yamada, indicam tempo, lugar ou causa (1936: 765-7):

a) *hodo, nochi, ue, yue, aida, naka, tame*

"por volta de", "depois", "além de", "por causa de",
"enquanto", "durante", "finalidade, causa"

b) *tokoro, mono, koto, kan, jô*

"lugar", "coisa", "fato", "durante", "portanto"

Essas lexias, portadoras do valor semântico de tempo, lugar, causa, coincidem com as "palavras que requerem atenção especial", comentadas na sua obra de 1908.

O tratamento semântico-sintático dessas lexias e sua relação com modificadores, comparado com outros substantivos não especiais, só será retomado posteriormente, por Teramura Hideo (1974), embora este não cite Yamada nas suas considerações referentes a essas construções. Teramura chama tais construções de "relação endocêntrica (*uchino kankei*)" e "relação exocêntrica (*sotono kankei*)."

Yamada afirma mais de uma vez nesse capítulo o caráter complexo dessas lexias: do ponto de vista semântico, são consideradas secundárias, porque o conteúdo semântico do modificador parece prevalecer sobre o conteúdo das lexias modificadas, e do ponto de vista sintático, são consideradas principais em relação ao modificador, subordinando-o, pois constituem núcleo do sintagma.

3.3. Considerações de Matsushita Daizaburô sobre *keishikimeishi*

Foi o gramático Matsushita Daizaburo quem propôs a criação de um subgrupo de substantivos, dando-lhe o nome de *keishikimeishi*, literalmente "substantivo formal" ou "substantivo pró-forma". Chamando a atenção para suas peculiaridades, o teórico dá exemplos com

koto "fato, ato", *mono* "pessoa", *hazu* "possibilidade, probabilidade", *tame* "finalidade, causa", *mama* "maneira, estado", *no* e outros, como verificaremos a seguir:

Tôfu-no koto-o bekkô-to iu tokoro-ga aru.

queijo de soja-GEN.-sobre-O.D.-casca de tartaruga-CIT.dizer-lugar-SUJ.-há

"Há lugares onde se chama o *tôfu* (queijo de soja) de 'casca de tartaruga'"

Hitori-kurai-wa sanseisuru mono-mo arô.

uma pessoa-ao menos-TÓP.-concorda-pessoa-também-deve haver

"Deve haver pelo menos uma pessoa que vá concordar"

Sonna koto-o iu hazu-ga nai.

esse tipo-fato-O.D.-dizer-possibilidade-SUJ.-não há

"Não há possibilidade de ter dito tal coisa".

Sukoshi-wa kodomo-no tame-o kangaeru-ga ii.

um pouco-TÓP.-criança-GEN.-bem-O.D.-pensar-SUJ.-bom

"É bom que pense um pouco no bem das crianças."

Omotta mama-o kaku.

pensar-maneira-O.D.-escrever

"Escrever da maneira como vem à cabeça".

Ii no-ga aru.

boa-coisa-SUJ.-há

"Tem uma coisa boa".

Matsushita posiciona o *keishikimeishi* entre os quatro subgrupos de substantivos, que apresentamos a seguir:

- *honmeishi* "substantivos propriamente ditos", como *hito* "pessoa" ie "casa", *kokoro* "alma";
- *daimeishi* "pronomes", como *ware* "eu", *kore* "isto";
- *miteimeishi* "substantivos indefinidos" como *dare* "quem", *nani* "o quê";
- *keishikimeishi* "substantivos formais", como *mono* "pessoa", *ra* que indica pluralidade.

Matsushita define os substantivos como aquelas lexias que expressam o conceito, e dentro de seus subgrupos, apresenta os *keishikimeishi* como sendo substantivos que só possuem um significado formal e que carecem de um significado substancial "Keishikimeishiwa keishikiteki igibakaride jishitsuteki igio kaku meishidearu" (1928: 24).

O gramático situa o *keishikimeishi* dentro do seguinte quadro:

Subs- tan- tivo	com signifi- cado subs- tancial	com referente definido e fixo:
		Substantivo propriamente dito (ie"casa", kokoro"alma")
		com significado definido provisoriamente:
		com significado indefinido:
		Substantivo indefinido (dare "quem", nani "o que")
	sem signifi- cado subs- tancial	keishikimeishi (mono"pessoa", ra(plural))

Sem o significado substancial, o *keishikimeishi* depende do conteúdo do modificador que se torna substancial semanticamente, dentro do sintagma. Por exemplo, a oração:

Mono-wa kobamazu,

(pessoa)-TÓPICO- não se recusa

"Não se recusam (pessoas)"

em japonês, é desprovida de sentido, ou melhor, é de sentido incompleto, porque é empregado o *keishikimeishi mono* "pessoa", sem o modificador. Para ter sentido completo, a oração deve ser como a seguinte:

Kuru mono-wa kobamazu.

vir-pessoa-TÓPICO-não recusa

"Não se recusam as pessoas que vêm"

No exemplo acima, *kuru* "(que) vem" completa o significado do *keishikimeishi mono* "pessoa".

Os *keishikimeishi* se dividem em dois tipos, segundo a concepção de Matsushita:

a) os modificados pelas "palavras ou locuções que se ligam a nomes", *rentaigo*, são:

- *mono* "pessoa", *koto* "fato, ato", *no*, *wake* "razão", *hazu* "possibilidade", *kata* "pessoa¹³", *yatsu* "pessoa¹⁴", *hō** "direção", *tame* "finalidade, causa", *tokoro* "lugar, momento", *yuen* "motivo", *uchi* "dentro, enquanto", *mama* "estado, maneira", *yoshi* "causa", *gi* "referência", *kasho* "parte", *ken* "caso", *jin* "pessoa", *muki* "voltado para", *tochi* "companheiro", *dōshi** "companheiro", *bun* "parte", *bu* "tipo", *me* "situação", *take* "suficiente, apenas", *hen* "proximidade", *setsu* "ocasião", *sai* "ocasião", *dan* "momento", *migiri* "ocasião", *tsudo* "toda vez", *tei* "estado", *yō* "aspecto", *tabi* "ocasião", *fū* "estilo", *tōri* "jeito",

¹³ Os *keishikimeishi kata* e *yatsu* são formas de tratamento que se referem à "pessoa". *Kata* é usado como forma de respeito, referindo-se à segunda ou terceira pessoa, e imprime uma certa "distância" entre o falante e a pessoa referida, que se traduz como sinal de respeito. Opõe-se a *kata* o *keishikimeishi yatsu*, imprimindo "proximidade", é a forma que denota intimidade em relação à pessoa referida, quando há relação afetiva entre o falante e a pessoa referida, mas adquire tom pejorativo quando se trata de uma relação não afetiva.

¹⁴ Cf. nota anterior.

*sei** "causa" (Os assinalados com asterisco são de uso próprio da linguagem falada) (Matsushita: 1928: 241-2)

Matsushita afirma que *hô*, *dôshi* e *sei* são formas próprias da linguagem falada, mas acreditamos que hoje elas são também empregadas na linguagem escrita.

Tais *lexias* são empregadas, acompanhadas pelas palavras que as antecedem, os *rentaigo*, constituídos de substantivo acompanhado de morfemas indicadores do caso genitivo *no* ou *ga*. Outros elementos que podem modificar os *keishikimeishi* são os verbos e adjetivos em flexão própria para se ligar a nomes¹⁵, segundo Matsushita. Ele cita os exemplos de *rentaigo*:

- **Tôkyô-no** *mono* "gente **de Tóquio**", onde o *rentaigo* é constituído de substantivo (*Tôkyô*) e morfema de genitivo *no*.
- **kuru** *mono* "gente **que vem**", com *rentaigo* constituído de verbo *kuru* "vir".
- **kono** *mono* "**esta** pessoa", com *rentaigo* constituído de adjetivo *kono* "este".

Tais *keishikimeishi* designam a espécie à qual pertencem os fatos e coisas, podendo, portanto, ser chamados de "*keishikimeishi* indicadores de espécie" (示類の形式名詞), afirma o teórico.

¹⁵ O nome da flexão é *rentai-kei*, literalmente, "forma com que se liga ao nome".

b) o segundo tipo de *keishikimeishi* é definido por Matsushita como aquele utilizado ao lado dos nomes, à sua direita. São eles:

nado, nazo, nando, nanka "por exemplo", tô "e assim por diante"

Todos esses são *keishikimeishi* que expressam exemplificação, segundo Matsushita, que não os considera morfemas, pelo fato de ocorrerem após os outros morfemas, como apresentamos a seguir:

a) *Eikoku-ya* *nanzo-e-wa* *ikanai.*

Inglaterra-COORD.-e outros-DIREÇÃO-TÓPICO-não vou

"Para a Inglaterra (e outros países), não vou."

b) *Sake-dano* *nanzo nonde-wa* *ikenai.*

saquê-COORD.-e outros -tomar-ÊNFASE-não pode

"Não pode tomar saquê e outras coisas."

c) *Kôhii-ka* *nanka* *nomitai.*

café-ou- outra coisa-quero tomar

"Quero tomar café ou (alguma) outra coisa."

Apesar da afirmação de Matsushita, acreditamos que essas lexias apresentam as características de

morfemas (*joshi*) e não *keishikimeishi*, pois há morfemas pospostos a outros, como é o caso de "morfemas de ênfase", *fukujoshi*, chamados também de "morfemas de destaque", *toritatejoshi*. A utilização de *nanzo* no exemplo a) leva-nos a interpretá-lo da seguinte maneira: "por exemplo, Inglaterra e outros...", destacando o substantivo que *nanzo* acompanha, função exercida pelos morfemas de destaque, *toritatejoshi*.

Matsushita considera, em especial *koto*, *mono* e *no*, "os mais representativos da categoria de *keishikimeishi*", estudando-os detalhadamente. Ele define, classifica e exemplifica *mono* da seguinte maneira:

"*Mono* significa 者 "pessoa" enquanto *keishikimeishi*, contrastando com *mono* ... "coisa/objeto", que é substantivo propriamente dito, *honmeishi*".

a) Designa "pessoa":

(a) *Ôbozeru mono hanahada ôshi*.

~~candidataram-se-pessoas-muito-é~~ numeroso

"São muitas as pessoas que se candidatam."

b) Designa "coisa, objeto" (*jibutsu*):

(b-1) *Shôjin-no konomu tokoro-no mono-wa riroku-nari.*

peessoas mesquinhas-GEN.-gostar-lugar-GEN.-coisa-TÓPICO-lucro-é
 "(A coisa) O que as pessoas mesquinhas gostam são os lucros."

(b-2) *Kanata-ni utsukushiki mono ari.*

lá-LOC.-bonito-coisa-há

"Há coisas bonitas lá."

c) Designa casos, eventos, como "coisas":

(c-1) *Hôkô-hodo tsuraki mono-wa araji.*

aprendizagem-como-difícil-coisa-TÓPICO-não há

"Não há coisa tão difícil como a aprendizagem."

(c-2) *Sumajiki mono-wa miyazukae.*

enfadonho-coisa-TOP.-serviço do governo

"(A coisa) enfadonha é estar a serviço da corte/do governo"

d) Expressa ordem ou determinação, ou seja, o resultado natural a que se chega através da intenção (*ishiteki tôzen - meirei, kesshin - o arawasu*):

(d-1) *Shirazaru koto-wa kiku-mono-zo.*

não sabe-coisa-TÓPICO-perguntar-coisa-ÊNFASE

"O que não se sabe, deve-se perguntar, viu?"

(d-2) *Uketemiru mon(o)¹⁶ da-nâ. Anna yatsu-ga kyûdaishita-ze.*

prestar-coisa-AFIRM.INTERJ.aquele-sujeito-SUJ.-passou-INTERJ.

"(Realmente) vale a pena prestar (o exame). Até ele passou de ano!"

e) Expressa caráter, tendência natural:

(e) *Atsui atsui iu-na. Natsu-wa atsui mono-da.* está quente-está quente-dizer-PROIBIÇÃO. verão-TÓP.-quente-coisa-AFIRM.

"Não fique repetindo que está quente. O verão é quente mesmo."

f) Expressa motivo, em tom apelativo, para justificar a conseqüência inevitável:

(f) *Namakerunda-mono, rakudaisuru-sa.*

é que está preguiçoso-é que-ser reprovado-EXCLAMAÇÃO

"É claro que ia ser reprovado, também, pudera, não estudava!"

(Matsushita: 1928: 242-3)

¹⁶ *Mono*, na língua coloquial e na posição predicativa, torna-se freqüentemente *mon*.

O teórico não explicita o significado dos ideogramas mencionados anteriormente, distinguindo um do outro, considerando um (者) como *keishikimeishi* e outro (物) como substantivo propriamente dito, hoje interpretados como "pessoa" e "coisa", respectivamente. Porém, a classificação dos referentes de *mono* que Matsushita apresenta não está de acordo com a definição de *mono* na acepção única de "pessoa", o que nos faz supor que a acepção que temos hoje não se aplica para compreendermos o uso das lexias empregadas há quase 70 anos. Certamente, para o teórico, *mono/者* significava muito mais do que "pessoa". Também para o dicionário de ideogramas chineses, *Kanwa Chû Jiten*, temos como definição de *mono/者*: *jinbutsu, koto, tokoro nadoo sashite iu* "designa pessoa, fato, lugar e outros" (Kaizuka et alii: 1984: 876). Outra nota do mesmo dicionário assinala que *mono/物* se refere a "todas as coisas existentes entre o céu e a terra", e também se refere a "fatos"; e que *mono/者* se refere a "coisas específicas do *mono/物*" (1984: 684).

A afirmação sucinta de Matsushita, porém, não nos oferece dados suficientes para concluir se a distinção entre *mono/者* e *物* baseia-se nas diferenças entre o geral e o particular apontadas no referido dicionário.

Além disso, Matsushita não escreve todos os exemplos citados como *keishikimeishi* com o ideograma, escrevendo apenas o *mono* citado nos exemplos (a) e (b-1). O restante é grafado em fonogramas *hiragana*.

Na classificação das diferentes acepções de *mono* destacadas por Matsushita, observamos que de um lado encontramos seu significado enquanto conteúdo referencial de *mono* "pessoa, coisa, fato, caso, evento...", mas há também o sentido extra-referencial que *mono* atribui à frase toda (ordem, ênfase, apelo), como é o caso dos exemplos dos itens d) em diante. Se pensarmos com rigor na distinção entre o significado da lexia propriamente dita e o sentido que ela imprime à frase toda, faz-se necessário separar em dois diferentes níveis o quadro da classificação, dos itens a) a c) de um lado, e dos itens d) a f) de outro.

A lexia *koto* é definida por Matsushita da seguinte maneira:

"*Koto* - O *koto*, enquanto substantivo propriamente dito, escrito em ideograma 事, significa "fato", mas é diferente do *keishikimeishi koto*, escrito em fonogramas. Tratando-se de *koto*, *keishikimeishi*, é recomendável não escrever em ideograma" (Matsushita: 1928: 244).

Na afirmação de Matsushita, não se esclarece a diferença semântica entre o *koto*/substantivo propriamente dito e o *koto/keishikimeishi*. Sua recomendação para que não escreva o *keishikimeishi koto* em ideograma está relacionada, certamente, ao fato de os ideogramas representarem idéias, conceitos ou conteúdos substanciais que os *keishikimeishi* não

comportam. Acreditamos que a recomendação reflete a intenção de Matsushita de diferenciar, através da escrita, o *koto* substantivo propriamente dito e o *koto keishikimeishi*. Isso não quer dizer, todavia, que ele se proponha a diferenciar o substantivo propriamente dito e o *keishikimeishi* através da sua escrita em ideograma ou fonogramas, respectivamente, porque nas considerações referentes a *mono*, ele afirma distingui-los através de ideogramas diferentes (embora na prática ele os escreva em um ideograma e em fonogramas).

Apresentamos a seguir os exemplos de *koto* segundo Matsushita:

a) Designa "assunto, fato, ato, coisa, acontecimento" (*kotogarao sasu*):

Ame-ga futte deru koto-ga dekinai.

chuva-SUJ.-chove e-sair-ato-COMPL.CAPACIDADE-não pode

"Chove e (portanto) (o ato de) sair não é possível."

b) Designa "experiência" (*keiken*):

Wakai toki-ni ooi-ni namaketa koto-ga aru.

jovem-tempo-LOC.-muito-vadiei-experiência-SUJ.-há

"Quando era jovem, tive uma boa experiência de vadiagem".

c) Designa "caso" (*baaio sasu*):

Ie-ni iru koto-mo ari, irazaru koto-mo ari.

casa-LOC.-estar-caso-também-há-não estar-caso-também-há

"(Há caso em que estou em casa, há caso em que não estou) Às vezes estou em casa, às vezes não estou".

d) Designa "significado" (*igio sasu*):

Tenmongaku-no koto-o seigaku-to-mo iu.

astronomia-GEN.-fato-O.D.-ciência dos astros-CITAÇÃO-também-diz

"Denomina-se a Astronomia também de 'ciência dos astros' "

e) Indica a problemática relacionada ao fato (*soreni kansuru mondaio sasu*):

Oya-no koto-o wasurenai.

pais-GEN.-fato-O.D.-não esquece

"Não se esquece (o fato) dos pais."

f) Designa valor atribuído a alguma coisa (*sono shikarito nasuni taru kachio sasu*):

Nanimo sô okoru koto-wa nai.

nada-assim-ficar bravo-fato-TOP.-não há

"Não tem que ficar tão bravo assim".

g) Indica o nome para um conteúdo (*sono jitsu ni taishite sono nao sasu*):

Aru **koto**-wa aru-ga honno sukoshi-da.

há-fato-TOP.-há-CONECTIVO ADVERSATIVO-muito-pouco-AFIRM.

"(O fato de ter, tem ...) Ter, tem, mas é bem pouco".

h) Indica uma teoria de outrem (*taninno setsuo sasu*):

Kasei-ni-wa dôbutsu-ga iru-to iu koto-da.

marTE-LOC.-TOP.-animais-SUJ.-há-CIT.-dizer-fato-AFIRM.

"Em Marte, dizem que há animais."

i) Expressa norma ou prescrição. Corresponde a *beshi* "deve" (*ishiteki tôzen - kihan - o arawasu. 'Beshi'no ini naru*):

Tomodachi-wa erabu koto da-yo.

amigo-TÓPICO-escolher-fato-AFIRM.-ÊNFASE

"Os amigos, devem-se escolhê-los, viu?" (Os amigos, você **deve** escolher.)

Observamos que determinados empregos de *koto* - a exemplo do que ocorre com o item i) - parecem imprimir sentido de prescrição à frase toda. Na consideração de Matsushita, porém, essa concepção não está clara, estando, portanto, no mesmo nível de outros empregos.

Matsushita, ao traçar as características de *keishikimeishi*, baseia-se em critérios sintagmáticos e semânticos, como se observa a seguir:

a) Aspectos sintagmáticos:

- postula a ocorrência de *keishikimeishi* após o *rentaigo* (palavras ou locuções que se ligam a nomes) no caso do 1o. grupo, e a ocorrência após o substantivo no caso do 2o. grupo.

b) Aspectos semânticos:

- Matsushita estabelece o "conteúdo pró-forma e não substancial" do *keishikimeishi*, mas, ao mesmo tempo em que afirma isso, assegura que tais lexias expressam "conteúdos sutis". Matsushita assume uma postura valorativa quando diz que "isso é motivo de orgulho do povo japonês pois demonstra sinal da evolução lingüística", criticada posteriormente por Sakuma Kanae (1966: 75).

- na análise das características do conteúdo referencial do *keishikimeishi*, Matsushita afirma ainda que o 1o. grupo indica a categoria ou espécie de coisas e fatos (*jibutsuno ruio shimesu*), e que o 2o. grupo expressa a exemplificação.

3.4. Considerações de Hashimoto Shinkichi sobre *keishikimeishi*

A contribuição de Hashimoto em relação à taxionomia da língua japonesa foi ter proposto, além das classes de palavras hoje adotadas dentro para gramática escolar (cf. Cap. I-1), a divisão das lexias em autônomas e dependentes, isto é, as assim denominadas *dokuritsugo* e *fuzokugo*, elementos que, juntos, constituem uma "unidade sintática", *bunsetsu*. Uma unidade sintática é, para Hashimoto, marcada pela pausa anterior e posterior a ela, que se faz na atualização do enunciado. Uma lexia independente pode constituir uma unidade sintática por si só, ou juntamente com uma lexia dependente. Ao contrário, esta nunca constitui a unidade sintática por si só. A diferença entre os dois grupos se faz através da verificação da possibilidade ou não de se pronunciar entre pausas. Se há pausa, ter-se-á uma lexia autônoma, se não, ter-se-á uma dependente. O critério adotado por Hashimoto, portanto, é válido somente para o falante dotado de intuição lingüística do japonês, pois só ele saberia onde começa e termina uma palavra, e onde se pode inserir uma pausa.

Utilizando-se da terminologia existente desde as primeiras divisões taxionômicas do período Muromachi, *shi* e *ji*, Hashimoto designa "*shi*" o elemento autônomo e de "*ji*" o elemento dependente:

(...) *daiisshu dainishuno betsuwa, soredakede zengoni kiremeo oite hatsuonsuru kotoqa dekiruka (sunawachi*

dokuritsusuruka) inakaniyotte sadamarunodeatte, katachino uekaramo meiryôni kubetsudekirunodearu. Ima, daiisshuno goo shi, dainishuno goo jito nazukeyô.

(...) bunsetsukôseijôno seishitsuno chigainiyotte, gowa shito jitoni wakareru. Shiwa tandokude bunsetsuo kôseishiubeki monodeari, jiwa tsuneni shini tomanatte bunsetsuo kôseisuru monodearu.

"(...) A distinção entre o primeiro e o segundo tipo se define com a possibilidade ou não de pronunciá-los entre pausas anteriores e posteriores (ou melhor, se é independente ou não) e se pode distinguir também pela forma. Denominaremos o primeiro tipo *shi* e o segundo *ji*.

(...) Dependendo da diferença da natureza com que constitui a unidade sintática, as lexias se dividem em *shi* e *ji* (independente e dependente). A lexia independente é capaz de constituir por si só uma unidade sintática, e a dependente sempre a constitui acompanhando uma independente. (Hashimoto: 1968: 45-6)"

Observamos que, no estabelecimento das características funcionais dos *keishikimeishi*, Hashimoto leva em consideração dois aspectos: seu aspecto fonológico, ao se referir às pausas, e seu aspecto sintático, quando descreve sua constituição em unidade sintática.

Hashimoto estuda o grupo *keishikimeishi* no capítulo intitulado "nomes", *taigen*. Num subcapítulo,

analisa os *keishikimeishi koto* "fato, ato", *mono* "pessoa, coisa", *tokoro* "lugar, momento", *aida* "intervalo/durante, enquanto", *yue* "causa", *tame* "finalidade, causa":

"*Keishikimeishiwa meishitoshiteno hatarakio yûsuruga, sorejishinno yûsuru imiwa usuku, tsuneni sono jissuitsuo arawasubeki goga soreni tomonaumonodearu.*"

"Os *keishikimeishi* desempenham o papel de substantivo, mas o significado que possuem é ténue, sendo assim acompanhados de termos que devem expressar sua substância". (Hashimoto: 1967: 77)

Ainda segundo Hashimoto, alguns são empregados de maneira independente como substantivos, podendo ser considerados *keishikimeishi*, quando empregados em casos particulares. São as lexias *ken* "caso", *kata* "pessoa", *bun* "parte", *hen* "proximidade", *muki* "inclinação, tendência/voltado para", as quais diferem de outras por requererem um modificador nominal. Essas devem ser, portanto, consideradas especiais. Mas Hashimoto acrescenta que, sendo possível separar o modificador e *keishikimeishi* em unidades sintáticas distintas, não se pode considerar essas lexias como completamente dependentes.

Hashimoto distingue, dentre os *keishikimeishi*,

- a) aqueles que são substantivos (*meishi*), e
- b) os que apresentam carácter adverbial (*fukushiteki*).

Exemplos de a): *tokoro* "lugar, momento", *koto* "fato, ato", *mono* "coisa, pessoa", *toki* "tempo/quando", *koro* "época, tempo", *tame* "finalidade, causa", *wake* "razão", *yatsu* "pessoa" em forma pejorativa, *tabi* "vez", *aida* "intervalo/durante, enquanto", *yue* "causa", *hazu* "probabilidade", *ken* "caso", *jô* "item", *hodo* "intensidade", *kurai* "grau", entre outros.

Exemplos de b): *jô* "item", *setsu* "ocasião", *migiri* "ocasião", *tsudo* "vez", *hazu* "probabilidade", *ken* "caso", *bun* "parte", *hō* "lado, direção", *kata* "lado, direção", *hen* "lado", *muki* "inclinação/voltado a", *dōshi* "companheiro", *tokoro* "lugar, momento", *koto* "fato, ato", *mono* "coisa, pessoa", *toki* "tempo/quando", *koro* "por volta de", entre outros.
(Yamada: 1967: 77-9)

Examinando os dois subgrupos de *keishikimeishi* propostos por Hashimoto, observamos lexias que fazem parte tanto dos substantivos, como dos que apresentam caráter adverbial. Entretanto a obra *Nihon bunpōron* "Teoria da gramática japonesa" (Yamada: 1967), constituída de anotações para as aulas que o teórico ministrava, não apresenta explicações a esse respeito. Talvez isso seja explicado pelos diferentes critérios que o teórico adotou para classificar os *keishikimeishi*: o primeiro, um critério morfológico, e o segundo, um critério sintático. A adoção de diferentes critérios, de um lado, faz-nos pensar que a metodologia adotada para classificação não era

adequada, mas, por outro lado, explica a dificuldade que os teóricos tinham, e ainda têm, para sistematizar a classe de *keishikimeishi*.

Vale observar ainda que *no* e *hodo*, lexias consideradas *keishikimeishi* por muitos teóricos, pertencem, na concepção de Hashimoto, ao subgrupo dos morfemas que ele chama *jun'yôji* ou *jun'yôjoshi*, definidos como "morfemas que atribuem às partes precedentes a categoria de outra classe". Dentro do grupo de morfemas chamado *jun'yôji*, o *juntaijoshi* é o que corresponde ao grupo de *keishikimeishi* concebido por Matsushita. O *juntaijoshi*, definido por Hashimoto como "morfemas que atribuem a categoria de nome às partes precedentes", é exemplificado pelos seguintes morfemas:

- *no* (*Watashi-no-ga*,

eu - coisa - SUJEITO

"a coisa de mim/o meu (na função de sujeito)"

iku-no-o,)

ir- ato-O.DIRETO

"(o ato de) ir (na função de objeto direto)"

- *hodo* (*mittsu-hodo-ga chôdo ii*;

três-em torno de, por volta de-SUJEITO-exatamente-bom

"em torno de três é um bom número"

katteoku-hodo-de-mo nai;

deixar comprado- a ponto de- AFIRM.-nem-não é

"nem é o caso de deixá-lo comprado."

shinpaishita-hodo-no koto-mo nai,

fiquei preocupado-a ponto de-GENITIVO-fato-nem-não há

"(o fato nem chegou ao ponto de requerer minha preocupação) nem chegou ao ponto da minha preocupação".

imamade-hodo benkyôshinai).

agora-até-como- não estuda

"não estuda tanto quanto o fez até agora".

A preocupação de Hashimoto com as classificações de lexias em geral, a nosso ver, é de caráter sintagmático e morfológico, mas muito pouco voltada ao caráter semântico. De fato, Hashimoto parece ser o gramático que, entre os seus contemporâneos, menos levou em consideração as relações semânticas entre os constituintes da frase.

3.5. Considerações de Tokieda Motoki sobre *keishikimeishi*

Diferentemente de Yamada, que concebeu a língua como um conjunto de dois elementos - som e pensamento

- que se unem para interação mútua (*sôgô kankitekini ketsugôshita mono*), Tokieda procurou ver a linguagem como a própria atividade física e psicológica do homem, isto é, a exteriorização de seu sentimento. Para Tokieda, a essência da linguagem está no processo psíquico através do qual o homem transforma o referente em signo lingüístico por intermédio dos sons ou da escrita. "Oh!" e "não", por exemplo, são expressões diretas do sentimento do falante, enquanto que "surpresa" ou "negação" são expressões objetivas e abstratas do conteúdo do pensamento do falante, que resultaram do processo de abstração do sentimento. Os *shi* e *ji* diferem essencialmente nesse ponto.

Tal concepção levou o gramático a elaborar a "Teoria do Processo Lingüístico" (*Gengo Kateisetsu*), servindo-lhe de base para propor uma classificação binária das lexias japonesas em nocionais (*shi*) e relacionais (*ji*). Nocionais ou *shi* designam, conforme Tokieda, conceitos resultantes do processo de concretização do conteúdo referencial; e relacionais ou *ji* são expressões da subjetividade do locutor com relação ao conteúdo proposicional. A oposição entre *shi* e *ji* fazia parte da teoria de Hashimoto, quando ele propôs a divisão das lexias em autônomas e dependentes, mas Tokieda parte de outro ponto de vista.

No capítulo sobre nocionais, *shi*, e no subcapítulo intitulado "Nomes e substantivos", *taigento meishi*, da obra *Nihom Bunpô Kôgohen* (1950) Tokieda destaca grupos de lexias cuja inclusão entre os substantivos não considera apropriada:

"*Taigenno nakaniwa, iwayuru meishino nakani ireruniwa fusawashikunai monoga aru kotoo chûishinakereba naranai. (...) Honshoni oitewa, (...) meishito suruniwa fusawashikunaiga, aru kannen'ô hyôgenshi, katsu gokeihenkao shinai monoo taigentoshita* (Tokieda: 1968: 70-1)".

"Entre os nomes, é preciso observar que se encontram alguns que não são adequados para serem incluídos dentro dos substantivos. (...) Neste livro, considerei 'nomes' os que não podem apropriadamente ser incluídos entre os substantivos, mas que expressam um determinado conceito e, além disso, não apresentam variação formal" (Tokieda: 1968: 70-1).

Na definição que acabamos de mencionar, Tokieda afirma que nomes, *taigen*, são os que não apresentam características próprias de substantivos, *meishi*. No entanto, no mesmo livro, no capítulo sobre o *keishikimeishi* e o *keishikidôshi*, as lexias que deveriam fazer parte de nomes (*taigen*) e não de substantivos são consideradas substantivos (*meishi*), contradizendo a afirmação anterior.

Questionando a afirmação de Matsushita de que os *keishikimeishi* possuem apenas a forma de substantivo, Tokieda afirma que eles também expressam um conceito:

Korerano goga, tanni meishitoshiteno ippanteki keishikishika motteinaito miru kotowa gimondeatte, yahari gotoshite aru gainen'ô hyôgensuru monodearu kotowa machigainaidearôga, tada sono gainenga kiwamete chûshôteki keishikitekidearu tameni, tsuneni koreo hosokushi genteisuru shûshokugoo hitsuyôtosuru yôna meishidearutoiu hôga tekisetsudearu. (...) keishikimeishiga bunpôjô chûisarêrunowa, sono gainen naiyôno mondaidewa naku, sorega tsuneni nanrano shûshokugoo tomonai, soreo fukumete hajimete shugonari, jutsugonarini tachiuru hidokuritsuseino meishidearuto iu tenni arunodearu. (Tokieda: 1968: 90)

"É duvidoso considerar-se que esse tipo de lexias só possui uma forma geral de substantivo. Provavelmente não há dúvidas de que os *keishikimeishi* são lexias que expressam conceito enquanto lexia, mas sendo seu conceito extremamente abstrato, é mais apropriado dizer que se trata de substantivos requerendo sempre um modificador que os complemente e os modifique. (...) Os *keishikimeishi* chamam-nos a atenção não em função do seu conteúdo semântico, mas porque sempre requerem um modificador, sendo um substantivo de caráter dependente, que ora desempenha a função de sujeito, ora de predicado."

Tokieda não chega a sistematizar os *keishikimeishi* como fizeram Yamada e Matsushita, mas arrola algumas lexias que conformam tal grupo:

tabi "vez", *hazu* "probabilidade", *tame* "finalidade, causa", *mama* "maneira, estado", *wake* "razão", *no*, *ori* "ocasião", *yô* "estado, aspecto", *koto* "fato, ato", *ue* "sobre", *yue* "causa", *kan*, *ken* "caso", *ten* "ponto", *ageku*, *mono* "coisa, pessoa", *tokoro* "lugar, momento", *yoshi* "razão".

3.6. Considerações de Sakuma Kanae sobre *kyûchakugo*

Abordando a problemática do *keishikimeishi*, Sakuma Kanae questiona a divisão das lexias japonesas em *shi* (lexias autônomas) e *ji* (lexias dependentes) proposta por Hashimoto(1934), classificação baseada no critério da dependência ou não das lexias de acordo com seu emprego na frase (cf. Cap. II-3.4.). Sakuma afirma haver lexias que, mesmo consideradas "autônomas", *shi*, desempenham uma função sintática somente quando acompanhadas de um modificador. O emprego dessas lexias se assemelha ao das lexias dependentes, *ji*. Esse fato mostra que os limites entre *shi* e *ji* não são tão claros como a lógica que divide o A e o não-A, o que constitui um ponto fraco na argumentação dos defensores da oposição entre os dois, afirma Sakuma (1967: 325).

Diante desse problema apresentado pelo *keishikimeishi* na divisão binária *shi/ji*, Sakuma

resgata a concepção de *jun'yô*, (atribuição ou extensão do estatuto de uma classe de palavras ao elemento anteposto) apresentada por Hashimoto, segundo a qual há certas lexias dependentes que, ligando-se a uma outra, atribuem-lhe de sua classe. Sakuma afirma que as lexias que ele chama de *kyûchakugo* possuem essa característica de atribuir ao segmento antecedente, ou seja, ao modificador, o caráter da classe de palavras a que pertencem. O que ocorre com os *kyûchakugo*, afirma ainda Sakuma, não é a mera atribuição do estatuto de uma classe de palavras ao modificador, pois eles, não possuindo um significado substancial, para serem complementados, ligam-se a um modificador com um conteúdo semântico mais preciso.

De acordo com Sakuma, é grande a quantidade de lexias com tais características. Entre elas, há aquelas que são consideradas nomes (*taigen*), ou lexias autônomas, e outras consideradas lexias dependentes. Mesmo as consideradas autônomas, não os são totalmente, pois requerem uma outra lexia ou uma locução para sua complementação semântica. Tais lexias são chamadas por Sakuma de *kyûchakugo* "palavras aglutinantes ou adsorventes".

Os *kyûchakugo*, na concepção de Sakuma, não possuem um conteúdo semântico substancial, que interpretamos como um refencial extra-lingüístico específico. Para o teórico, as lexias chamadas *keishikimeishi* por Matsushita possuem todas as características do grupo de *kyûchakugo*. Do seu ponto de vista, ainda, os *keishikimeishi* são lexias substantivadoras, que atribuem ao seu modificador a

categoria de substantivo, portanto são "kyûchakugo de função nominal".

Na opinião de Sakuma, o *keishikimeishi* (exceto no) é considerado lexia autônoma, razão pela qual é incluído nos dicionários na categoria dos substantivos (*meishi*). Os *keishikimeishi*, porém, tendo desenvolvido a função de atribuir o estatuto de substantivo aos seus modificadores, não são lexias totalmente autônomas. Sakuma cita o exemplo:

Ex. *Amerika-e ittekita mono-wa, daredemo sô iimasu.*

Estados Unidos-DIR.-esteve-pessoa-TÓPICO-qualquer um-assim-diz

"Qualquer **pessoa** que já esteve nos Estados Unidos fala assim".

Neste exemplo, *mono* "pessoa" significa genericamente "pessoa que tem alguma qualificação" ou "pessoa especificada por *Amerika-e ittekita*" e constitui um *kyûchakugo*, que se aglutina ao segmento antecedente. Embora seja considerado um substantivo, não se pode construir frases como "*mono* fez tal coisa", ou "*mono* é assim", sendo necessário que esteja sempre acompanhado de expressões (lexias ou locuções) modificadoras. No exemplo apresentado, *mono* não pode dispensar o modificador *Amerika e itte kita* "que esteve nos Estados Unidos", donde se conclui que não pode ser considerada uma lexia autônoma, *shi*. Mas, considerá-lo lexia dependente, *ji*, tal como os morfemas e os auxiliares verbais (*jodôshi* e *joshi*), tampouco é adequado, afirma o teórico. Embora seja

possível considerar a oposição entre lexias autônomas e dependentes, pensar que as questões referentes às lexias se resolvem com a simples dicotomia é uma posição equivocada, critica Sakuma. Sua crítica se aplica não só à teoria da oposição *shi/ji* proposta por Hashimoto, baseada na autonomia ou dependência das lexias para comporem as unidade sintáticas, mas também à concepção apresentada pela "Teoria do Processo Lingüístico" de Tokieda (1983), baseada no processo pelo qual passa a exteriorização de sentimento do falante.

As obras de Sakuma foram escritas em 1936 e 1940, após a publicação das teorias de Hashimoto em 1934, porém antes das de Tokieda em 1950. Portanto, observamos que as teorias de Sakuma discutem de maneira geral os conceitos definidos por Hashimoto, mas, quanto a Tokieda, embora as notas e revisões posteriores refiram-se a ele, Sakuma não aprofunda as discussões sobre suas teorias.

Sakuma chama a atenção para o fato de que os *kyûchakugo* incluem elementos não somente com função nominal, mas também os com função adverbial e com função adjetiva. Os *kyûchakugo* de função nominal, comumente classificados como substantivos de designação genérica, são, segundo Sakuma, "lexias que apresentam um campo semântico não delimitado por si só, e por isso têm a necessidade de sofrer uma restrição por meio de um modificador" (*sorejishinwa genteisarete-inai aru shuno wakuo shimesu gode, sorewa yagate gentei (sôtei) o matteiru mononandesu* - Sakuma: 1967: 327). Essa caracterização é estendida a

todos os *kyûchakugo*, mas é facilmente verificável sobretudo naqueles com função nominal.

Assim, o gramático enumera os *kyûchakugo* com funções diversas, dos quais citaremos apenas os com função nominal, divididos em 8 grupos e diferenciados de acordo com o que exprimem:

1) os que exprimem "pessoa"

hito/hitotachi "pessoa/pessoas", *kata/katagata* "pessoa /pessoas (forma de respeito)", *yatsu/yatsura* "pessoa/pessoas (forma depreciativa ou de intimidade)", *mono/monodomo* "pessoa/pessoas" etc.

2) os que exprimem objetos

mono "objeto", *hō* "lado", *bun* "parte" etc.

Mono é usado para "objeto", frequentemente no sentido genérico, podendo ser substituído por *yatsu*.

3) os que exprimem fatos

koto "fato", *hanashi* "conversa, história", *ten* "ponto" etc.

4) os que exprimem eventos, estados

baai "caso", *shimatsu* "desfecho", *yōsu*, *chōshi*, *moyō* "estado, situação", *arisama*, *zama*, *tei*, *teitaraku* "estado (lastimável)" etc.

5) os que exprimem lugar

tokoro "lugar", *atari*, *hen* "por volta", *kawai* "vizinhanças, arredores" etc.

6) os que exprimem tempo

Formam freqüentemente uma oração adverbial, com ou sem o acompanhamento do morfema *ni*, podendo desempenhar função de conjunção. Entre esses, os seguintes *keishikimeishi* exercem função de sujeito:

toki "quando", *uchi* "enquanto", *aida* "durante", *koro* "tempo", *jibun* "época", *saichû* "enquanto" etc.

7) os que exprimem causa, motivo

ki "intenção", *tsumori* "intenção", *hazu* "probabilidade" etc.

Além dos sete itens que acabamos de mencionar, Sakuma cita mais um, o "item dos que exprimem intensidade", definindo-os da seguinte maneira: "De função adverbial, ocasionalmente utilizados como nome. São freqüentemente considerados morfemas de ênfase, *fukujoshi*", sem contudo, mencionar exemplos.

Os 67 *kyûchakugo* levantados por Sakuma, com função nominal, divididos em oito grupos, são acrescidos de outros, com funções adjetiva, adverbial e conectiva, referentes a tempo, condição e causa (*seijônitsuiteno kyûchakugo*; *fukushiteki oyobi setsuzokutekina kyûchakugo*; *tokini kansuru kyûchakugo*; *jôken*, *riyûnitsuiteno kyûchakugo*. Sakuma: 1967: 321). Entre os *kyûchakugo* com função adjetiva, Sakuma cita

tai (exprime volição), *nai* (exprime negação) e *rashii* (exprime aparência, suposição) que, devido à sua flexão semelhante à de adjetivo *keiyôshi*, quando ligados a um verbo, fazem com que esse passe a flexionar como adjetivo, como *tabe-nai* "não come", *tabe-tai* "quer comer", *taberu-rashii* "parece que come". Estes *kyûchakugo* com função adjetiva concebidos por Sakuma são considerados auxiliares verbais (*jodôshi*) pela maioria dos gramáticos.

Sakuma associa aos *keishikimeishi* apenas aos *kyûchakugo* com função nominal, outros *kyûchakugo*, porém incluem também os *keishikimeishi* mencionados pelos teóricos antecedentes. São lexias incluídas dentro da categoria de *keishikimeishi* por alguns teóricos, mesmo que tais lexias nem sempre constituam sujeito. Elas fazem parte de locução ou oração adverbial, fato que provoca discussões em torno da própria definição da categoria *keishikimeishi* ou *keishikitaigen*, comentadas no Cap. I-1.2.

Os *kyûchakugo* de função adverbial apresentados por Sakuma são:

- *tôri* "jeito", *mama* "estado", *kurai* "só", *kuse*, *tame* "para", "causa" etc.;
- *toki(ni)* "quando", *tokoro(o, e, de)* "no instante", *koro* "na época", *sai(ni)*, *ori(ni)* "na ocasião", *saichû* "enquanto", *totan(ni)* "repentinamente" etc..

A proposta de Sakuma com criação da classe de *kyûchakugo* não chegou a ser adotada pela gramática japonesa. Contudo, é preciso considerar a pertinência

de sua teoria, pois o autor dividiu as lexias, de acordo com a função sintática, em nominal, adjetiva e adverbial, destacado as de função nominal que assumem papel de sujeito.

Além disso, ele percebeu a ocorrência de *jun'yô* (atribuição ou extensão do estatuto de uma classe de palavras ao segmento anteposto) nas lexias não dependentes, o que ocasionou a proposição de uma nova classe, *kyûchakugo*, incluindo as lexias autônomas e dependentes. Concordamos com Morioka (1988: 185) quando ele afirma o seguinte: "a concepção da classe de *kyûchakugo* como um grupo de lexias que têm por função atribuir o estatuto de classe de palavras ao modificador é bastante inovadora, se se considerar as definições dos teóricos precedentes, que até então limitavam a descrever os *keishikimeishi* como um elemento sempre complementado por modificador".

Não obstante, na nossa opinião, há também certos inconvenientes na classificação do teórico, porque ela abarca as lexias que são morfologicamente diferentes, ou seja, as flexíveis e as não-flexíveis (flexíveis: *tai, nai, rashii* - com função adjetiva; não-flexíveis: *koto, mono* - com função nominal).

A inclusão de elementos heterogêneos num mesmo grupo pode prejudicar a sistematicidade da teoria, pois dificulta a caracterização dessas lexias enquanto classe de palavras. Ademais, a inclusão dos *kyûchakugo* com função adjetiva, considerados normalmente como auxiliares verbais (*jodôshi*), implicaria indubitavelmente na possibilidade de inclusão também de uma grande quantidade de outros auxiliares verbais,

questão sobre a qual Sakuma evita discutir em sua obra.

3.7. Considerações de Ide Itaru sobre *keishikimeishi*

Segundo a concepção de Ide Itaru, os *keishikimeishi* nunca formaram uma classe de palavras independente, sendo sempre incluídos dentro da classe dos substantivos (*meishi*), constituindo seu subgrupo.

Para Ide, os *keishikimeishi* pertencem a uma classe de palavras jamais delimitada claramente dentro dos estudos taxionômicos japoneses, ocupando um lugar marginal. Segundo ele, a peculiaridade das expressões da língua japonesa encontra-se justamente nas partes não abordadas pela classificação taxionômica japonesa, muito inspirada na gramática do Ocidente. Ide acredita que o *keishikimeishi* pertence à parte do léxico em que se pode observar claramente algumas das peculiaridades da língua japonesa. Daí a importância de se discutir e de se analisar sua natureza e suas funções dentro da frase, transpondo o mero nível taxionômico de investigação, afirma o teórico.

Ide identifica 121 *keishikimeishi* e os agrupa em doze tipos, tendo como critério de classificação o conteúdo semântico de cada um:

- 1) que exprime pessoa: *hito* "pessoa", *mono* "pessoa, gente", *kata* "pessoa (exprime polidez) etc.;

- 2) que exprime coisa: *mono* "coisa", *bun* "parte", *hō* "lado" etc.;
- 3) que exprime fatos: *koto* "fato", *ten* "ponto", *yoshi* "fato", *tokoro* "situação", *shidai* "situação" etc.;
- 4) que exprime tempo: *toki* "tempo", *ori* "ocasião", *baai* "caso", *sai* "ocasião", *aida* (intervalo de tempo), *setsu* "ocasião", *kan* (intervalo de tempo), *jibun* "época", *saichū* "meio", *sanaka* "meio", *tabi* "vez" etc.;
- 5) que exprime lugares: *tokoro/toko* "lugar", *atari* "proximidade", *hen* "proximidade", *soba* "proximidade", *uchi* "espaço interno", *saki* "adiante", *mae* "frente", *ushiro* "atrás", *ue* "em cima", *naka* "dentro", *shita* "em baixo" etc.;
- 6) que exprime aparência ou estado: *fū* "aspecto, estilo", *bun* "aspecto", *tōri* "jeito, maneira", *furi* "aparência", *yōsu* "aspecto" etc.;
- 7) que exprime intensidade: *bakari* "apenas, só", *bun* "parte", *teido* "grau" etc.;
- 8) que exprime propósito: *tame* "para";
- 9) que exprime causa ou motivo: *wake* "motivo", *sei* "(por) causa (de)", *tame* "causa" etc.;
- 10) que exprime intenção: *tsumori* "intenção", *ki* "intenção", *kangae* "idéia" etc.;
- 11) que exprime probabilidade: *hazu* "probabilidade";
- 12) que exprime substituição: *kawari* "(no) lugar (de)".

A função do *keishikimeishi*, do ponto de vista de Ide, é demarcar a categoria semântica à qual pertence o conteúdo do modificador. Ide afirma ser insuficiente a definição tradicional simplista de *keishikimeishi* a qual o considera substantivo por ser um termo que requer sempre um modificador e que possui um conteúdo semântico abstrato; é necessário dizer que se tratam de *lexias* que convertem os modificadores em substantivos e que, ao mesmo tempo, definem a categoria (*hanchû*). Deduzimos que a "categoria", pelo contexto geral da obra desse autor, diz respeito à "categoria semântica" à qual os modificadores pertencem: por exemplo, *mono* 'coisa' de *yonda mono* 'coisa que leu', *koto* 'fato' de *yonda koto* 'o fato de ter lido'. A "categoria", segundo Ide, relaciona-se às categorias ou áreas delimitadas de 'pessoa', 'fato', 'objeto', 'tempo', 'lugar', 'intensidade' e 'causa':

Kono yôni, keishikimeishiwa, rentai shûshokusuru senkôno gokuno naiyôga ikanaru hanchûni zokusuru mononi tsuite nobetamonodearukao iisadamerutoiu hataraki, tsumari, hanchûo kiteisuru kinôo motsumonoto iwaneba naranai. (...) Kakute, keishikimeishiwa, ippanni bunpôshoni tokareteiru yôni, tsuneni rentaishûshokugoo hitsuyôtosuru meishide jisshitsu-tekiimiga chûshôtekina monodearutonomi teigisurunodewa fujûbundeatte, mushiro sorewa, rentaishûshokusuru senkôno gokuo taigenshikakuno mononi tenkansuruto dôjini soreni itteino hanchûo ataeru kinôo motsu goshidearuto shinakerebanaranainodearu. (Ide: 1967: 42-3)

Ide atribui ao *keishikimeishi*, não só a função sintática, mas também semântica, estabelecendo um elo sintático-semântico entre o modificador e o núcleo do sintagma nominal. De um lado, o *keishikimeishi* serve para substantivar o modificador, e, de outro, serve para identificá-lo, se se trata de 'pessoa', 'objeto', 'fato', explicitando a qual categoria ele pertence.

De forma geral, um substantivo da língua japonesa pode assumir diferentes funções sintáticas, com o auxílio de morfemas indicadores de caso ou de ênfase, mas os *keishikimeishi* abaixo mencionados sofrem restrições quanto às funções sintáticas que podem assumir:

- *tôri* "jeito, maneira", *mama* "estado", *hakobi* "estágio, ordenação";
- *hodo* "a ponto de", *bakari* "apenas, só", *dake* "só", *kurai* "só", *kagiri* "limite";
- *tame* "para";
- *yue* "causa", *ageku* "(no) final (de)", *tame* "causa";
- *tsumori* "intenção";
- *hazu* "probabilidade";
- *kawari* "(no) lugar (de)".

Tais *keishikimeishi* constróem predicados ou complementos verbais, mas dificilmente assumem a função de sujeito.

Ide ainda explica o motivo do caráter polissêmico de certos *keishikimeishi*: são lexias que originariamente expressavam um só campo semântico, mas que passaram a ter seu significado esvaziado, acompanhando a ampliação dos limites de seu campo semântico. A seguir, citamos exemplos referentes a *mono* e *tokoro*, apresentados pelo autor:

Sono ue sotokara shinnyûshitekuru monoo fuseganakerebanaranakatta. "Além do mais, era necessário impedir os (as peessoas) que nos invadiam de fora." (pessoa)

Omiyageni katte kita monoo kabankara hitotsu hitotsu toridashita. "Retirou da mala, uma a uma, as coisas que trouxera de presente." (coisa)

Ima watashino kangaeteiru tokorowa, ikanishite heionrini jitaio shûshûsurukatoiu kotodearu. "O que estou pensando agora é como resolver a situação de maneira pacífica." (conteúdo)

Kô itta tokoroo hitoni mirareruto hazukashii. "Teria vergonha se me vissem nesse estado em que estou" (estado)

Machikutabirete kaerôto shita tokoroni yatte kita. "Chegou quando já estava cansado de esperar e prestes a ir embora." (tempo)

Nagaretsuita tokorowa chizunimo kakikomareteinai chippokena shimadatta. "O local onde cheguei naufragado era uma pequena ilha que nem constava do mapa." (lugar)

Segundo Ide, há um tipo de atenuação ou de esvaziamento de significado nos *keishikimeishi*, impossibilitando-os de expressar um único campo semântico. Esse processo de esvaziamento semântico explicaria também o seu papel na constituição de conjunções, tais como *node* "portanto", *noni* "apesar de", *monoo* "porém", *tokoroga* "no entanto". Etimologicamente, estas conjunções se originaram de *keishikimeishi* acompanhados de morfemas indicadores de caso (*kakujoshi*), mas, à medida que a carga semântica desses *keishikimeishi* se torna "vazia", os modificadores diminuem seu grau de dependência com o *keishikimeishi*, tornando-se autônomos, e os conjuntos formados por *keishikimeishi* e morfema gramatical transformam-se em conectivos.

Além desses conectivos, afirma o teórico, há na língua japonesa também os morfemas finais (*shûjoshi*) *no*, *koto*, *mono/mon*, cuja origem se encontra nos *keishikimeishi* e que tiveram suas cargas semânticas "esvaziadas", observando-se o processo de transformação de elementos nocionais em relacionais (de *shi* para *ji*). O esvaziamento semântico dos *keishikimeishi* propicia, de acordo com o teórico, a sua transformação em elementos relacionais, e é nesse sentido que se pode assinalar, de um lado, a proximidade desse grupo de lexias dos morfemas gramaticais em geral (*joshi*), ou melhor, dos elementos relacionais, e, por outro lado, a distância em relação aos substantivos, do quadro dos nocionais.

Observamos que Ide assume um ponto de vista diferente de Yamada e Matsushita, quando define os

keishikimeishi como elementos originariamente portadores de carga semântica delimitada que, com o tempo, sofrem um processo de esvaziamento semântico. Ide enfatiza, em sua teoria, o processo histórico de transformação das palavras, embora não chegue a explicitar os estágios dessas transformações. Acreditamos ser esta visão histórica uma das contribuições teóricas valiosas que Ide trouxe aos estudos do *keishikimeishi*. Além disso, Ide aprofunda as considerações tecidas por Sakuma, ao definir o *keishikimeishi* não só como um elemento substantivador, mas também como um definidor do tipo semântico de seu modificador. Entretanto, não é muito claro o relacionamento que ele estabelece entre a noção de "categoria" e o conteúdo de seu modificador, restando certa margem de dúvida.

Ainda, Ide, com sua lista maior que as de seus predecessores, parece abarcar a maioria dos *keishikimeishi* apontados pelos mesmos, que nem sempre coincidem quanto à delimitação desse grupo. Levando em consideração o caráter polissêmico de algumas lexias, Ide as situa em diferentes itens, contando assim mais de uma vez a lexia *mono*, uma no item que exprime pessoa, e outra no item que exprime coisa. São esses pontos que o distinguem substancialmente dos gramáticos precedentes.

4. Outras considerações mais recentes

Os trabalhos que encontramos após Ide mostram novos enfoques sobre os *keishikimeishi*, sobretudo do ponto de vista semântico-sintático. É o caso do teórico Teramura e de gramáticos gerativistas, como Okutsu. A partir deles, os estudos sobre a questão têm apresentado trabalhos bastante específicos que analisam um ou outro *keishikimeishi* em particular. Pela importância da visão inovadora que trazem sobre o *keishikimeishi*, procuramos sumariar nos itens subseqüentes as teorias de Teramura Hideo, Okutsu Keichiro e Kudo Mayumi.

4.1. Teramura Hideo

É necessário ressaltar, em primeiro lugar, que Teramura tratou dos *keishikimeishi* como um grupo de lexias que apresenta uma determinada característica semântico-sintática dentro da estrutura gramatical japonesa, sem denominar a categoria em que se inclui.

Uma das preocupações de Teramura era a de analisar a "modificação nominal" da língua japonesa, isto é, os assim designados *rentaishûshoku*, e a relação entre o núcleo do sintagma nominal (SN) e seu modificador, dois componentes fundamentais dentro do SN. Desse ponto de vista, o gramático aponta as relações sintáticas e semânticas entre esses dois componentes, classificando-as em duas estruturas: a

relação endocêntrica (*uchino kankei*) e a relação exocêntrica (*sotono kankei*).

Considerando que a ligação entre o núcleo [*kodomo*] "criança" e o modificador [*gakkô-e iku*] "ir à escola" do SN *gakkôe iku kodomo* "a criança que vai à escola" traz uma relação de sujeito e predicado, Teramura chamou-a de "endocêntrica" (*uchino kankei*). Quando a relação entre esses dois componentes do sintagma não pressupõe a relação sintática sujeito/predicado, ou objeto/predicado de uma frase - como é o caso de *gakkôe iku koto* "o ato de ir à escola" - mas reflete apenas a relação núcleo (*koto* "fato, ato")/conteúdo detalhado ou especificação do núcleo (*gakkôe iku* "ir à escola"), é denominada por Teramura de relação exocêntrica ou *sotono kankei*.

Por esse ponto de vista, Teramura conclui que os chamados *keishikimeishi* constituem o núcleo do SN quando o modificador expressa seu conteúdo.

Apresentamos a seguir um exemplo onde se verifica a relação exocêntrica entre o modificador e o núcleo:

(a) *Tanakasan-ga kekkonshita kotoo shitta. (Tanakasan-ga kekkonshita. Sono kotoo shitta.)*

"Soube do **fato** de o sr. Tanaka ter se casado/ Soube que o sr. Tanaka se casou" (O Sr. Tanaka se casou. Soube desse **fato**.)

No exemplo (a), o segmento "Sr. Tanaka se casou" constitui o conteúdo ou a explicação detalhada do fato (*koto*).

Teramura explica que, diferentemente do SN que apresenta a estrutura endocêntrica, a estrutura da construção exocêntrica se caracteriza pela presença do modificador que expressa o conteúdo do núcleo. Em outras palavras, na concepção de Teramura, a especificidade semântica do núcleo do SN marca a estrutura exocêntrica. Dentre os substantivos que constituem o núcleo do SN nas construções exocêntricas, os *keishikimeishi* fazem parte dos mais abstratos quanto ao conteúdo semântico. Esses *keishikimeishi* são usados, de um lado, como conjunções e, de outro, como morfemas finais.

Teramura evita discutir a questão dessas lexias enquanto classe de palavras. Critica o fato de o *keishikimeishi* seja comumente encarado como uma questão meramente taxionômica, dizendo que as definições e as explicações de seus empregos sejam demasiado conceituais (1978: 04). Prefere observar a maneira pela qual os substantivos são empregados conforme suas especificidades semânticas, a tratá-los como um grupo taxionômico dos *keishikimeishi*. Dessa forma, espera poder observar seus fenômenos lingüísticos como uma questão sintática importante da língua japonesa, e não como uma mera questão taxionômica.

Teramura ressalta a característica de certos substantivos - núcleos de SN - que, com a atenuação de seu significado substancial, tornam-se formais, perdendo o estatuto de substantivo. Divide-os, pois, de acordo com as diferentes funções sintáticas que

desempenham (1978: 02), classificando-os em substantivos com expressões de tempo, quantidade, intensidade, e também as de relatividade, como *ue* "em cima", *shita* "em baixo", *mae* "frente", *nochi* "depois", *kekka* "resultado", que têm características adverbiais. Teramura seleciona as *lexias*, comumente consideradas *keishikimeishi*, que assumem função adverbial, com ou sem a posposição do morfema *ni*:

- *toki*, *aida*, *koro*, *tabi*, *baai*, *tame*, *yue*, *kekka*, *sue*, *ageku*, *ue*, *amari*, *tokoro*, *kurai*, *mama*, *tôri*, *kagiri*.

As mesmas *lexias* podem transformar-se em conectivos que ligam as orações (*setsujoshika*), e também em expressões de modalidade, quando surgidas no final da oração (*bunmatsu jodôshika*), juntamente com expressões como o auxiliar verbal *da* de afirmação, verbos como *aru* "haver", *suru* "fazer", *naru* "tornar-se", além de *nai* "não haver". Assim, as *lexias* *tsumori*, *hazu*, *wake*, *yôsu*, *ki*, *hô* e outros, que se juntam a *da* (afirmação), *ga-aru/nai* (experiência), *ga/o-suru* (ação), *ga-ii* (preferência), formam as expressões:

- *tsumori-da* "tenho a intenção de", *hazu-da* "deve (suposição)", *wake-da* (motivo), *mono-da* "deve (sugestão)", *tokoro-da* (iminência), *yoshi-da* (alusão);
- *koto-ga aru* (experiência), *kai-ga aru* "vale a pena";
- *ki-ga suru* "ter a impressão de", *kanji-ga suru* "ter a impressão de", *mane-o suru* "imitar";
- *hô-ga ii* "é melhor"

Para Teramura, as expressões acima indicam a atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional da frase.

Teramura estuda as características dessas lexias, definindo-as como sendo "multifuncionais" (*takakuteki kinô motsu*). O teórico se propõe a analisar especificamente algumas que apresentam maior complexidade, entre elas *koto* e *mono*.

Na descrição de *koto*, Teramura distingue quatro diferentes empregos:

1) como substantivo propriamente dito (*jisshitsumeishi*), que permite fazer parte da estrutura endocêntrica;

2) como substantivo que requer um modificador, na estrutura exocêntrica.

(Ex.: *Tôgorôga korobude-arôtoiu kotowa...* "O **fato** de que possivelmente Tôgorô vá renunciar à sua fé...");

3) como conjunção (Ex.: *Odoroita kotoni...* "Para minha surpresa...", *Oshôgatsuno kototote...* "Uma vez que é Ano Novo...")

4) como auxiliar verbal (*jodôshi*), no final da oração (Ex.:

...(suru) *koto-ga dekiru* "Sabe fazer..."

...(suru) *koto-ni suru* "Faz de conta que...";

...(suru) *koto-ni naru* "Foi resolvido que...";

...(suru/shita) *koto-ga aru* "Há vezes que.../Tem a experiência de...";

...*koto-da* "Deve...").

Na análise do *keishikimeishi mono*, Teramura distingue três empregos:

1) utilizado como substantivo com conteúdo semântico substancial. Retomando a afirmação de Matsushita, que considerou *mono* "coisa" como substantivo com conteúdo substancial, e *mono* "pessoa" como *keishikimeishi*, Teramura afirma que mesmo no emprego de *mono* "coisa", são constatados significados dos mais concretos ex. (a) ou mais abstratos¹⁷ ex. (b):

(a) *Omaega hoshii monoo yarô*. "Darei o (a coisa) que você quiser".

(b) *Bundannadoto iu monowa, jinseino mondaimo geijutsu-no mondaimo kesshite kaiketsushitekureru tokorodewa arimasen*. (Nakamura Mitsuo, de *Waraino sôshitsu*) "(A coisa chamada) O chamado círculo literário não é um lugar onde se resolvem problemas da vida nem da arte."

O *mono* do ex. (a) é definido por Teramura como expressão de um objeto concreto, palpável, com forma, enquanto que do ex. (b) é considerado expressão da existência (*jittai*). nesse caso, de uma organização social chamada 'círculo literário', mas há também empregos em que *mono* expressa a essência (*honshô*), como em 3), que apresentamos mais adiante.

¹⁷ Estamos traduzindo o *jisshitsuteki* como concreto e *keishikiteki* como abstrato, que não correspondem às definições de concreto e abstrato por Câmara Jr. (1992). Para Teramura, *jisshitsuteki* significa material e real, como é o caso do 'objeto que você quer' e *keishikiteki* o que não é palpável fisicamente, como 'círculo literário'.

2) utilizado como conjunção acompanhado de auxiliares verbais, tornando-se *monono* "embora", *monoo* "no entanto", *monodakara* "portanto".

3) empregado no final da frase, como auxiliar verbal. Expressa essência ou natureza; sugestão; circunstância; emoção diante da lembrança do passado ou surpresa ante uma constatação no presente.

Observamos que Teramura enfoca a questão da estrutura de modificação nominal, em que o *keishikimeishi* ocupa um lugar específico. Teramura caracteriza esses termos como "possuidores de significados abstratos", "portadores de um campo semântico amplo", "complexos" e "possuidores cada qual de seu próprio uso, de seu domínio". Seu trabalho constitui ainda hoje um estudo dos mais aprofundados e abrangentes a respeito das lexias *keishikimeishi*. Com relação a lexias que analisou detalhadamente, Teramura estuda suas funções desempenhadas dentro da oração: função adverbial, conectiva e modal. Contudo, não chega a analisar em profundidade sua relação com o modificador com profundidade.

4.2. Okutsu Keichiro

A estrutura da relação exocêntrica (*sotono kankei*) proposta por Teramura foi denominada, por Okutsu Keichiro (1974), de "estrutura da modificação adicional do nome", *fuka rentai shûshoku kôzô*, dentro

de uma perspectiva gerativista. Para demonstrar tal estrutura, Okutsu cita exemplos que contêm as lexias *koto* "fato, ato", *mae* "antes" e *ato* "depois", cuja relação com o *keishikimeishi* parece ser evidente. Entretanto, o grupo de lexias a que temos denominado *keishikimeishi* é considerado por Okutsu uma classificação desnecessária.

Okutsu aponta que os teóricos precedentes eram unânimes em afirmar o caráter dependente das lexias pertencentes ao grupo de *keishikimeishi* que, em função de sua característica de conteúdo semântico abstrato, surgem acompanhadas de algum modificador. Afirma, entretanto, que a maioria dos *keishikimeishi* não exige obrigatoriamente um modificador, e cita como exemplo as lexias *hito* "pessoa", *mono* "coisa", *toki* "tempo" e *tokoro* "lugar". Com essa argumentação, afirma que a necessidade de um modificador não serve de parâmetro para decidir se uma lexia é ou não um *keishikimeishi*.

Outro ponto criticado por Okutsu é a afirmação de que o *keishikimeishi* requer um modificador por seu conteúdo semântico ser abstrato:

"(...) Dizem que os *keishikimeishi* requerem um modificador porque seu referente é abstrato. Porém, o que seria o 'caráter abstrato' do referente de um substantivo? Poder-se-ia considerar o grau de abstração como critério de classificação entre um *keishikimeishi* e um não-*keishikimeishi*? (...) Onde começa e onde termina o *keishikimeishi*? (...) Não há um critério que possa

dividir os substantivos em dois, de acordo com o grau de abstração." (Okutsu, 1974: 205)

Considerando o substantivo *hito* "pessoa" um representante de *keishikimeishi*, o teórico afirma que há substantivos mais abstratos, tais como *dôbutsu* "ser animal", *seibutsu* "ser vivo" e *sonzai* "existência", que, não obstante, não são incluídos dentro do grupo dos *keishikimeishi*. Okutsu considera que o grau de abstração do conteúdo semântico de um substantivo é relativo, podendo, assim, apenas afirmar-se que um substantivo é mais ou menos abstrato que o outro. E entre os substantivos mais abstratos e os mais concretos há inúmeras camadas intermediárias, não classificáveis. É por isso que, na opinião de Okutsu, cada teórico conta e classifica de maneira diferente e variada os *keishikimeishi*. O autor afirma não haver característica dicotômica entre os *keishikimeishi* e os não-*keishikimeishi*, justificando assim a não necessidade dessa classificação com o nome de *keishikimeishi*.

Concordamos com Okutsu quanto à questão da descrição do *keishikimeishi*. A crítica quanto à imprecisão na definição desse grupo de lexias, feita por Okutsu, é procedente, e os critérios de classificação e de subdivisão realmente têm oscilado muito de um teórico a outro. Porém, sendo "uma das funções essenciais das classes de formas (por exemplo, das classes de palavras) justamente permitir a descrição compacta do comportamento sintático das formas", como afirma Perini (1989: 37), com quem

concordamos, acreditamos que as descrições dos *keishikimeishi* propostas pelos teóricos precedentes são válidas, e não só isso, são úteis para a descrição das *lexias* que apresentam certos comportamentos sintáticos e semânticos em comum.

Acrescentamos, ainda, que o exemplo *hito* "pessoa" que Okutsu define como "*keishikimeishi* representativo, citado na maioria dos casos", não é unanimidade entre os teóricos, podendo ser encontrado somente nas classificações de Sakuma e Ide.

4.3. Kudo Mayumi

Kudo não chega a fazer considerações sobre o *keishikimeishi* em si, mas analisa uma parte da composição sintagmática que envolve o *koto*. Seu trabalho tem como enfoque os empregos de *no* e *koto* nos sintagmas nominais e sua relação com os tipos de verbos da oração principal (1985). Considerando *koto* como elemento substantivador, no exemplo:

Sofu-ga shinda koto-o hanasu,

avô SUJEITO morreu fato O.D. contar

"Conto que meu avô faleceu."

Kudo afirma que a expressão *sofu-ga shinda* "meu avô faleceu" é substantivada pelo *koto* "fato".

De acordo com Kudo, os verbos que aceitam *koto* como complemento direto (objeto direto) são:

a) os relacionados a atos de pensamento, tais como *omou* "achar, pensar", *kangaeru* "pensar", *shinjiru* "acreditar", *utagau* "duvidar", *rikaisuru* "compreender";

b) os relacionados a atividades comunicativas, tais como *iu* "dizer", *hanasu* "falar", *kiku* "ouvir", *kaku* "escrever", *shiraseru* "avisar", *tsutaeru* "comunicar";

c) os relacionados a atividades voluntárias (exigência, proibição, permissão, desejo, determinação), tais como *meijiru* "ordenar", *susumeru* "sugerir", *kinjiru* "proibir", *yurusu* "permitir", *nozomu* "desejar", *kimeru* "decidir", *yakusokusuru* "prometer".

d) os relacionados a atividades de indicação, tais como *shimesu* "indicar", *sasu* "apontar", *shômeisuru* "provar", *honomekasu* "insinuar, dar a entender"

Como correlatos das atividades do pensamento e de comunicação, os verbos que expressam percepção ou cognição também podem complementações com o *keishikimeishi koto*, ou então *no*:

- *hakkensuru* "descobrir", *kanjiru* "sentir", *shiru* "saber", *wakaru* "perceber, dar conta", *kizuku* "notar", *oboeru* "aprender", *omoidasu* "lembrar"

Há, ainda, outros verbos que podem ser englobados nessa categoria: são os verbos que expressam a atitude do sujeito em relação ao objeto. Essa atitude pode ser valorativa, como se pode observar nos verbos:

- *yorokobu* "ficar contente", *kanashimu* "ficar triste", *odoroku* "surpreender", *kitaisuru* "esperar com expectativa", *sanseisuru* "concordar", *hiteisuru* "negar"

Outros verbos que também têm o *koto* como complemento, são:

- *yameru* "parar", *yosu* "deixar, parar", *sakeru* "esquivar", *fusegu* "evitar"

Kudo caracteriza tais verbos, de modo geral, como "verbos que exprimem atividades cognitivas (*chiteki katsudô*)". Acreditamos que o levantamento e a análise de *koto* realizados por Kudo são de grande valia para caracterizar o *keishikimeishi koto*. A abrangência de sua análise, porém, parece-nos bastante limitada, uma vez que seu intuito era fazer a comparação entre os *keishikimeishi koto* e *no*, relacionando-os com os verbos da oração principal, e não analisar o funcionamento do *keishikimeishi koto* em si. Portanto, o enfoque de Kudo com relação a *koto* se aplica a uma parcela de seu emprego, deixando muitas outras a serem analisadas. Ao longo do Capítulo III, propomo-nos a fazer uma análise que complementa o que foi aqui apresentado.

CAP. III**ANÁLISE DAS LEXIAS KOTO E MONO****1. Considerações gerais da análise**

Tendo apresentado no capítulo anterior as várias considerações teóricas referentes aos *keishikimeishi*, neste capítulo vamos abordar essencialmente duas de suas lexias - *koto* e *mono*. Tomaremos, em primeiro lugar, o caráter morfológico e semântico dos modificadores das lexias *koto* e *mono*. Em seguida, verificaremos se determinados tipos de modificadores correspondem à função sintática que o sintagma nominal desempenha dentro da frase principal. E por fim, faremos uma comparação entre *koto* e *mono*.

Partiremos da hipótese de que, analisando os aspectos morfológicos e semânticos dos modificadores antepostos ao núcleo do sintagma nominal, poderemos caracterizar ou definir os traços semânticos de *koto* e *mono* em cada enunciado. Se seus modificadores devem preencher algumas condições para exercer sua função sintática, quais seriam essas condições? Nosso pressuposto é que os seus aspectos morfológicos e os seus aspectos semânticos, enquanto exercem a função de modificadores, apresentam uma característica que pode delimitar o campo semântico polissêmico.

A primeira etapa da análise será a de examinar as classes de palavras que constituem os modificadores - verbo, nome, adjetivo. O passo seguinte será o de

estudar a estrutura interna do sintagma nominal formado por *koto* ou *mono* e seu modificador, analisando a relação semântica entre esses dois elementos. É nosso intuito averiguar o tipo de complementação que o modificador efetua no núcleo. Será ele descrição do referente de *koto* e *mono*, ou explicação de seu conteúdo semântico? Ainda nesta etapa, verificaremos se o significado de *koto* e *mono* nesses casos se completa através de seu modificador - levando em consideração o postulado de alguns teóricos segundo os quais o *keishikimeishi* atinge a completude semântica juntamente com o modificador.

A análise morfológica e semântica permitirá verificar o interrelacionamento entre o modificador e os *keishikimeishi koto* e *mono* e chegar à compreensão do sistema geral de uso. Considerando que já existe um levantamento numérico para examinar as lexias mais correntes da língua japonesa utilizadas em revistas, realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Língua Japonesa (*Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo*), o nosso estudo não se propõe a ser estatístico-numérico. O que pretendemos, através da análise e interpretação, é fazer uma descrição das estruturas em que *koto* e *mono* ocorrem com regularidade, enfoque este que consistirá na parte essencial deste trabalho.

2. Justificativa do corpus

O corpus é constituído de diferentes textos, a começar, pelos contos e romances de autores vários, bem como ensaios e texto científico, que serão apresentados a seguir, seguindo a ordem indicada: nome do texto, sigla utilizada nas citações de exemplos e autoria.

- "Takasebune" (Ta) e "Jiisan bân-san" (Ji), de Mori Ôgai;
- "Kurushiki hitobito" (Ku) e *Bunpai* (Bu), de Shimazaki Tôson;
- "Nirôba" (Ni), de Tokuda Shûsei;
- "Hankechi" (Ha), de Akutagawa Ryûnosuke;
- "Hone" (Ho) e "Shukyô" (Shu), de Arishima Takeo;
- *Bokkochan* (Bo) , de Hoshi Shin'ichi;
- *Kitchen* (Ki), de Yoshimoto Banana;
- *Ninshin karendâ* (Ni), de Ogawa Yoko;
- *Contos Modernos Japoneses* (Co), contendo a tradução portuguesa de algumas das obras anteriormente mencionadas.
- texto dissertativo "Gono shutsuji" (Go), de Tamamura Fumio.
- ensaios vários (Zu), de diversos autores, da revista *Bungei Shunjû*.

A escolha de contos escritos por vários autores, fonte a partir da qual se constituiu a maior parte do *corpus*, respondeu à intenção de não tomarmos apenas o estilo e os tipos de estruturação frasal preferidos por um só escritor. Adotamos o critério de abarcar um maior número de escritores para obter maior variedade de enunciados que contêm *koto* e *mono*.

Optamos, inicialmente, por utilizar apenas os contos traduzidos diretamente do japonês para o português, e escolhemos uma coletânea de contos, escritos entre 1909 e 1930, traduzidos em 1994. O *corpus* constituído através dessas fontes perfaz 450 enunciados. Esse *corpus* foi completado posteriormente com mais 250 enunciados extraídos de diversos textos - ensaios, textos literários e científicos - das décadas de 80 e 90, mas sem tradução para o português.

A pesquisa do *Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo* esclarece que as lexias *koto* e *mono* ocorrem em revistas de diferentes gêneros, sejam elas femininas, científicas ou de entretenimento. Suas diferenças de emprego por gênero, pelo menos quanto ao aspecto quantitativo, não nos pareceram significativas. Na seleção de textos modernos, portanto, não houve preocupação especial em coletar enunciados de um determinado gênero de texto.

No total, nosso *corpus* é constituído de 700 enunciados nos quais se encontram as lexias *koto* e *mono*. Dentre os enunciados, *koto* ocorre com mais freqüência do que *mono*, perfazendo 60% do total de enunciados.

Tendo em vista que as variações lingüísticas regionais não constituem o objeto de nossa análise,

decidimos descartar, dentre os enunciados que compunham o *corpus*, aqueles que nos pareceram estruturas próprias de falas regionais, para que pudéssemos manter uma homogeneidade de descrição, centrada na "língua japonesa padrão", conhecida como *kyôtsûgo*.

3. Descrição de *koto* e *mono*

Dentre os modificadores de *koto* e *mono*, identificamos diferentes classes de palavras, precedendo o núcleo do sintagma nominal:

- nome ou pronome + *no* + *koto/mono*
- adjetivo *keiyôshi* + *koto/mono*
- adjetivo *junmeishi* + *na/no* + *koto/mono*
- verbo + *koto/mono*
- pronome adjetivo ou expressões pronominais adjetivas + *koto/mono*
- ...*toiu* + *koto/mono*

O nome e o pronome, não podendo constituir modificador por si só, ligam-se a *koto/mono* através do morfema *no*, indicador de genitivo.

A diferença formal entre os adjetivos *keiyôshi* e *junmeishi* reside na terminação *-i* do primeiro, e na terminação variada do segundo, além de que este liga-se a um nome através do morfema de afirmação, *na* ou *no*.

3.1. O *keishikimeishi koto*

Para fazer uma distinção entre *koto* "ato" e *koto* "fato", tomaremos o termo "ato" em dois sentidos: ação no sentido virtual, que "existe como faculdade, porém sem exercício ou efeito atual", ou ação "suscetível de se realizar, potencial" (Ferreira: 1993); e ação em ocorrência, fazendo parte do "fato". Atribuímos ao "fato" a acepção de "ação realizada, ato ocorrido, acontecimento"; e também "ação em ocorrência". Podemos então considerar o fato como real, concreto, particular; e o ato subdividindo-se em "ato enquanto faculdade, sem realização", portanto potencial, abstrato, genérico, e "ato em ocorrência", fazendo parte do fato. Ambos fazem parte do conteúdo da fala, do pensamento.

3.1.1. nome + *no* + *koto*

A modificação de *koto* por um nome apresentou as seguintes tendências:

3.1.1.1. Nome e pronome referentes a humano e não-humano

A grande maioria dos nomes próprios constituem estruturas que compõem sintagmas nominais formados por [nome(doravante N) + *no* + *koto*]. Esta estrutura, significando literalmente "as coisas de N", pode ser

interpretada como "a respeito de N", "tratando-se de N" ou "sobre N", conforme esquema a seguir:

[N + *no* + *koto*] = ("coisas de N")¹
 "a respeito de N"
 "tratando-se de N"
 "sobre N"
 "de N".

Apresentamos, a seguir, os nomes que antecedem a *lexia koto*.

1) nome próprio:

Constituem N os nomes próprios de pessoas, referentes a certos indivíduos definidos no contexto do enunciado. Assim, *Bottotsuno koto* significa "sobre Bottotsu", nome de um personagem do conto.

Bottotsu (apelido)-***no koto***

Tanabe (sobrenome)-*no koto*

Yûichi (prenome)-*no koto*

Ôtake-*kun* (sobrenome + sufixo usado por um narrador-personagem, de sexo masculino, para se referir a um amigo da mesma hierarquia social)-*no koto*

Hirooka *rôjin* "velho Hirooka"-*no koto*

¹ Apresentamos entre parênteses as traduções literais, não aproveitadas para a tradução final.

Ex.

(a) **Yûichino kotomo** kono jikanni katarareta yôni omou.

(Ki: 34) ²

"Também **a respeito de Yûichi**, acho que foi comentado nessa hora."

2) pronome pessoal:

Assim como os nomes próprios, os pronomes pessoais referem-se a um determinado indivíduo introduzido no contexto anterior ao enunciado.

watashi "eu" no koto

anata "você" no koto

kare "ele" no koto

aitsu "ele" no koto

Nioini gurugurumakini sare, beddode kurumatteiru kanojo "ela, que está deitada enrolada na cama, envolta pelo cheiro" no koto

Ex.:

(b) *Soreni, kareno kotowa nanimo shiranaishi.* (Ki: 41)

"E não sei nada **sobre ele.**"

² A abreviatura entre parênteses indica a fonte de onde foi extraído o exemplo, e o número que se segue é o da página.

(c) *Nioini gurugurumakini sare, beddode kurumatteiru kanojono kotoo omoinagara (...)* (Ni: 439)

"pensando a respeito dela, que está deitada enrolada na cama, completamente envolta pelo cheiro, (...)"

Os pronomes pessoais tendem a constituir por si só o modificador junto com o morfema genitivo *no*, uma vez que se referem a um indivíduo determinado apresentado no contexto, salvo em raras exceções, como ocorre no último exemplo. O pronome pessoal *kanojo* "ela" aponta para uma determinada pessoa dentro de uma dada situação, tratando-se, no contexto dado, da irmã mais velha da personagem narradora. Tendo uma referência definida, esses pronomes pessoais dispensam os modificadores restritivos (Lyons: 1977, Mateus: 1989). Sendo assim, julgamos que o sintagma adjetivo que constitui o modificador *Nioini gurugurumakini sare, beddode kurumatteiru* "que está deitada enrolada na cama, envolta pelo cheiro" do pronome pessoal *kanojo* "ela", é um modificador descritivo e não restritivo.

3) Nome comum, referente a humano e não-humano:

São nomes são objetos de comentários.

oi "sobrinho" *no koto*

segare "filho" *no koto*

shizunda mede kurowassan' o nagame, mikazukino sentanno chiisana hitokakerao chigitteiru ane "minha irmã, que

fixa os olhos sombrios no *croissant* e está arrancando um pedaço pequeno da ponta da lua crescente" no *koto*
G sangyôno shachô "presidente da Indústria G." no *koto*
gorufu "golfe" no *koto*
bunpai "partilha (de dinheiro)" no *koto*
musumeno shitaku "os preparativos (de casamento) da filha"

Ex.

(d) **Aneno akanbôno kotoo kangaeru toki**, (...) (Ni: 438)

"Quando penso **no bebê da minha irmã** (...)"

(e) (...) *yakunintachiwa*, **gorufuno kotoo hanashiatteita**. (Bo: 21)

"(...) os funcionários conversavam **a respeito do golfe**". Muitos nomes comuns referentes a humanos e a não-humanos apresentam uma referência determinada (d). Isso não impede, porém, que apresentem uma referência genérica como é o caso do exemplo (e).

3.1.1.2. Nome referente a tempo

As lexias que se referem ao tempo são bastante freqüentes na composição do modificador de *koto*:

senkoku "momento anterior" no *koto*

sono toki "esse momento" no *koto*

tôji "a época (do momento referido)" no koto

shôrai "futuro" no koto

wakakatta hi "o tempo em que era jovem" no koto

jûgatsu chûjun "meados de outubro" no koto

hitomukashi, senseiga Berurinni ryûgakushiteita jibun
"a época quando o professor estava estudando em
Berlin"

kyonenno aki "o outono do ano passado" no koto

Ex.:

(f) Saikunwa **shôraino kotomademo kangaeruto iu fûde,**
(Ku: 305)

"A esposa (...) parecia pensar até mesmo **a respeito do futuro.**" (Co: 42)

(g) **Hitomukashi, senseiga Berurinni ryûgakushiteita jibunno kotodearu.** (Ha: 42)

"Foram **coisas de há um tempo, quando o professor estudava em Berlin.**"

(h) **Jûgatsu nakabano kotodeatta.** (Ku: 303)

"Eram **coisas de meados de outubro.**" (Co: 39)

(i) **Kyonenno akino kotodegozaimasu.** (Ta: 196)

"Foi **um evento do outono do ano passado.**"

Dentre os enunciados que trazem referências ao tempo, encontram-se exemplos como (f) com sujeitos claramente expressos, nos quais o significado de *koto* é igual ao dos exemplos citados anteriormente. Ocorrem, além desses, também certos exemplos expressos em estruturas sintáticas bem marcadas pela ausência de sujeito, constituídas de

[expressão de tempo + *no koto* + expressão de afirmação].

como as apresentadas nos exemplos (g) a (i). Mesmo traduzidos por "coisa" em português, *koto* da estrutura acima mencionada não designa o objeto, mas sim o evento, fato, acontecimento. A expressão do tempo, nessa estrutura, é um dado circunstancial do evento ou do fato, incorporado no sintagma nominal.

Em (g), *koto* se refere a um acontecimento, cujo detalhe será explicitado no parágrafo seguinte à frase no contexto: trata-se da morte do Guilherme I e a reação demonstrada pelas pessoas face ao acontecido. Em (h), *koto* faz referência ao recebimento do telegrama de um amigo de infância do personagem narrador e à visita a esse amigo, atendendo ao pedido contido na mensagem telegráfica. Em (i), *koto* diz respeito ao fato de o personagem ter começado a trabalhar no tear e aos acontecimentos que se sucedem, culminando na morte de seu irmão. *Koto*, então, refere-se a um determinado acontecimento ou um episódio constituído da sucessão de diferentes atos, que acontecem dentro de um espaço temporal, explicitado no

modificador. O acontecimento é aos poucos elucidado ao longo dos parágrafos que seguem à frase contendo o sintagma nominal com *koto*.

Os sintagmas nominais contidos nos exemplos (g), (h) e (i) são seguidos das expressões de asserção: *dearu* "é", *deatta* "era" (ambas em estilo de escrita formal), *degozaimasu* "é" (em forma de respeito com polidez, na fala dirigida por um preso a um fiscal - uma pessoa hierarquicamente superior), e *de*, "é" (auxiliar verbal de asserção *da*, flexionado).

A estrutura mencionada, [expressão de tempo + no *koto* + expressão de asserção], utilizada para a localização temporal de um certo acontecimento, serve para situar a ocorrência de um evento ou episódio dentro de uma narrativa. Por esse motivo, supõe-se que essa estrutura seja mais freqüente em textos literários e ensaios do que em textos dissertativos.

3.1.1.3. nome referente ao conteúdo de *koto*

Embora poucos, há exemplos em que o modificador especifica o conteúdo de *koto* "referência, assunto", como os que apresentamos a seguir:

(j) "*Kango*"wa, *nihongono nakade tsûjô kanji ichiji matawa niiji ijôde kakare, katsu soreraga on'yomini natteiru gono kotodearu.* (Go: 123)

"As palavras de origem chinesa (**dizem respeito a**) são palavras que, dentro da língua japonesa, encontram-se geralmente grafadas em um, dois ou mais ideogramas, e ainda apresentam a leitura chinesa.

(k) (...) arerano jôyakuno kotodomowa, nakattakotoni shitemoraemaikato iu imino kotoo iini yuku fushigina shisetsudanga, sonogoni nihon'ô shuppatsushitanodearu.
(Zu: 77)

"Uma curiosa delegação que ia consultar (o assunto cujo conteúdo era) a possibilidade de tais tratados serem desconsiderados partiu do Japão depois disso."

No exemplo (j), *koto* exprime "referência", e no (k) "assunto, mensagem", sendo que, em ambos os casos, seus conteúdos são especificados no modificador. Em exemplo (j), todo o modificador de *koto* (parte sublinhada) explicita o tópico do enunciado, *kango* "palavras chinesas" ou "palavras de origem chinesa". No (k), o modificador especifica o conteúdo da mensagem que a missão leva.

Da observação do sintagma [N + no + *koto*], podemos concluir que:

- N pode ser nomes que designam seres humanos, para fazer referência por meio de [N-no *koto*] "coisas de N" ou "coisas referentes a N". Incluem-se em N também os pronomes pessoais.
- N pode ser nomes que designam os não-humanos, representados por nomes comuns, cuja referência é específica, interpretável pelo contexto, ou genérica.
- N pode ser expressão de tempo, que especifica a localização temporal do acontecimento, expressa em *koto*.

3.1.2. adjetivo *keiyôshi* + *koto*

O modificador de *koto* centrado no adjetivo *keiyôshi* pode ser dividido em dois tipos:

- 1) modificador formado só por *keiyôshi*, ou por *keiyôshi* acompanhado de elemento intensificador;
- 2) modificador formado por uma frase, onde o núcleo do predicado é um *keiyôshi*.

O modificador do tipo 1), exemplificado a seguir em (a) a (e), confere ao núcleo do sintagma nominal *koto* "fato, ato", a qualidade, resultado de avaliação subjetiva ou objetiva do locutor/narrador, mas não explicita o que seja esse "fato" ou "ato". Sabemos, através de adjetivos, como esse "fato" ou "ato" é, mas não o que ele é:

(a) *Tsurai kotomo takusan, takusan attawa.* (Ki: 68)

"Aconteceram muitas e muitas (fatos) coisas **tristes**".

(b) (...) "*boku*", "*kiden*"no *yôna kangoga daimeishitoshite mochiirarerunomo mezurashii kotode* (...). (Go: 119)

"É (fato) raro as palavras de origem chinesa como *boku* "eu" e *kiden* "senhor" serem utilizadas como pronomes (...)."

(c) Tondemonai kotoo shitekureta. (Bo: 35)

"Você nos fez uma coisa irreparável."

(d) *Watashimo, sô kuwashii kotoo shiranai.* (Bu: 305)

"(...) nem eu sabia as coisas com tais detalhes."

(e) (...) hontôni tanoshii kotoga nanika wakannai
uchini okkikunatchauto omouno. (Ki: 68)

"(...) acho que crescem sem saber o que é a coisa realmente agradável."

As informações contidas no modificador não nos dizem do que "trata" o *koto*; para sabê-lo, faz-se necessário recorrer ao contexto maior, como a frase toda onde o sintagma nominal se insere, ou além da frase, ao nível do texto. Compreendemos, assim, que o *koto* de (a) refere-se a fatos que a personagem viveu, mas esses são fatos indefinidos, não explicitados no contexto. Em (b), *koto* refere-se à utilização de palavras de origem chinesa como pronome; em (c), *koto* diz respeito ao ato do menino que golpeia a cabeça do extra-terrestre, fazendo-o desmaiar; e em (d), *koto* trata da maneira como uma parente do personagem chegou a ter uma vida calma, após muitos sofrimentos. Em (e), *koto* não possui um referente definido, concreto, uma vez que o enunciado não o pressupõe. *Koto* pode se referir, aí, a um determinado acontecimento, ou pode ter uma referência indefinida.

A maioria das avaliações do locutor ou narrador em relação ao *koto* apresenta caráter subjetivo, que pode ser verificado em adjetivos como *tsurai* "triste", *mezurashii* "raro", *tondemonai* "irreparável" e *tanoshii* "agradável".

Observamos, em (d) e (e), a ocorrência de elementos intensificadores dos adjetivos *keiyōshi*, que são *sō* "tão" e *hontōni* "realmente", antepondo-se a eles. Ocorrem também outros como *konna* "tão", *naniyorimo* "acima de tudo", *motto* "mais" para desempenhar a mesma função intensificadora do significado expresso nos adjetivos.

Diferentemente do tipo 1), o modificador do tipo 2), tomando a forma de frase assertiva, explicita o conteúdo do "fato", expresso por *koto*. A seguir, apresentamos exemplos de modificadores do tipo 2):

(f) *Kono ōon futarino nakano ii kotowa buruidearu.*

(Ni: 175)

(O fato de *esses dois velhinhos se darem bem* não tem igual) "Esses dois velhinhos se davam bem como ninguém."

(g) *Oikubāsanwa, (...) nandaka shikirini jiisanno hitono yokatta kotoo fuichōshiteita.* (Ni: 152)

"A velha Oiku relatava (...) ressaltando com insistência (o fato de que *o falecido tinha bom caráter*) a bondade do falecido."

(h) *Sekaino gengono nakadewa, eigono goini gairai yôsoga ooi kotoga hayakukara chûmokusareteiru.*
(Go: 105)

"O fato de serem numerosos os elementos estrangeiros no léxico da língua inglesa, entre as línguas do mundo, tem chamado atenção desde há muito tempo."

(i) *Kokugo junseironshani anshinshitemorau tameni, kyôtsû gengoniwa gaikokugo yuraino yôsono wariaiga kiwamete hikui kotoo tadachini kakuninshiteokô.*
(Go: 106)

"Para tranquilizar os puristas da língua (francesa), certificamos desde já (o fato de) que na língua comum a porcentagem dos elementos oriundos de línguas estrangeiras é extremamente baixa".

Os modificadores de (f) a (i) são, respectivamente:

- *kono ôon futarino(wa) nakano(ga)*³ *ii* "esses dois velhinhos se dão bem";

- *jiisanno(wa) hitono(ga) yokatta*⁴ "o falecido tinha bom caráter";

³ A frase *kono ôon futarino nakano ii* (estes-velhos-dois-SUJ.-relacionamento-SUJ.bom), subordinada à frase principal, torna-se *kono ôon futariwa nakaga ii*, quando independente.

- *eigono goini gairai yôsoga ooi* "no léxico da língua inglesa, os elementos estrangeiros são numerosos";
- *kyôtsû gengoniwa gaikokugo yuraino yôsono wariaiga kiwamete hikui* "na língua (francesa) comum, a porcentagem dos elementos oriundos de línguas estrangeiras é extremamente baixa".

Observamos a estrutura do modificador, que se constitui de uma frase que pode ser independente, veiculando uma informação que se completa, mesmo sem considerar a frase principal a que se subordina. A asserção contida no modificador é o próprio conteúdo de *koto* "fato", núcleo do sintagma nominal. A estrutura desse sintagma nominal é denominada "exocêntrica" ou *sotono kankei* por Teramura, comentada no Capítulo II, 4.1.

O modificador do tipo 2) difere muito do tipo 1), pela informação contida nele, pela extensão que costuma ter, e sobretudo pela relação semântica que se estabelece entre ele e o núcleo do sintagma nominal, *koto*.

Não foi constatada co-ocorrência de modificadores dos dois tipos acima mencionados. Acreditamos que um tipo não exclui o outro, e vice-versa, mas a avaliação de *koto* expressa no tipo 1) e o conteúdo de *koto* expresso no tipo 2) podem não apresentar co-ocorrência

⁴ A frase *jiisanno hitono yokatta* (velho-SUJ.-pessoa-SUJ.boa-PASSADO), subordinada à frase principal, torna-se *jiisanwa hitoga yokatta*, quando independente.

frequente no mesmo sintagma nominal, dada a diferença da natureza semântica que cada um estabelece com *koto*.

3.1.3. adjetivo *junmeishi* + *na/no* + *koto*

A análise do *corpus* mostrou que entre os modificadores compostos de [adjetivo *junmeishi* + *na* ou *no*(auxiliar verbal de asserção flexionada) + *koto*] encontram-se predominantemente os correspondentes ao tipo 1) *keiyôshi* + *koto*, ou seja, os modificadores que expressam a avaliação de *koto*, sem a explicitação do conteúdo. Observamos que predominam as avaliações subjetivas de *koto*. A seguir, citamos os adjetivos que se ligam a auxiliar verbal de asserção *na*:

- *iya* "desgostosa", *meiwaku* "perturbador", *myô* "estranho, esquisito", *kimyô* "esquisito", *fushigi* "curioso, misterioso", *sasai* "pequeno", *fukai* "desagradável", *suki* "que gosta", *metta* "raro" (+ forma negativa), *hanpa* "incompleto", *tashika* "certo", *okinodoku* "triste, pesaroso", *taihen* "sério, grave"

Outros adjetivos *junmeishi* se ligam a *koto* com o auxiliar verbal *no* (*da*):

- *iroiro* "vários", *moshimo* "imprevisível", *irei* "de caso especial", *tôzen* "natural"

Enquanto adjetivo, *junmeishi* expressa a qualidade ou atributo de *koto*, independentemente de seu

significado ser "ato", "fato" ou "conteúdo". Apresentamos a seguir os modificadores, cuja estrutura corresponde à do tipo 1), apontado no item sobre *keiyôshi*:

(a) *Kokonidatte itsumademo irarenai - (...) sorewa tashikana kotoda.* (Ki: 69)

"Nem aqui eu posso ficar para sempre - (...) isso é coisa certa."

(b) *Kôiu senseinitotte, okusanto gifuchôchinto, sono chôchinniyotte daihyôsareru nihonno bunmeitoga, aru chôwao tamotte, ishikini noborunowa kesshite fukaina kotodewanai.* (Ha: 39)

"Para um professor como este, não era **fato absolutamente desagradável** que aflorassem à sua consciência a esposa, a luminária e a civilização japonesa, representada por essa luminária, conservando entre si uma harmonia."

(c) *Jirôwa (...) iroirona kotoo itta.* (Bu: 318)

"Jirô falou várias coisas".

Observamos que o *koto* de (a) refere-se ao fato de "não poder ficar aqui para sempre"; o *koto* de (b) ao fato de "aflorar na consciência a esposa, a luminária e a civilização japonesa"; e o *koto* de (c) diz respeito aos comentários de Jirô, que são explicitados nos parágrafos do texto que seguem o enunciado.

Exemplos correspondentes ao tipo 2), mencionado no item referente a *keiyôshi*, não foram encontrados no nosso *corpus*, mas sua ocorrência não é impossível:

(d) *Kono doao akeruniwa tokubetsuna kiiga hitsuyôna kotowa, daredemo shitteiru.*

"Qualquer um sabe do **fato** de que, para abrir esta porta, é necessária uma chave especial".

O sintagma [adjetivo *junmeishi* + *na* + *koto*] pode formar, ainda, um constituinte, com a função de locução adverbial de toda a frase, juntamente com o morfema de asserção *ni(da)*, expressando a avaliação do locutor em relação ao *koto*, cujo conteúdo é explícito na oração principal. Chamamos de tipo 3) esta estrutura do sintagma nominal:

(e) *Shikashi fukôna kotonniwa, tsumao ii shindaino shôninno iekara mukaeta.* (Ta: 194)

"Entretanto, para sua infelicidade, sua mulher viera de uma família de comerciantes abastados. (Co: 90)"

(f) *Kireina hongâ dekitana, yokattana, zannenna kotoni washiwa mô yomu chikaraga nai.* (Zu: 92)

"O livro ficou bonito, que bom!, é uma pena, eu não tenho mais forças para ler."

No exemplo (e), a tradução literal de *fukôna kotonida* é "É um fato infeliz". O fato referido é que a mulher do personagem viera de uma família de comerciantes abastados, e a qualidade atribuída ao fato pelo locutor ou narrador do texto é valorativa, projetando seu ponto de vista. Em (f), *zannenna kotonida* "É um fato que dá pena", refere-se ao fato de não ter mais forças para ler o livro que ficou pronto.

Constatamos, assim, três tipos distintos entre os modificadores formados pelos adjetivos *keiyôshi* e *junmeishi*. Mesmo não tendo verificado no nosso *corpus* todos os três tipos constituídos por ambos os adjetivos, é possível sua participação na constituição de todos os tipos de modificadores. As diferenças morfológicas entre o *keiyôshi* e o *junmeishi* não os impedem de compor os modificadores tipificados anteriormente.

3.1.4. verbo + *koto*

Há uma predominância de verbos constituindo modificadores de *koto*. Estamos considerando não somente o verbo, mas todos os seus complementos que formam uma oração subordinada a *koto*, constituindo o sintagma nominal "o fato de...", "o ato de ...", ou "a coisa que...".

Dividindo os modificadores de *koto* na forma do passado (com terminação *ta* ou *da*), e na forma do presente (com terminação *u* ou *ru*), constatamos que a

forma do presente constitui mais da metade dos casos de modificador constituído de verbo.

Ao analisar a cadeia sintagmática na qual se insere o sintagma nominal formado por *koto*, percebemos que o mesmo sintagma tende a desempenhar função de sujeito ou objeto direto da oração principal, ou a fazer parte de determinadas expressões fixas no predicado da oração principal. Listamos, a seguir, em ordem decrescente, as formas cristalizadas envolvendo o *koto*, na oração principal em que o sintagma ocorre, e as funções sintáticas que assume dentro da frase. A seguir, comentamos algumas formas ou expressões que consideramos ser de importância para a descrição de *koto*:

modificador com o verbo no presente + *koto*

(<i>iku</i>) <i>koto-o...</i>	"o ato/fato de ir..." (objeto direto)
(<i>iku</i>) <i>koto-ga dekiru</i>	"é possível (ir)"
(<i>iku</i>) <i>koto-ga...</i> ⁵	"o ato/fato de ir..." (sujeito)
(<i>iku</i>) <i>koto-ga aru</i>	"há vezes (que vou/vai)"
(<i>iku</i>) <i>koto-ni naru</i>	"decide-se (que vou/vai)"
(<i>iku</i>) <i>koto-ni suru</i>	"decido/decide (ir)"

⁵ Este item corresponde a todos os sujeitos com *koto*, exceto *koto-ga aru* e *koto-ga nai* listados abaixo que, mesmo desempenhando a função de sujeito, foram considerados à parte, como expressões fixas.

<i>(iku) koto-da/dearu</i>	"é o ato/fato de ir" (predicado)
<i>(iku) koto-ga nai</i>	"nunca vai", "não há de ir"

modificador com o verbo no passado + *koto*

<i>(itta) koto-o...</i>	(objeto direto)
<i>(itta) koto-ga aru</i>	"tem a experiência de (ter ido)", "aconteceu de (ter ido)"
<i>(itta) koto-ga nai</i>	"Nunca foi/fui"
<i>(itta) koto-da</i>	(predicado)
<i>(itta) koto-ga...</i>	(sujeito)
<i>(itta) koto-ni...</i>	(adj. adverbial)

Koto-o

A forma *koto-o* - *koto* com função de objeto direto - é a que ocorre em maior número, levando-se em conta o modificador centrado no verbo. Analisando a relação entre o modificador e o *koto*, verificamos que a grande maioria dos modificadores apresenta o conteúdo do fato ou ato expresso em *koto*. Em outras palavras, a grande maioria de ocorrências de *koto* refere-se ao significado "fato" ou "ato", como nos exemplos a seguir:

(a) *Kondono shuppanno keikakuga shidaini*
jitsugensareteiku ***kotoo*** *watashino kodomotachimo yoku*
shitteita. (Bu: 308)

"Meus filhos ficaram sabendo também (do **fato** de) que o plano de publicação pouco a pouco se concretizava."
(Co: 58)

(b) Ôtakekunwa watashito isshoni horibatade itachio tsutta **kotonazomade** yoku kiokushiteita. (Ku: 304)

"Ôtake se lembrava bem até (do **fato**) de termos apanhado fuinhas no córrego." (Co: 40)

(c) Omaetachiwa morau **kotobakari** shitteite, kureru kotoo shitteirunokai. (Bu: 301)

"Vocês sabem (o **ato** de) receber, mas será que saberiam (o **ato** de) retribuir também?". (Co: 51)

(d) Taberu **kotobakari** kangaeteru. Sensôchûno kodomomitaini. (Ni: 436)

"Só penso (no **ato** de) em comer. Como uma criança nos tempos de guerra".

Observamos que o modificador *koto* "fato" em (a) e (b) explicita o que é esse fato. Em (c) e (d), *koto* é "ato", cuja explicitação ocorre no modificador. O fato pode ser expresso através do modificador com verbo na forma do passado, ou na forma do presente. A forma do presente (*genzaikei*), por sua vez, não apresenta diferença quanto à forma infinitiva (*futeishi* ou *futeikei*) na língua japonesa, cabendo a nós interpretar se se trata da expressão de uma ação em ocorrência ou uma ação ainda em potência.

O fato e o ato na seqüência [modificador centrado no verbo + *koto-o*] são expressos, na tradução literal para o português, por meio da estrutura do sintagma nominal "o fato de ..." ou "o ato de ...", ambos com a função de objeto direto na oração principal. A composição do sintagma nominal, nome (fato/ato) e seu modificador, nem sempre é conservada na tradução final do português, uma vez que há uma tendência de se substituir a frase "soube do fato de que você foi" por "soube que você foi", e o sintagma "penso no ato de ir" por "penso em ir".

Uma pequena parcela de ocorrências de *koto* significa "coisa" e tem como seu modificador uma oração adjetiva ou relativa restritiva. Mesmo sendo pequena tal ocorrência do *koto* "coisa", consideramos importante essa constatação por apresentar uma estrutura diferente daquela do *koto* "fato" ou "ato", apresentada anteriormente. O modificador de *koto*, nestes casos, não explicita a "coisa", apenas a complementa:

(e) *Shûkyôkaka, tonseishademo iisôna kotoo itta.*

(Ku: 310)

"Disse **coisas** que um religioso ou um eremita falaria".

(Co: 46)

(f) *Shitara (kisamano) shiranê koto kisamano nakamaga shitteirukatte hippatakareta.* (Shu: 353)

"Então me bateu perguntando se minha companheira sabia (a **coisa** que) o que eu não sabia." (Co: 114)

(g) (...) jibunno shita kotoo waraitakumo atta.
(Bu: 324)

"Fiquei com vontade de rir da **coisa** que eu fiz (...)".

Verificamos que *koto* "coisa" apresenta uma relação estreita com o modificador, desempenhando o papel de sujeito ou de objeto direto junto à ação descrita no modificador: *shûkyôkaka, tonseishademo (kotoo) iisôda* "ou o religioso ou o eremita falaria (a coisa)" em (e), *kisamaga (kotoo) shiranai* "você não sabe (a coisa)" em (f); *jibunga (kotoo) shita* "eu fiz (a coisa)" em (g).

A "coisa" que *koto* significa não se trata de "objeto", e sim do conteúdo da fala, do pensamento, do conhecimento, do ato. Em português, a estrutura [modificador + *koto* "coisa"] pode ser traduzida literalmente por "coisa que...".

A seqüência [modificador com verbo + *koto-o*] complementa os seguintes verbos da oração principal, mais freqüentes no nosso *corpus*:

- *shiru* "tomar conhecimento", *shitteiru* "saber"
- *hanasu* "falar", *hanashidasu* "começar a falar"
- *iu* "dizer", *iidasu* "começar a dizer"
- *omou* "achar"
- *kangaeru* "pensar"
- *yurusu* "perdoar"

- *wasureru* "esquecer"
- *oboeteiru* "lembrar"
- *suru* "fazer"

Os verbos acima sugerem uma das características de *koto*, enquanto conteúdo do que se pode saber, pensar, falar, dizer, esquecer e lembrar, e também perdoar e fazer. A seqüência *koto-o*, formada de *koto* e do morfema o de objeto direto, é considerada por Maynard (1984) como uma forma de reportar à fala ou ao pensamento de maneira indireta, em contraste com o *to*, morfema que representa o discurso direto, a citação. Percebemos, porém, que *koto* vai além da representação indireta do conteúdo comunicativo, pois a lista acima se estende, com verbos como rir, temer, apreender, sentir, que não apresentam ligação com a comunicação.

O modificador constituído pelo verbo no passado reporta a um fato ocorrido, real e único, dentro da estrutura [verbo + *koto* + o]:

(h) *Watashiwa jibunno toshitotta kotomo wasurete (...)*
(Bu: 305)

"Eu havia me esquecido (do **fato**) de que (eu) envelhecera (...)" (Co: 55)

(i) *Watashiwa Otakekunga aru hoyôin'e okurareta kotoo kiita.* (Ku: 306)

"fiquei sabendo (do **fato** de) que Otake tinha sido internado num sanatório". (Co: 43)

Koto-ga aru "há vez(es) em que"

O verbo no presente e o verbo no passado atribuem diferentes interpretações a *koto*, dentro do sintagma *koto-ga aru*. Quando se tem o verbo que o antecede no tempo presente, a ação expressa é de ocorrência eventual ou esporádica. A ocorrência eventual evidencia-se por meio de expressões adverbiais que ocorrem antes do verbo ou no começo do modificador, como *futo* "eventualmente", *dôkasuruto* "ocasionalmente" em (j) e (k); e a frequência com que ocorrem as ações se torna ainda mais evidente em função de advérbios como *tokidoki* "às vezes", *tokiniwa* "por vezes", *oriori* "de vez em quando", como em (l) e (m):

(j) *Fudanno seikatsuno nakade futo, oresenno gizagizamoyôga meni hairu kotoga atta.* (Ni: 427)

"No dia-a-dia, eventualmente, entrava-me na vista o desenho em zigue-zague da tabela".

(k) *Dôka suruto futaride asa hayakukara dekakeru kotoga aru.* (Ji: 176)

"Ocasionalmente saíam de manhã, bem cedo."

(l) *Jibunno fuchimaide tateteyuku kurashiwa, oriori taranu kotoga arunishitemo, taitei suitôga atteiru.* (Ta: 195)

"Levava a vida com seu salário e, mesmo que de vez em quando faltasse um pouco, geralmente a receita era suficiente."

(m) Tokiniwa Suekoga chanomano sotonno atatakai engawani dete, kazeni maegamio naburaseteiru kotomo aru. (Bu: 324)

"De vez em quando, Sueko saía para a varanda da sala de estar aquecida pelo sol e deixava o vento brincar com a franja do cabelo." (Co: 73)

Observamos que, em todos os exemplos acima, *koto* significa "fato", ou "ação ocorrida", e seu modificador tem por função explicitar qual fato é. A ação ocorre uma vez, eventualmente, ou mais de uma vez, esporadicamente. Conclui-se, então, que *koto*, nestes contextos frasais, adquire a noção de fato, ou realização de uma determinada ação, explicitada ou particularizada pelo modificador.

Ao contrário, nos exemplos abaixo, o modificador é o complemento do *koto* que significa "coisas", cuja noção de pluralidade se evidencia através de expressões quantificadoras como *kazukazu* "vários, numeroso", *iroiro* "muitos, variados":

(n) Kazukazuno kokoroni kakaru kotoga ano koniwa aru.
(Bu: 315)

"Havia várias coisas nele que me preocupavam"

(o) (...) *motto onnano seikatsuga keizaitekinimo hoshōsareteitanara, to imani natte watashimo omoiataru kotoga iroiro aru.* (Bu: 317)

"(...) **há muitas coisas que me levam a pensar, agora, que se deve oferecer mais segurança econômica às mulheres".**

O *koto-ga aru* de (n) e (o) expressa a existência de "coisas" e não a ocorrência de fato ou ato que ocorre uma vez ou várias vezes, como é observada em (j) a (m). O *koto* "coisas", conteúdo de pensamento, é genericamente estabelecido como numeroso mas não particularizado.

Koto tem a função de sujeito com relação ao modificador em (n): (*kotoga*) *kokoroni kakaru* "(a coisa) me preocupa"; e a função de complemento verbal em (o): *watashiwa (kotoni) omoiataru* "eu percebi (a coisa).

Note-se que entre *kotoga* e *aru* ocorre inserção de elementos específicos que o distinguem da forma *kotoga aru* que significa "há vez(es) em que (ocorre uma ação)".

Verificamos, assim, que a repetição ou a pluralidade, seja das ações, seja das coisas enquanto conteúdo de pensamento, são expressas por advérbios ou por outros elementos constituintes da frase. Esses elementos se tornam fundamentais para que se dissipe uma possível interpretação ambígua, originada pelo caráter polissêmico de *koto*.

Koto-ga dekiru "É possível..."

A expressão *koto-ga dekiru*, com *koto* enquanto "ato" potencial, ocorre somente com o modificador formado por verbo na forma do presente, e nunca no passado, o que sugere a incompatibilidade semântica entre a noção da "possibilidade" e a ação no passado. Se *koto-ga dekiru* significa a "possibilidade" da ocorrência de uma ação, e essa ação (*koto*) é especificada no modificador, essa deve ser a ação enquanto potência, que pode vir a ocorrer no futuro, e nunca uma ocorrência pretérita. A seguir, apresentamos os exemplos com *koto-ga dekiru*:

(p) *Gosôno yakuo suru dôshinwa, sobade soreo kiite, zainin'ô dashita shinseki kenzokuno hisanna kyôgûo komakani shiru **kotoga dekita**.* (Ta: 191)

"O encarregado de escolta, que ouvia ao lado, **podia** conhecer minuciosamente a trágica situação que envolvia a família do condenado". (Co: 86)

(q) *nyôbôwa (...) ottoga manzokusuruhodo temotoo hikishimete kurashiteyuku **kotoga dekinai**.* (Ta: 194)

"A esposa (...) não **conseguia** viver apertando o orçamento como o marido gostaria." (Co: 90)

Koto-ga

O *koto*, na função de sujeito da oração principal, ocorre com os predicados em diferentes formas, entre os quais se destacam:

- predicados constituídos de adjetivo *keiyôshi*⁶, expressando avaliação subjetiva ou objetiva do locutor em relação ao *koto*: *okashii* "é engraçado", *ureshii* "agrada, é agradável", *monoganashii* "é melancólico", *ôkii* "é grande", *sukunai* "é pouco, é raro", em (r) e (s);

- verbos que exprimem possibilidade ou cujo auxiliar verbal expresse possibilidade. São verbos que, dispensando o sujeito humano, emprestam à frase o tom impessoal, e portanto são freqüentes em textos científicos: *wakaru* "nota-se, percebe-se, verifica-se, constata-se", *ukagaeru* "pode-se inferir", *kangaerareru* "é possível pensar", *suisatsusareru* "é possível imaginar ou supor, supõe-se", *yosokusareru* "pode-se estimar, estima-se", em (t) e (u).

(r) *Watashiwa (...) kon'yamo daidokorono sobade nemuru kotoga okashikute waratta* (Ki: 27)

"O fato de dormir, também esta noite, ao lado da cozinha, era engraçado e eu ri."

(s) *Kangowa (...) gokeiga henkasuru kotowa sukunai*.
(Go: 128)

"Em relação às palavras de origem chinesa, (o fato de sua forma variar é raro) raramente suas formas variam.

⁶ O *keiyôshi* possui características próprias de um adjetivo, mas, é dotado também de força predicativa, tal como o verbo, constituindo um predicado sem o auxiliar verbal de asserção. É por isso que na tradução para o português incluímos o verbo de ligação ao lado do adjetivo.

(t) *Nanno kototomo wakaranuga, shakkintoridearu kotodakewa suisatsusareru.* (Ni: 150)

"Era impossível saber do que se tratava, mas **foi possível imaginar** que se tratava de cobrança de dívidas." (Co: 24)

(u) *Genjitsuniwa (...) konshugoga, (...) kongo masumasu fueru kotoga yosokusareru.* (Go: 139)

"Na realidade, **estima-se** que as palavras compostas de elementos de diferentes origens aumentem ainda mais no futuro."

Koto-ni naru

Com *naru* "tornar-se", verbo intransitivo, *koto-ni naru* expressa um ato enquanto consequência natural, na qual não se leva em conta a deliberação ou vontade do locutor.

(v) *Korede Iori, Shichigorôno kyôdaiwa onaji tsutomeo suru ktoni nattanodearu.* (Ji: 177)

"E desta forma os irmãos Iori e Shichigorô **passaram a** fazer o mesmo trabalho" (Co: 79)

(w) *Nakunatta Hongôno oitowa, onaidoshinimo atarushi, soreni osanai jibunno asobitomodachidemo attanode, sono kokubetsushikiniwa Jirôga dekaketeiku ktoni natta.* (Bu: 303)

"Ele tem a mesma idade do meu sobrinho de Hongo que morrera e, além disso, como era seu companheiro de brincadeiras na infância, **ficou** de ir ao velório."

(Co: 53)

Koto-ni suru

Com *suru* "fazer", verbo transitivo, *koto-ni suru* expressa, diferentemente de *koto-ni naru*, comentado anteriormente, o ato enquanto resolução voluntária do próprio locutor.

(x) *watashiwa* *reino kogitteo genkinni kaetemorau*
kotoni shita. (Bu: 320)

"**resolvi** trocar o tal cheque por dinheiro vivo." (Co: 69)

(y) *sassoku, shokan'ô kaiteokuru* ***kotoni shiyô.***
(Ha: 45)

"**Vou** logo escrever e enviar minhas impressões."

Note-se que o verbo que antecede a expressão *koto-ni suru* encontra-se no presente, e não no passado. Quando o verbo se encontra no passado, como no exemplo abaixo, *koto-ni suru* significa "fazer de conta":

(z) *Itta* ***kotoni shiyô.***

"Vamos **fazer de conta** que fomos".

Note-se que o verbo, mesmo no passado, não expressa o fato, o ato realizado, por causa do significado da expressão *koto-ni suru* "fazer de conta".

À análise das expressões predicativas e das funções de *koto* dentro da frase principal mostra-nos que é necessário observar a cadeia sintagmática em que o sintagma se insere para averiguar e estudar a referência dos verbos que constituem o modificador. Mesmo quando o verbo do modificador está no passado, não quer dizer que expresse um fato, uma ação ocorrida, pois o auxiliar verbal *ta*, que é comumente definido como indicador de passado, nem sempre exerce essa função. Concluimos, portanto, que, em se tratando de modificadores centrados nos verbos, não se pode considerá-los como expressão de verdade, sem levar em conta o conteúdo do predicado da oração principal.

3.1.5. pronome adjetivo ou expressão pronominal adjetiva + *koto*

(a) *Kyôshitsuno nakadewa hikôkio sôjûsuru maneya, katsudôshashinno hitogoroshino manebakari shiteita.*
Bottotsuniwa sonna kotoga, kyômito ieba yuiitsuno kyômidattanoda. (Ho: 360)

"Dentro da sala de aula, só imitava o piloto de avião e o assassino como nos filmes. Para Bottotsu, **essas coisas** eram seu único interesse."

(b) - *Ikagadeshô. Watashini okanêo oataekudasaimasenka.*
 - *Nanda. **Sonna kotoka.** Wakewa nai. Hora.* (Bo: 11)

"- Então, será que poderia me dar o dinheiro?"

"- Ah, **esse tipo de coisa?** É fácil. Olha."

(c) *Atode omottemimasuto, dôshite **anna kotoga***
dekitakato, jibunnagara fushigidenarimasenu. (Ta: 196)

"Pensando bem, eu mesmo não me conformo como pude fazer uma coisa dessas." (Co: 92)

(d) *Soshite fukuramiwa sayû taishôdewa naku, kasukani*
*yugandeiru. **Sono kotoga** mata, watashio zokuzokusaseru.*
 (Ni: 446)

"E a protuberância (da barriga) não é simétrica entre os dois lados, apresentando ligeira deformação. **Esse fato** me deixa mais emocionada."

Observamos, em (a), o sintagma nominal *sonna koto* "essas coisas" referir-se a "dentro da sala de aula, só imitava o piloto de avião e o assassino como nos filmes"; em (b), *sonna koto* "esse tipo de coisas" trata de indicar o conteúdo do pedido "poderia me dar o dinheiro?"; e em (c) *anna koto* "aquela coisa", literalmente, diz respeito ao fato de ter ajudado o seu próprio irmão suicidar-se, fato esclarecido na parte precedente do texto. O *koto* de exemplos (a) e (c) refere-se a fato acontecido, e (b) ao conteúdo da fala do interlocutor.

3.2. O *keishikimeishi mono*

Para facilitar a abordagem, dividiremos *mono* com significado de "coisa, objeto" e *mono* "pessoa".

3.2.1. o sintagma nominal com *mono* "coisa, objeto"

Subdividiremos, tal como fizemos para a análise de *koto*, os modificadores de acordo com as classes de palavras que os constituem. Destacamos assim os verbos, os adjetivos *keiyôshi*, *junmeishi*, e os pronomes adjetivos demonstrativos. Dentre os modificadores, a predominância é da forma verbo + *mono*, que apresentamos a seguir:

3.2.1.1. verbo + *mono*

(a) *ano eniwa, nantonaku semattekuru monoga aruyo.*

(Bu: 313)

"naquela pintura há (uma coisa) algo que nos impressiona." (Co: 63)

(b) *meno maeni aru monoga subete, usoni mietekuru.*

(Ki: 8)

"Todas as coisas que estão à minha frente começam a parecer mentiras."

(c) *watashino kaita **monoga** furui tomodachino uwasani noboru (...)* (Bu: 311)

"a (**coisa**) **obra** que eu escrevera estava sendo alvo de comentários das antigas colegas (...)" (Co:60)

(d) *iruiwa jibunga yakumeno tameni kiru **monono** hoka, nemakishika atsuraenukuraini shiteiru.* (Ta: 194)

"Quanto às roupas, além das (**coisas**) que usava para o trabalho, só tinha o pijama". (Co: 90)

Verificamos que em (a) e (b) *mono* exerce a função de sujeito da ação expressa no modificador: (*monoga*) *nantonaku semattekuru* "(alguma coisa) nos impressiona"; (*monoga*) *meno maeni aru* "(coisas) estão à minha frente". Em (c) e (d), *mono* exerce a função de objeto direto da ação expressa no conteúdo do modificador: *watashiga (monoo) kaita* "eu escrevi (a coisa/obra)"; *jibunga yakumeno tameni (monoo) kiru* "ele próprio veste (a coisa/a roupa) para o trabalho". Dentre as duas funções, a ocorrência de *mono* como sujeito é maior do que de *mono* como objeto direto.

3.2.1.2. nome ou pronome + *no* + *mono*

Quando nomes referentes a seres humanos fazem parte do modificador de *mono*, juntamente com o morfema de genitivo, o modificador expressa que a "coisa", *mono*, é de posse da pessoa referida. *Mono*, por sua vez, tem a referência definida, de um elemento presente no contexto:

(a) sono **sofâwa**, tôbun kimino monodayo. (Ki: 26)

"Esse **sofá** é por ora (sua coisa) seu."

Outros nomes podem constituir o modificador, descrevendo um *mono* que, de acordo com o contexto, pode fazer referência a qualquer objeto, tais como dinheiro, bens, carta, saquê etc..

3.2.1.3. adjetivo *keiyôshi* + *mono*

O emprego de *keiyôshi* no modificador de *mono* expressa a qualidade atribuída à "coisa". O *mono* "coisa" refere-se a elementos diversos, que variam de acordo com o contexto. Em outras palavras, os elementos a que *mono* se refere tornam-se evidentes pelo contexto em que se situam:

(a) *Hontôni kino okenai aitetono gogono ochawa, ii monodanâ, to omou*. (Ki: 39)

"Acho, sim, que o **chá da tarde** com um amigo verdadeiro é realmente uma coisa agradável".

(b) *Nioiga donnani osoroshii monoka wakaru?* (Ni: 486)

"Você sabe o quanto o **cheiro** é coisa terrível?"

(c) *Sonna shinsatsushitsude, hitotsudake maatarashii monoga aruno. Nandato omou? (...) **Chôonpashindansôchi-yo.** (Ni: 433)*

"Nesse consultório, tem uma única coisa que é nova. Sabe o que é? (...) É o **aparelho de ultra-som**".

Mono deixa de se referir a algo específico ou definido, quando faz parte de uma expressão comparativa:

- *mabushii monodemo miru-yôni (...)*

"como se estivesse vendo (algo) uma coisa ofuscante (...)"

- *mezurashikunai monodemo miseru-yôni (...)*

"como se mostrasse (algo) uma coisa nada diferente (...)"

Há outros exemplos em que *mono* expressa "coisa" indefinida, sem referência:

(d) *Soreyori hoshii monowa, ima, omoitsukanainode watashiwa kôfukudatta. (Ki: 35)*

"Como não me lembrava de outra coisa que quisesse, eu estava feliz."

Interpretamos que a "indefinição" do *mono* se deve ao conteúdo expresso no predicado, como *miru-yôni*

"como se visse", que faz da expressão contida no modificador uma afirmação não real, não concreta.

3.2.1.4. adjetivo *junmeishi* + *na/no* + *mono*

Assim como ocorre com o adjetivo *keiyôshi*, o *junmeishi* modificador de *mono*, acompanhado do morfema *na*, expressa qualidade ou atributo de *mono* "objeto, coisa":

- *fushigi* "misterioso", *kanzen* "perfeito", *taisetsu* "importante, precioso", *bukimi* "estranho", *fuyukai* "desagradável", *fushizen* "pouco natural"

Outros se juntam a *mono* com o morfema *no*:

- *eien* "eterno", *futsû* "normal", *mukôsei* "inodoro"

3.2.1.5. pronome adjetivo ou expressão pronominal adjetiva + *mono*

Vale destacar os pronomes adjetivos e as expressões pronominais adjetivas que constituem o modificador de *mono*:

(a) 'Konna *mono*demo taberu?' *Watashiwa hoshibudôno fukuroo aneni miseta.* (Ni: 443)

Quer comer algo assim?' Eu mostrei à minha irmã o pacote de uvas passas."

(b) *Ningentô onajini hataraku robotto tsukurunowa bakana hanashida. Sonna monoo tsukuru hiyôga areba (...)* (Bo: 13)

"É besteira fazer um robô que trabalhe como um homem. Se houver dinheiro para construir uma coisa dessas (...)"

(c) *Imamade kono yôna monowa hôkokusareteorimasen'yo.* (Zu: 81)

"Coisas assim não têm sido relatadas até agora, sabe?"

(d) *Watashino rifujinna keppekiwa sorerano monoo minikuku kanjita.* (Shu: 350)

"Meu purismo irracional sentia uma rejeição a essas coisas."

(e) *Kogeta furaipanmo, tôkino saramo, senmendaino sekkenmo, shinshitsuno kâtenmo, arayuru monoga niouno...* (Ni: 436)

"A frigideira queimada, os pratos de porcelana, o sabonete da pia, as cortinas do quarto de dormir, todas as coisas cheiram..."

Os pronomes e expressões pronominais que constituem, nestes exemplos, o modificador de *mono* são na maioria demonstrativos, excetuando-se (e), em que o pronome é quantificador.

Os sintagmas nominais, constituídos de pronomes e núcleo do sintagma, *mono*, têm como referência os elementos identificáveis no contexto, que são: pacote de uvas passas (a), um robô que trabalha como um homem (b), tijolos (c), os olhos, os lábios, o cheiro de carne (d), a frigideira queimada, os pratos de porcelana, o sabonete da pia, as cortinas do quarto de dormir (e).

3.2.2. O sintagma nominal com *mono* "pessoa"

Mono designa de modo genérico pessoa, ou então pessoas. Além do traço semântico [humano], pode-se, do ponto de vista da linguagem de tratamento, atribuir-lhe um sentido de modéstia. Quem expressa a modéstia é o locutor, referindo-se a si próprio, ou então a alguém de seu grupo, como a família ou a firma em que trabalha. Emprega-se a expressão de modéstia quando o interlocutor não pertence aos grupos do locutor. As formas de expressão de modéstia com *mono*, traduzem-se como manifestação de respeito do locutor em relação ao interlocutor.

Essa mesma forma lingüística, porém, quando se refere ao interlocutor ou a uma terceira pessoa, adquire a função de manifestação de depreciação dos mesmos, provocando um efeito contrário ao da expressão de modéstia.

Vale explicar aqui que, tanto a modéstia do locutor quanto a depreciação do outro resultam do "rebaixamento" de outro participante do discurso. Como

ocorre a associação do sentido de "pessoa" e "rebaixamento" na lexia *mono*? Kunihiro atribui tal associação entre os traços [humano] e [rebaixamento] ao fato de *mono* ter um conteúdo semântico mais amplo, isto é, o de "existência" (*sonzai*). Do ponto de vista de todos os seres existentes no universo, os humanos, ao lado dos não-humanos, são considerados apenas uma parte das coisas nele existentes. Dentro dessa perspectiva, colocar os humanos no mesmo nível dos não-humanos significa, segundo nossa análise, tratá-los de forma neutra. Mas, segundo Kunihiro, designar alguém como *mono* é considerá-lo no nível dos não-humanos, ou seja objetos ou coisas, o que provoca um efeito depreciativo (Kunihiro et alii: 1982: 248). Nossa interpretação é de que *mono*, em princípio, é uma lexia neutra, sem a conotação de tratamento, como se pode constatar na linguagem jurídica, que apresentamos a seguir:

Kono hōni ihanshita monowa...

"a **pessoa** que infringir essa lei..."

Quando ocorre num determinado contexto de enunciação, *mono* é passível de se revestir de uma conotação de modéstia. Comparemos os seguintes exemplos:

(a) *Nakaniwa, arewa fūfudewa arumai, kyōdaidarōto iu monomo atta.* (Ji: 175)

"Havia também aqueles (pessoas) que achavam não se tratar de marido e mulher, mas provavelmente de irmãos." (Co: 76)

(b) *Soredemo, robottoto kiga tsuku monowa inakatta.*
(Bo: 14)

"Ainda assim, não havia (pessoas) quem percebesse que aquilo era um robô."

(c) *Watashiwa Tanakato iu monodesu.*

"Eu sou o (a **pessoa** que se chama Tanaka) Tanaka/ Eu me chamo Tanaka."

(d) *Uchino monowa mô minna awateteshimashitano-desuyo...* (Ku: 306)

"Todas as pessoas de casa entraram em pânico." (Co:42)

Em (a) e (b), que constituem trechos da narração, o enunciado não está especificamente dirigido ao interlocutor, sendo o emprego desse *mono* uma forma neutra que se refere ao ser humano. Por outro lado, em (c), constitui a fala de um locutor apresentando-se ao interlocutor. *Mono* refere-se, então, ao próprio locutor. Em (d), a fala é da personagem feminina, dirigida ao interlocutor, amigo de seu filho, referindo-se *mono* às pessoas da família do locutor. A polidez se evidencia pelo uso (até excessivo) dos morfemas de polidez, *mashi* e *desu*, caracterizando a fala tipicamente feminina direcionada ao interlocutor.

Pelas circunstâncias em que a lexia *mono* é utilizada em (c) e (d), pode-se entendê-la como forma de modéstia do locutor, em consideração ou respeito ao interlocutor.

A forma depreciativa é expressa pelo sintagma *sono yatsu* "esse sujeito" ou então pelos pronomes pessoais *koitsu* "este sujeito", *soitsu* "esse sujeito", *aitsu* "aquele sujeito" e *doitsu* "qual sujeito", todos com sentido depreciativo.

O estudo dos sintagmas nominais em que *mono* "pessoa" é o seu núcleo mostra que há uma predominância, no modificador, de verbos seguidos de nomes e depois de adjetivos *junmeishi*.

Curiosamente, não se constatou no *corpus* levantado a ocorrência de pronomes adjetivos ou expressões pronominais adjetivas na formação do modificador de *mono* "pessoa". Tal ocorrência é citada por Matsushita no exemplo (cf. p. 93 do nosso trabalho e Matsushita: 1928: 242), mas, a tendência da língua japonesa hoje é a substituição de *mono* por *hito* "pessoa", quando precedido do pronome demonstrativo.

No exemplo seguinte, a referência às pessoas se realiza através de *mono*, *mono*, e *hito*, nesta ordem, sendo que o primeiro e segundo referem-se a indivíduos diferentes entre si, mas *hitotachi* "pessoas", precedido de expressão pronominal adjetiva *sô iu* "desse jeito", "assim", refere-se a ambos os indivíduos referidos por *mono* no contexto anterior:

(e) *Shinsaigowa hatarakitainimo shigotoga naito itte sukuio motomeru **mono**, watashitachino iee kurumade futsukamo kuwanakattato iu **mono**, sô iu hitotachio miru tabini (...)* (Bu: 307)

"Após o grande terremoto, havia (**pessoa** que) quem recorresse a nós dizendo que procurava trabalho sem êxito; (**pessoa** que dizia) outros diziam estar há dois dias sem comer. Todas as vezes que via peessoas assim, (...)" (Co: 56)

3.2.2.1. nome + no + mono

Uma vez que *mono* designa "pessoa", nessa estrutura do SN no lugar do Nome não cabe o pronome pessoal, como nas outras estruturas com *koto* e *mono* "coisa".

- (a) kinjono *mono* "pessoas da vizinhança/ os vizinhos"
uchino *mono* "pessoas de casa/ os de casa"
shinsekino *mono* "pessoas que são parentes/ os parentes"
- (b) oyako sanninno *mono* "as três pessoas, que são o pai e os filhos"
yoninno (*chiisana*) *mono* "as quatro (pequenas) pessoas"
- (c) kono watashini chikai chino *mono* "pessoas que têm relação de consangüinidade comigo"
jibunyori ueno *mono* "pessoas hierarquicamente superiores"

Verificamos que alguns modificadores, por si só, não são suficientes para fazer o leitor compreender a associação entre *mono* e pessoa, mesmo porque não se grafa *mono* com ideograma, mas sim com fonogramas. O leitor depende, portanto, de um contexto frasal maior para obter a compreensão correta do que o escritor tenciona transmitir.

Como se processa, então, essa decodificação pretendida pelo produtor do texto? Uma simples leitura dos sintagmas nominais acima mencionados não nos dá a certeza de que se trata de *mono*=pessoa ou *moño*=objeto. Os exemplos (a) e (b) parecem ambíguos quanto a esse ponto, podendo ser interpretados tanto de uma quanto de outra forma. O que desfaz a ambigüidade é o contexto maior, que inclui o verbo da oração principal, como nos exemplos a seguir:

(d) *uchino mononazowa sorosoro tanchôna inakaseikatsu-ni aitekite (...)* (Bu: 310)

"as pessoas de casa, por exemplo, já estavam ficando entediadas com a vida simples do interior"

(e) *oyako sanninno monoga isshoni sorotte dekakeru (...)* (Bu: 319)

"as três pessoas, o pai e filhos, saíram juntos (...)"
(Co: 68)

Em (d), *mono* é sujeito da ação expressa em *aitekite* "estavam ficando entediadas ..." e em (e), *mono* é sujeito de *dekakeru* "saírem". Ambos os predicados são constituídos de verbos que expressam as ações praticadas pelo homem, o que leva à compreensão de que *mono* é "pessoa".

3.2.2.2. verbo + *mono*

Dentre os modificadores de *mono* "pessoa", predomina aqueles constituídos por verbo.

(a) Hayaku nakunatta monoga *ichiban tsumarimasenyo.*
(Bu: 306)

"(as peessoas que morrem cedo) **quem** morre cedo não tem graça."

(b) atoni nokosareta monowa, *wariga waruu gozaimasuyo.*
(Ni: 152)

"(as **peessoas** que ficam) **quem** fica, sempre leva desvantagem".

(c) watashino yôni chosaku ippôde tatôto shiteiru monomo *mezurashiito iwareta.* (Bu: 311)

"disseram-me que era raro uma peessoa tentar se manter, como eu, apenas como escritor."

Um estudo da estrutura interna do sintagma nominal composto de [verbo + *mono* "pessoa"] mostra que

mono, possivelmente por significar "pessoa", tende a desempenhar em muitos casos função de sujeito da ação expressa no modificador. Essa constatação mostra uma diferença em relação a *mono* "objeto" que, junto ao seu modificador, desempenha função de sujeito ou de objeto.

Os modificadores de *mono* expressam ações praticadas por humanos, contribuindo para o entendimento de que *mono* apresente a acepção de "pessoa" e não de "objeto":

- *chosaku ippôde tatôto shiteiru* "que tenta se manter como escritor"
- (*onnano koga*) *robototo kigatsuku* "que percebe que (a menina) é robô";
- *nakunatta kâsan'ô oboeteiru* "que se lembra da falecida mãe";
- *monomezurashigeni jiisan bânanno uwasao suru* "que comentam com curiosidade sobre o ancião e a anciã"
- *kyôdaidarôto iu* "que dizem que devem ser irmãos"
- *fude(o) toru* "que pega no pincel (que vive como escritor)"

Por outro lado, verificamos que, em alguns poucos contextos, *mono* indica uma determinada pessoa, identificada anteriormente no contexto. A seguir, citaremos exemplos em que *mono* se refere à uma pessoa específica, *bâsan* "a velha" no exemplo (d) e *watashi* "eu" no exemplo (e):

(d) (....) *darega iidashitaka, ano bâsanwa gotenjochû shita **monodato** iu uwasaga kinjoni hiromatta.* (Ji: 176)

"alguém espalhou pelas redondezas o boato de que a velha (era uma **pessoa** que) fora aia do palácio".

(e) *Watashiwa sanjûnen ichijitsuno yôna chosakuseikatsuo okutte kita **mononi** suginai.* (Bu: 303)

"Eu não passo de uma **pessoa** que, ao longo dos trinta anos, dedicou-se à carreira literária".

A maioria das ocorrências de *mono*, no entanto, parece referir-se a "pessoas" não definidas, não individualizadas, como ocorre em (a) e (b), aqui retomados:

(a) *Hayaku nakunatta **monoga** ichiban tsumarimasenyo.*
(Bu: 306)

"(as **pessoas** que morrem cedo) **quem** morre cedo não tem graça."

(b) *atoni nokosareta **monowa**, wariga waruu gozaimasuyo.*
(Ni: 152)

"(as **pessoas** que ficam) **quem** fica, sempre leva desvantagem".

(f) *Nakaniwa, arewa fûfudewa arumai, kyôdaidarôto iu **monomo** atta.* (Ji: 175)

"Havia também **aqueles** que achavam não se tratar de marido e mulher mas provavelmente de irmãos".

Há casos em que a expressão negativa ocorre em predicados de orações principais, negando a existência da "pessoa" referida por *mono*, sendo, desse modo, traduzidos para o português por "nenhum", "ninguém".

(g) *Yoninmo aru watashino kodomono nakade, nakunatta kâsan'o oboeteiru monowa hitorimo inai.* (Bu: 301)

"Dentre os meus quatro filhos, (não há nenhuma pessoa) ninguém se recorda de sua falecida mãe".

(h) (...) *robottoto kiga tsuku monowa inakatta.*
(Bo: 14)

"(não havia **pessoa** que percebesse que era robô) ninguém percebeu que era robô".

3.3. Outras considerações sobre *mono*

3.3.1. *Mono* "coisa, objeto" e *mono* "pessoa"

Comparando os dois tipos de acepções diferentes, expressas por *mono*, diríamos que aquele que faz referência à coisa e objeto ocorre com maior frequência, e seus empregos apresentam algumas diferenças entre si. *Mono* com significado "objeto"

ocorre freqüentemente para fazer referência a um elemento mencionado no enunciado, uma vez que se trata de um nome genérico que designa todos os seres e objetos (a~d). Sua função como expressão co-referencial vale também para *mono* "pessoa", mas esta ocorre com menor freqüência (e, f). A seguir, apresentamos alguns enunciados onde se verifica a presença dos elementos co-referenciais de *mono*.

(a) *Sekkenwa zenbu, mukôseino **monoto** torikaeta.*
(Ni: 438)

"Os sabonetes, troquei-os todos (pelas **coisas**) por aqueles que são inodoros."

(b) *yokei kanojono henkeiga bukimina **mononi** omoeru.*
(Ni: 436)

"a deformação dela parece ser uma **coisa** ainda mais misteriosa."

(c) *Watashini kan'yôna **monowa**, yoseio hoshôsuruyôna kaneyorimo tsuyoi ashikoshino honedeatta.* (Bu: 312)

"Para mim, a **coisa** mais importante do que dinheiro para garantir o restante da vida eram os fortes ossos de pernas e dorso."

(d) *senseiwa, senmonno kenkyûni hitsuyôdenai nondemo,*
(...) *gendaino gakuseino shisônari, kanjônarini, kankeino aru **monowa**, (...) meo tôshiteoku.*

"o professor passava os olhos (pelas **coisas**) por tudo que tivesse (...) relação com as emoções ou com o modo de pensar dos estudantes da atualidade, mesmo que essas obras não fossem necessárias para sua pesquisa científica." (Co: 97)

(e) *watashigotoki, byôjakuna, shikamo toshitotta **monono** tokoroe sukuio motomeni kuru (...)* (Bu: 307)

"vinha pedir ajuda a (uma **pessoa**) alguém doente, e ainda por cima, velho como eu." (Co: 57)

(f) *Yoninmo aru watashino kodomono nakade, nakunatta kâsan'o oboeteiru **monowa** hitorimo inai.* (Bu: 301)

"Dentre os meus quatro filhos, (não há nenhuma **pessoa** que) ninguém se recorda de sua falecida mãe". (Co: 51)

Comparado ao *mono* "coisa, objeto", *mono* "pessoa" parece ocorrer em maior número para indicar referência indefinida, normalmente traduzido para o português "quem", "ninguém", que significa, respectivamente, uma pessoa indeterminada, e a inexistência da pessoa.

Temos considerado, até agora, sempre a *lexia mono* como portadora do significado de "objeto, coisa" ou "pessoa", ou seja, *lexias* enquanto expressões referenciais. Em alguns enunciados, porém, *mono* é usado com morfema de interrogação *ka* ou com o auxiliar verbal de asserção *da*, inseridos em contextos frasais bastante específicos, imprimindo o caráter modal ao

enunciado. Nesses casos, *mono* não apresenta como conteúdo referencial a coisa ou a pessoa.

Analisamos, a seguir, essas expressões.

3.3.2. *Mono-ka*

Usado entre o verbo no passado e o morfema de interrogação *ka*, *mono* não expressa "coisa" nem "pessoa", mas uma ênfase à interrogação:

(a) *Chao nonda monodarôka, nomanai monodarôka.*
(Ha: 42)

"Será que tomo ou não o chá?"/"Devo ou não tomar o chá?"

(b) *Dô soreo tsukatta monokato omotta.* (Bu: 310)

"Pensei em como gastá-lo." (Co: 59)

(c) *Kono yoninno kyôdai ni, dô kaneo waketa monokatoiu kotoni naruto, watashiwa sono wakekatani mayotta.*
(Bu: 315)

"Quando pensava em como dividir o dinheiro entre estes quatro irmãos, ficava indeciso." (Co: 64)

Nos exemplos anteriores, verificamos que *mono-ka* é uma expressão de dúvida do personagem, uma interrogação introspectiva, e não uma pergunta dirigida ao interlocutor. As passagens mostram que se

tratam de dúvidas interiores do personagem ou do personagem narrador, registradas como um solilóquio, em forma de discurso indireto livre, não marcado por aspas que indicam o começo e o fim das falas.

O *mono-ka* pode vir acompanhado do auxiliar verbal *darô* "deve ser", de suposição, inserido entre o *mono* e *ka*, tomando a forma *mono-darô-ka*, "será que ...?", como em (k). Neste exemplo, o auxiliar verbal *darô* constitui uma expressão de dúvida, que vem reforçar ainda mais a interrogação expressa por *mono-ka*.

Observamos, ainda, que em todos os exemplos os verbos antepostos a *mono-ka*, em forma afirmativa, apresentam-se com o morfema do passado ta, (ou a forma da, sonorizada). Nas formas negativas, porém, o verbo não se apresenta com o morfema do passado. Na estrutura frasal construída com *mono-ka*, não se considera a ação ocorrida no passado, pois a dúvida em questão é do momento da enunciação, e portanto a ação expressa em forma de verbo, anteposto ao *mono*, ainda está para acontecer. O morfema *ta*, então, representa nesse contexto a forma presente afirmativa, e não o passado. Constatamos também na expressão *...hôga ii* "é melhor..." a forma no passado e a forma no presente: *nonda hôga ii* "é melhor tomar" e *nomanai hôga ii* "é melhor não tomar". O auxiliar *ta* (ou sua variante *da*), tanto no caso de *mono-ka*, como no de *hôga ii*, é utilizado como uma expressão modal e não como expressão temporal. Esquemmatizando *nonda* vs. *nomanai*, temos:

afirmativo	x	negativo
<i>non-da mono-ka</i>	x	<i>noma-nai monoka</i>
tomo-PASS.-será?	x	tomo-NEG. -será?
"será que tomo?"		"será que não tomo?"

A substituição do *nonda* por *nomu*, na forma do presente, pode ser interpretada da seguinte maneira, remetendo a lexia *mono* ao significado original "coisa":

(d) *Nomu mono-ka*.

tomar-coisa-INTERR.

"É **coisa** para se tomar?"

A forma *mono-ka* pode ainda atribuir ao enunciado a função retórica:

(e) *Nomu mono-ka*.

tomo-ÊNFASE-INTERR.

"(Imagine se eu vou tomar!) Não, nunca vou tomar."

Verificamos que a frase com o verbo na forma do presente provoca uma ambigüidade, tornando-se necessárias formas diferentes para expressar cada sentido. É certo que, nesses casos, o contexto geral do enunciado contribui para a compreensão apropriada do sentido que o enunciado traz.

3.3.3. *Mono-da*

A forma *mono-da*, em posição final de frase, é composta de *mono* e do auxiliar verbal de asserção *da* (ou sua variante *dearu*).

Mono-da exprime a lembrança de fato passado, sendo por isso antecedido por um modificador composto por um verbo, sempre no passado. A ação lembrada, nesse caso, constitui uma ação de ocorrência regular, mas não única no passado, muitas vezes reiterado e reforçado por uma expressão de localização temporal ou um advérbio de frequência, como ocorre nos enunciados a seguir:

(a) *Jirôno chiisana jibunniwa, Katsumisanmo kâsanno tokoroe yoku asobini kite, nagahibachino sobade hanashikonda monodearu.* (Bu: 304)

"Katsumi também sempre visitava minha esposa, mantendo com ela longas conversas junto ao braseiro, na época em que Jirô era pequeno." (Co: 54)

(b) (...) *osanaitokino Otakekunwa, dochirakato ieba yasegisuna shônende, yoku (...) bentôbakonazoo furimawashinagara gakkôkara kaetta monoda.* (Ku: 303)

"O Otake quando criança (...) era, se fosse defini-lo, mais para magro, e muitas vezes, juntos, voltávamos da escola balançando a lancheira (...)" (Co: 40)

(c) *Jiisanwa bankatani naruto, shibuuchiwao mochinagara, kemuru kayaride kurôo shiteita monoda.*
(Ni: 151)

"Ao anoitecer, o velhinho sofria com a fumaça do incenso contra os pernilongos, abanando-se com uma ventarola de tom vermelho fosco."

Em (a), observamos a ocorrência das ações descritas na frase, a de *asobini kite* "visitar minha casa" e *hanashikomu* "manter longas conversas", ações localizadas no passado, explicitadas em *Jirôga chiisana jibunni* "na época em que Jirô era pequeno" e sua frequência é expressa em *yoku* "freqüentemente". A temporalidade é apontada não somente nessas expressões, mas também no verbo, *hanashikonda*, em que se encontra o morfema indicador de passado, *ta* (ou *da*).

Em (b), observamos a expressão de tempo no modificador do sintagma nominal *osanaitokino Otakekun* "Otake, quando era pequeno", a expressão de frequência em *yoku* "freqüentemente", bem como no verbo no passado, *kaetta* "voltávamos".

No exemplo (c), a noção de frequência se torna clara na locução *bankatani naruto* "ao anoitecer", e da forma do verbo, *kurôshiteita*, onde *teita* expressa regularidade: toda vez que anoitecia, o velhinho sofria.

3.4. Sobre os modificadores de *koto* e *mono* com formas em *toiu* ou *tte*

Toiu, cuja forma coloquial *tte(iu)* "dizer que", é constituído do morfema indicador de citação *to* e do verbo *iu* "dizer" – uma locução que marca a citação, no final da frase. Quando se situa dentro de um sintagma nominal, fazendo parte do modificador, seu significado original "dizer que" parece não mais prevalecer, e passa, então a funcionar como elemento conector entre modificador e o núcleo do sintagma nominal.

Takubo (1989) considera *toiu* como uma forma de introduzir um nome do signo lingüístico, cujo significado (*imi*) ou referente (*shiji taišhō*) é desconhecido por parte de um dos participantes do discurso (locutor ou interlocutor). O sintagma nominal, então, traz a seguinte estrutura:

N1 + *toiu* + N2

"N2 que tem o nome de N1"

N1 é o nome, cujo significado e/ou referente é desconhecido, e N2 é o nome genérico que engloba o N1⁷. O teórico afirma, ainda, que quando N1 não é conhecido por qualquer um dos participantes do

⁷ Takubo estuda principalmente o comportamento dos nomes (N), aqui denominados N1, mas afirma que o mesmo processo de "introdução de elementos desconhecidos" se aplica às expressões não-nominais, acompanhadas de *tte*, uma variante de *toiu* (1989: 226).

discurso deve vir no enunciado, sempre acrescido de "toiu + nome genérico".

A afirmação de Takubo é válida, mas, parece ser insuficiente para explicar as lexias *koto* e *mono* na posição de N2 na estrutura do sintagma nominal acima mencionada, uma vez que constatamos casos em que N1 é conhecido pelos participantes do discurso. Concluimos, assim, que à interpretação de Takubo pode-se acrescentar uma outra observação: o N1 pode ser um elemento conhecido pelos participantes, mas destacado no seu contexto pelo locutor. O destaque ou ênfase de N1 se dá através do acréscimo de *toiu* + N2, sendo que N2 é o termo genérico cujo conceito engloba o N1.

3.4.1. *toiu koto* ou *tte koto*

Verifica-se, no modificador de *koto* que preceda o *toiu*, ou seja, no lugar do N1 mencionado anteriormente, uma predominância maior de frases do que de nomes, constituindo o sintagma nominal da seguinte maneira:

[frase + *toiu* + *koto*]

(a) (...) *Haneda Shôbeiwa, tada [Kisukega otôtogoroshino zaininda] to iu kotodakeo kiiteita.*

(Ta: 192)

"Haneda Shôbê (...) sabia somente (do fato de) que [Kisuke havia assassinado seu irmão]" (Co: 87)

(b) [Utsunomiyano umarede, aniwa imademo sono machide yûfukuna gofukuyadearu] to iu kotomo shireta.

(Ni: 149)

"Soubemos (do fato de) que [ela era natural de Utsunomiya e que seu irmão mais velho continuava lá, mantendo uma abastada loja de tecidos]." (Co: 23)

(c) Shikashi [sonna matomatta kanega futokoroni hairu]to iu kotoo, watashiwa Jirônino Suekonimo shirasezuni oita. (Bu: 308)

"Porém, não deixei nem Jirô e nem Sueko saberem (o fato de) que [uma quantia tão grande iria entrar no nosso bolso]." (Co: 58)

Os exemplos mencionados são enunciados extraídos de textos literários narrativos, onde não há um locutor e interlocutor(es) explicitados, tal como previsto nos estudos de Takubo. Contudo, *toiu koto* tem como função introduzir informações desconhecidas ou novas, do ponto de vista do personagem Haneda Shôbei (a), do narrador-personagem *watashi* "eu" (b) e de Jirô e Sueko, filhos do narrador (c).

Os modificadores que se ligam ao núcleo do sintagma nominal através da forma *toiu* apresentam maior grau de autonomia, enquanto construção frasal, se o compararmos com o modificador sem a forma *toiu*. A presença de *toiu* confere maior grau de distanciamento do conteúdo do modificador em relação ao enunciado no qual se insere, funcionando como as aspas que separam

as falas. Como *toiu* se liga à forma terminativa (*shûshikei*) de todos os termos flexíveis, a parte do modificador que se lhe antepõe pode ser compreendida como uma frase independente, fato que não ocorre com o modificador sem o *toiu*. O conteúdo da frase passível de ser independente expressa asserção, e a frase deve se ligar à terminação enfática -noda "é que", antes de se ligar a *toiu koto*, como observamos em (d):

(d) [Oeibâsanwa wakai jibun, nakunatta sono jiisanto, sukoshibakarino kaneo saratte, Tôkyôe kakeochishitekitanoda] *toiu kotomo wakatta.*

"Soubemos que a velha Oei havia fugido de casa ainda jovem, vindo para Tóquio com o velho compãheiro, trazendo consigo algumas economias."

A terminação noda não ocorre na ausência de *toiu* no modificador. Da mesma forma, o sujeito da frase "Oeibasan-wa ... kakeochishitekitanoda" está com o morfema wa de tópico, o que não é possível enquanto constituinte do modificador nominal se não tivesse o *toiu*. Da mesma forma, o morfema final ka de interrogação ou indeterminação ocorre somente com o *toiu* no final do modificador, como se verifica no exemplo (e):

(e) [Gairaiyôsoo ôku ukeireruka inaka] *toiu kotoni tsuitewa, ichiô gengoreberuno riyûto higengoreberuno riyûtoga kangaerareru.* (Go: 108)

"(No que se refere ao fato de [se incorporar ou não os elementos estrangeiros], em princípio, pode-se pensar nos motivos de ordem lingüística e de ordem não-lingüística."

A possibilidade de vir acompanhado de certos elementos modais distingue os modificadores com e sem *toiu*. Maynard (1984) afirma que tanto ...*koto* quanto ...*toiu koto* são formas para relatar de maneira indireta a fala e o pensamento, mas nos parece importante assinalar a diferença entre os dois: quando *toiu* ocorre no sintagma nominal [...*toiu koto*], a fala ou o pensamento adquirem uma forma mais aproximada do discurso direto, comparado ao sintagma [...*koto*], sem o *toiu*.

O conteúdo de *koto* expresso no modificador mostra que ele expressa uma asserção (a,b,c), inclusive enfática (d), e também dúvida ou interrogação(e).

Outros exemplos indicam que *toiu* não apresenta fatos ou atos novos no contexto, e sim elementos que fazem parte do conhecimento do interlocutor, mas intencionalmente enfatizados pelo locutor:

(f) [Naruhodo shimae iku] **toiu kotowa**, hokano hitoniwa kanashii kotodegozaimashô.

"Realmente o **ato/fato** de [(ser desterrado) ir para a ilha] deve ser uma coisa muito triste para as outras pessoas."

(g) [Taberu] **toiu** **kotowa**, *konnanimo* *konnanna*
sagyôdattanokato, *watashiwa* *shimijimi* *omotta*.
 (Ni: 434)

"Eu senti na pele o quanto o **ato** [de comer] era um trabalho tão penoso assim."

Vale mencionar, ainda, *toiu* funcionando como restrição à interpretação polissêmica de *koto*:

(f) *Karega itta koto*

"a **coisa** que ele disse / o que ele disse" ou

"o **fato** de ele ter dito"

(g) *Karega ittato iu koto*

"o **fato** de ele ter dito"

Notamos, no exemplo (f), que *koto* apresenta duas possíveis interpretações, no nível frase, sem levar em conta uma contextualização mais abrangente:

- refere-se à "coisa" que é dita, mesmo sem a explicitar de seu conteúdo no modificador;
- refere-se ao "fato", explicitando o tipo de fato no modificador.

No exemplo (g), com a presença de *toiu*, *koto* só pode ter o sentido de "fato", tendo no modificador a expressão ou a explicação do fato. A inserção de *toiu* no modificador contribui para interpretar *koto* no enunciado, ou delimitar, dentre as cargas semânticas

"coisa", "conteúdo", "fato", "ato", o significado do contexto, que é, no caso, "fato" ou "ato".

Embora a forma constituída de frases ocupe a maioria dos N1 no sintagma [N1 *toiu koto*], verificamos alguns poucos exemplos de nomes compondo o N1. A baixa quantidade e os tipos empregados de nomes parece-nos indicar a existência de restrições de certos nomes para constituir N1, para compor a referida estrutura do sintagma nominal:

(h) *Tôjiwa [dainin sashitate]to iu kotoga dekitanode,*
(...) (Ji: 178)

"Nesta ocasião era permitido o **ato** (a prática) do envio do substituto (...)"

(i) *Watakushiwa otôtoto isshoni, Nishijinno oribani hairimashite, [sorabiki]to iu kotoo itasu kotoni narimashita.* (Ta: 196)

"Eu e meu irmão, juntos, empregamo-nos numa tecelagem de brocado *nishijin* e começamos a (fazer o **trabalho de [sorabiki]**) trabalhar com os teares." (Co: 92)

Percebe-se que os nomes seguidos de *toiu koto* não são nomes de objetos comuns, mas nomes que expressam prática ou ato, portanto constituem hipônimos em relação à noção genérica de *koto* "ato, ação".

Notamos, ainda, que os nomes designam atos pouco comuns no nosso dia-a-dia, tais como a prática de

dainin sashitate "envio do substituto", ou *sorabiki*, o trabalho com o tear, o que justifica o uso de *toiu*.

Podemos resumir, desse modo, dizendo que na construção do sintagma nominal [N1 + *toiu* + *koto*], o N1 é composto por frases expressando asserção - tipo majoritário, ou então por nomes indicando ação ou prática, os quais, pelo conteúdo semântico que se associa ao fazer, agir, praticar, são denominados genericamente de *koto*.

3.4.2. *toiu mono* ou *tte mono*

N *toiu mono* traduz-se por "a coisa chamada N", "aquilo que é chamado de N" ou "o chamado N". O conceito de *mono* "coisa" é particularizado através de N, (por exemplo, uma escola), mas essa particularização é determinante ao ponto de se referir a uma escola em particular. Portanto, *gakkôto iu mono* referir-se-á à escola como uma entidade abstrata, ou como conceito comum a todas as escolas. Entre os modificadores de *mono* com *toiu*, observa-se uma predominância de nomes constituindo o N1:

[nome + *toiu* + *mono*]

(j) [*Gakkô*]to iu monoga *kareniwa sappari rikaidekinakattanoda*. (Ho: p. 360)

"Ele não conseguia de jeito nenhum compreender o que era uma escola." (p.123)

(k) (...) *watashiniwa [biwano shâbetto]to iu monoga sonzaisurunoka dôka, yoku wakaranakatta.* (Ni: 443)

"(...) eu não sabia se existia um tal de [sorvete de nêspeŕa]."

(l) (...) *korega [hontôno nôson]to iu monodewanaikato iu kiga shita.* (Bu: 92)

"(...) indaguei-me se não seria aquela a verdadeira vila rural."

(m) *Hajimete [mizu]tte iu monoga wakatta Herenmitaini,*
(...). (Ki: 20)

"Como a Helen que entendeu pela primeira vez o que era [a água], (...)"

Exemplos de nomes que se ligam a *toiu mono* e recebem a denominação genérica de *mono* "coisa, pessoa" são: *gakkô* "escola", *biwano shâbetto* "sorvete de nêspeŕa", *hontôno nôson* "verdadeira vila rural", *mizu* "água". São nomes comuns, cujo significado, essência ou o próprio conceito genérico representados por eles são colocados em questão pelo narrador, narrador/personagem, ou personagem do texto. Note-se, no predicado de todos os exemplos, a presença de expressões de questionamento ou desconhecimento, tais como: a incompreensão do que o nome designa (j), o questionamento da própria existência do elemento designado (k), a indagação da correspondência entre o

significado do nome e o referente(l), e mesmo a descoberta do significado do que o nome representa (m).

Pudemos distinguir também os nomes próprios, seguidos de *toiu*, constituindo o modificador de *mono*, junto com *toiu*:

(n) *Ioriga kaneo karita hitowa aibanno* [Shimojima Jinzaemon]*to iu monodearu.* (Ji: 178)

"A pessoa de quem Iori pediu o dinheiro emprestado foi um guarda, seu companheiro de trabalho, chamada [Shimojima Jin'emon]."

(o) (...) [Osukâ-Wairudono De-Purofundisu]*toka,* [Intenshonsu]*toka* *iu monosae,* *ichidokuno rôo totta.*
(Ha: p. 38)

"(...) dera-se ao trabalho de ler até mesmo as obras [De Profundis] e [Intentions], de Oscar Wilde, (...)"
(Co: 98)

(p) [Jirôya Sueko]*to* *iu monomo* *hikaeteita.*
(Bu: p. 308)

Na seqüência, (as peçoas como) [Jirô e Sueko] seriam os próximos. (p. 57)

Tratando-se de nomes próprios, cujo referente é fixo, determinado, *toiu mono* tem a função de apresentá-los ao leitor como um elemento novo introduzido pela primeira vez no contexto da narrativa

(n, o), ou então apresentado como destaque do elemento já conhecido (p). Não se trata de questionar a sua existência, a essência, o significado dos seres que levam esses nomes, como no caso de [nome comum + *toi* *mono*].

Retomando os nomes comuns que constituem o modificador junto com *toi*, podemos afirmar que é genérica, não particular, em todos os contextos apresentados e analisados no nosso *corpus*. Sendo um nome comum, N *toi* *mono* se refere a todos os N, ou a algo que existe de comum em todos os N. Pelo contrário, o *mono* dos exemplos (n) a (p) tem uma referência clara, justamente porque o nome próprio constituindo N1 aponta para um referente determinado e específico.

Dentro da cadeia lexical, os nomes comuns que constituem N1 são englobados por *mono*, N2, um nome genérico. Dessa maneira, lexias como *mizu* "água", *sake* "saquê", *gakkô* "escola", *shakuzai* "empréstimo monetário", *jibunno iteii tokoro* "o lugar onde eu posso ficar", *hitono nasake* "sentimento humano" e *miryoku* "atração" são consideradas hipônimos de *mono*. Vemos que não só os substantivos concretos (água, saquê, escola) como também os abstratos⁸ (empréstimo, sentimento humano, atração) são tratados como *mono*. Os nomes próprios, constantes em (n) e (p), nomes de

⁸ Estamos considerando os substantivos concretos e abstratos segundo a definição de Câmara Jr. (1992). Segundo o gramático, os concretos designam um conjunto de fenômenos concretamente concebidos à maneira de um ser, bem como as organizações sociais que por convenção se consideram como um ser. Os abstratos, por sua vez, designam as qualidades e as ações, que ficam assim abstraídas dos seres que, respectivamente, as possuem ou as executam.

pessoa e de obras literárias, também recebem o tratamento genérico de *mono*.

3.4.3. Comparação entre *toiu koto* e *toiu mono*

Comparando as estruturas dos sintagmas nominais *toiu koto* e *toiu mono*, constatamos a predominância da forma [frase + *toiu koto*], e a forma [nome + *toiu mono*]

As fórmulas anteriores sugerem mais uma vez os significados das duas lexias em estudo: *koto* designando fato, ação que constituem conteúdo da fala ou do pensamento, enquanto *mono* designa objetos, coisas ou pessoas existentes. Porém, verificamos que *toiu koto* pode ligar-se aos nomes, como *sorabiki* e *dainin sashitate*, comentados nos exemplos (e) e (f):

Para concluir este item referente a *toiu koto* ou *mono*, volto a afirmar que a forma *touiu* serve para marcar a intenção do narrador ou do locutor em destacar um determinado item, além de, conforme a análise acertada de Takubo, introduzir uma informação nova, seja para os participantes do discurso, seja para os personagens do texto e mesmo para o leitor.

Além disso, o nome ou a frase destacados por *toiu* apresentam característica semântica própria para serem denominados *koto* ou de *mono*, constituintes do núcleo do sintagma nominal. Verificamos assim que, *koto* é empregado majoritariamente em frases expressando fato, ação e estado; enquanto *mono* é empregado com nomes

comuns e nomes próprios, designando determinados objetos ou pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre o grupo dos *keishikimeishi* ainda apresentam um caminho longo a ser explorado. Seus teóricos, conforme expusemos no capítulo II, abordaram o assunto ainda de maneira bastante polêmica, dada à complexidade que o tema apresenta sobretudo nos níveis sintáticos e semânticos.

Os primeiros teóricos da língua japonesa que abordaram o *keishikimeishi* (ou o seu correspondente) detiveram-se mais para o seu significado literal (se é que podemos chamar assim) enquanto lexias isoladas, nem sempre contextualizadas, definindo-o como substantivos que não possuíam uma "substância" (*jisshitsu*) ou um referencial extra-lingüístico específico, como é esperado dessa classe de palavras.

Como vimos pelos teóricos sumariados no capítulo II, o aspecto semântico do *keishikimeishi* é definido da seguinte maneira: apresenta amplitude no campo semântico (Yamada); é substantivo que só possui um significado formal e carece de um significado substancial (Matsushita); é portador de significado ténue (Hashimoto e Teramura); é um nome que expressa um conceito extremamente abstrato (Tokieda); é *kyûchakugo* que não possui um conteúdo semântico substancial (Sakuma); ou é um grupo de lexias que sofreu um processo de esvaziamento semântico (Ide).

As definições semânticas de *keishikimeishi* são variadas, devido justamente à sua complexidade. Veio daí o nosso interesse em estudar o significado e o

referente desse grupo de palavras, escolhendo para a análise *koto* e *mono*, que apresentam um caráter altamente polissêmico. Partindo do pressuposto de que o *keishikimeishi* necessita sempre ser complementado por um modificador, decidimos estudar esses modificadores, tão essenciais para compor o núcleo do sintagma nominal, no caso, constituído por *koto* e *mono*. Vimos então a relação entre o modificador e os *keishikimeishi*, as lexias polissêmicas, com o intuito de averiguar como se processa a decodificação apropriada de seus significados pretendidos no enunciado.

Dentro desse ponto de vista, a divisão dos modificadores em diferentes classes de palavras para a análise não foi exatamente chave de solução para o nosso questionamento, mas foi um ponto de partida para se pensar no processo de complementação ou modificação de *koto* e *mono*, e de restrição do conteúdo polissêmico das lexias dentro do contexto de enunciado.

Concluimos, então, através de nossa análise, que *koto* e *mono* designam objetos diferentes, cada um fazendo um recorte diferente de um dado da realidade. Ambos poderiam ser traduzidos por "coisa", na tentativa de uma aproximação das duas lexias ao português, uma vez que a primeira e a segunda acepção, segundo Ferreira (1986), 'aquilo que existe ou pode existir', 'objeto inanimado', são características de *mono*, e as outras acepções, isto é, as de 'realidade, fato', 'negócio, interesse', 'empreendimento, empresa', 'acontecimento, ocorrência, caso', 'assunto, matéria', podem ser abrangidas por *koto*, em japonês. Verificamos, porém, que há outras acepções que o

português "coisa" não abarca dentro de seu campo semântico. É o caso das noções de 'ato', 'estado' e 'movimento', expressas por *koto*, assim como 'pessoa' contendo sentido de modéstia expressa por *mono*.

Verificou-se também que *koto*, diferentemente de *mono*, não possui um sentido de tratamento, significando apenas fato, ato, assunto. O que determina o significado de *koto* é, em primeiro lugar, o seu modificador, com o qual pode estabelecer as seguintes relações possíveis:

1) *koto* desempenha a função de sujeito, objeto ou outros complementos, demonstrando uma estreita relação semântica entre *koto* e o conteúdo do modificador. Ex.:

Kazukazu-no kokoro-ni kakaru koto-ga ano ko-ni-wa aru.

muitos -GEN. coração-LOC.prender **coisas**-SUJ.aquele filho-LOC.-TÓP.tem

"Há várias **coisas** no meu filho que me prendem o coração/que me preocupam."

(*kotoga*) *kokoroni kakaru* "(as coisas) prendem o coração"

O modificador de *koto* "coisa" constitui uma oração subordinada adjetiva restritiva, na tradução muitas vezes literal para o português. O *koto* é complementado pela noção expressa no modificador. Tal relação de dependência, de caráter sintático e também semântico se manifesta, por outro lado, pela restrição à inserção de *toiu* entre o modificador e o *koto* ou *mono*.

Toiu, no final do modificador, confere ao seu conteúdo uma certa autonomia enquanto expressão frasal em relação ao núcleo do sintagma nominal. Por isso, nas condições acima descritas, *koto* não permite ser complementado por modificador contendo *toiu*.

2) *koto*, significando ato ou fato, apresenta necessariamente um modificador que o explicita. Quando *koto* assume o significado "fato", "acontecimento", "evento", seu modificador é formado por uma frase assertiva que expressa o conteúdo desse fato. Ex.:

Kare-ga kinô kuni-o tatta koto-o daremo shiranai.

ele-SUJ. ontem país-LOC. partiu fato-OD. ninguém não sabe

"Ninguém sabe do **fato** de que partiu ontem do país."

(*koto* "fato" = partiu ontem do país)

Nesses casos, a frase assertiva é constituída de verbo, adjetivo *keiyôshi* ou *junmeishi* + auxiliar verbal. Quando se trata de expressar "ato enquanto potência", o modificador será constituído de verbo, explicitando qual ato é, mas concebido no sentido atemporal, expressando a noção básica do verbo, correspondente à sua forma infinitiva, não admitindo então a forma do passado. Ex.:

Iku koto-wa yasashii.

ir ato-TÓP. fácil

"(O **ato** de) Ir é fácil."

Em ambos os casos - de *koto* "fato" e *koto* "ato" - é permitida a inserção de *toiu* no sintagma nominal, entre o modificador e o núcleo do sintagma *koto*.

3) *koto* e seu modificador, constituído de nome(N) e morfema genitivo *no*, compondo o sintagma *N + no + koto*, tem a acepção de "coisas de N", ou "a respeito de N". Há uma ocorrência bastante alta de N ser formado por nomes próprios ou comuns especificados, apontando um determinado indivíduo do mundo real, ou ainda pronomes pessoais co-referindo-se a outra expressão referente a um indivíduo. Tal sintagma, com nomes referentes a seres humanos, é seguido de um sintagma com N composto de expressões de tempo, indicando a identificação temporal do *koto*, "fato" ou "evento" no passado ou um possível "acontecimento" no futuro.

4) *koto* e seu modificador constituído de pronomes adjetivos, majoritariamente demonstrativos, constituem sintagmas que apontam um elemento referido no contexto: um conteúdo da fala, do pensamento ou da percepção, um estado, um ato, um fato, um acontecimento ou um episódio todo. O sintagma nominal com *koto*, portanto, pode ser um elemento co-referencial de verbos, frases assertivas ou de parágrafos, expressando desde um ato, uma afirmação, até a descrição de um episódio.

Mono, em sua acepção genérica "coisa, objeto", não apresenta uma demarcação clara para se distinguir de *mono* "pessoa". Mas, estudos realizados referentes a modificadores mostraram que seu emprego apresenta uma tendência geral assim especificada:

1) *mono* é sujeito ou objeto direto do conteúdo expresso no modificador, quando toma a acepção "objeto, coisa". Por outro lado, tende a ser sujeito quando exprime "pessoa". Tal tendência ocorre como reflexo do significado de "pessoa" que *mono* contém, porque *mono* pode desempenhar a função de agente da ação expressa no modificador, embora nada o impeça de assumir o papel de objeto, sofrendo o resultado de uma ação.

2) *mono*, sendo um hiperônimo de todas as outras expressões nominais designando objetos e seres, pode estabelecer com essas expressões uma relação de co-referência num contexto, expressando de diferentes maneiras um mesmo referente. Isso ocorre com *mono* ligado a um pronome adjetivo demonstrativo ou mesmo a orações adjetivas restritivas.

3) *mono* "pessoa" é uma lexia que se reveste de sentido de humildade em determinado contexto enunciativo: quando o locutor quer expressar respeito ao interlocutor, referindo-se a si próprio com humildade e modéstia. Esse mesmo *mono* pode se revestir de um

sentido pejorativo, quando o locutor o utiliza referindo-se ao interlocutor, rebaixando-o.

4) quando o sentido de *mono* "pessoa" se mostra ambíguo por apresentar a mesma forma de *mono* "objeto", o contexto frasal maior delimita-lhe o conteúdo semântico, uma vez que é complementado por verbos que denotam ações praticadas por um ser humano.

5) *mono* com sentido de "pessoa" pode ter uma referência determinada: eu, 1ª. pessoa, em forma neutra ou de modéstia, ou terceira pessoa, em forma neutra. No entanto, constatou-se um número considerável de *mono* "pessoa" sem o referente determinado, traduzido em português por "quem", "aquele (que...)", "os (que...)", "nenhum", "ninguém". A referência indeterminada de *mono* é certamente a causa que propiciou aos autores japoneses afirmarem que o *keishikimeishi* é uma lexia sem o conteúdo substancial.

6) *mono* com sentido de "coisa, objeto" é muito mais usado do que *mono* "pessoa", como elemento co-referencial de uma dada expressão designando um objeto ou um ser já apresentado no contexto. *Mono* "pessoa", por sua vez, apresentou maior ocorrência como referências indefinidas do que de *mono* "objeto, coisa".

7) *mono*, juntamente com o morfema *ka* de interrogação ou com o auxiliar verbal *da* de afirmação, posicionado no final do enunciado, pode imprimir-lhe um caráter modal, diferentemente das acepções "objeto" e "pessoa" enquanto expressões referenciais.

Koto e *mono* expressam diferentes elementos da realidade, e sua complexidade, acreditamos, ainda não pôde ser descrita por completo em nosso trabalho.

O estudo do *keishikimeishi* é um estudo que não se limita ao estudo das classes de palavras, mas que se estende ao comportamento das lexias em contextos frasais e textuais, que vai do contexto do enunciado e atinge o campo da enunciação.

Nosso estudo analítico de *koto* e *mono*, dentro da cadeia sintagmática em que se insere, mostrou que esses dois *keishikimeishi* possuem duas dimensões semânticas: a dimensão referencial dos objetos e a dimensão enunciativa enquanto marcador de sentidos modalizadores diversos que imprimem à frase posições subjetivas do emissor, tais como expressão de dúvida, ênfase e outros.

Tendo, contudo, a nossa postura de análise voltada para *koto* e *mono* enquanto nomes com significado e que designam um referente determinado ou indeterminado do universo real, não nos foi possível aprofundar a questão da função modalizadora dessas lexias no enunciado. O conteúdo referencial em si pareceu-nos apresentar aspectos importantes a

considerar, em função de constituírem lexias polissêmicas. Foi essa característica, aliás, que levou tantos teóricos a reafirmarem o campo semântico amplo dos *keishikimeishi*.

Contudo, ficou claro pelo levantamento que realizamos, que não podemos concordar com a posição de Matsushita, quando afirma que o *keishikimeishi* só possui um significado formal, carecendo de um significado substancial. Para nós, *koto* e *mono* apresentam sim um significado substancial, um referente, embora nem sempre esse referente seja específico ou determinado.

Koto, expressando fatos, e *mono*, expressando objetos, podem designar diferentes objetos do mundo real. *Koto* e *mono* são duas lexias que se completam para expressar o nosso universo.

BIBLIOGRAFIA

- ARAKI, Hiroyuki (1980) *Nihongokara nihonjin'okangaeru*. Tokyo, Asahi shinbunsha.
- AUSTIN, J.L. (1981) *How to do things with words*. Massachusetts, Harvard Univ. Press.
- BUNKACHÔ KOKUGOKA (org. 1982) *Genkôno kokugo hyôkino kijun* "Os parâmetros da escrita da língua japonesa atual". Tokyo, Gyôsei.
- CÂMARA JR., João Mattoso (1992) *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 16 ed., Petrópolis, Vozes.
- COLLEGIO DE IAPAM DA COMPANHIA DE IESVS (1603) *Vocabvlario da lingua de Iapam*. Nagasaqui, Companhia de Jesus. (Re-edição pela editora Iwanami, em 1960)
- DUCROT, Oswald (1987) *O dizer e o dito*. São Paulo, Pontes Editora.
- - *Princípios de semântica lingüística (dizer e não dizer)* (1977) São Paulo, Cultrix.
- EDA, Sumire (1987) "Meishi + no koto no imito yôhônitsuite" 'Sobre o significado e funções do substantivo + no koto'. *Nihongo kyôiku* "Ensino da língua japonesa" 62. Tokyo, Nihongo Kyôiku Gakkai.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1993) *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2 ed., São Paulo, Nova Fronteira.

- FUKASAWA, Lidia M. (1991) *Sistema de estruturação das modalidades na língua japonesa (os auxiliares verbais e os morfemas finais)*. São Paulo, Tese de doutoramento, FFLCH da USP.
- FURUTA, Tosaku e TSUKISHIMA, Hiroshi (1972) *Kokugogakushi*. "História da língua japonesa". Tokyo, Tokyo Daigaku Shuppankai.
- GARNIER, Catherine (1982) *La phrase japonaise - structures complexes en japonais moderne*. Paris, Publications Orientalistes de France.
- HABEIN, Yaeko Sato (1984) *The History of the Japanese Written Language*. Tokyo, Univ. of Tokyo Press.
- HAGA, Yasushi (1979) - *Nihonjinno hyôgen shinri* "A psicologia da expressão japonesa". Tokyo, Chûô kôronsha.
- HALLIDAY, M. A. K. (1973) *Explorations in the functions of language*. London, Edward Arnold Ltd..
- HALLIDAY, M.A.K. et HASAN, R. (1976) *The cohesion in English*. London, Longmans.
- HARADA, Shin'ichi (1973) "Kôbunno reberuto imito taipu" 'Níveis de estrutura frasal e tipos semânticos'. *Kokugogaku* "Estudos da língua japonesa". No. 92. Tokyo, Kokugo Gakkai.
- HASHIMOTO, Shinkichi (1967) *Kokubunpô taikeiron* "Teoria dos sistemas gramaticais da língua japonesa". 7 ed., Tokyo, Iwanami Shoten.

- (1968) "*Kokugohô Yôsetsu*" 'Considerações essenciais da gramática japonesa'. In: *Kokugohô Kenkyû* "Pesquisas da gramática japonesa". 15 ed., Tokyo, Iwanami Shoten.
- HILL, Archbald (org. 1974) *Aspectos da lingüística moderna*. São Paulo, Ed. Cultrix.
- IDE, Itaru (1967) "*Keishikimeishitowa nanika*" 'O que é *keishikimeishi*'. In: *Kôza Nihongono bunpô 3 - hinshikakuron* 'Coleção Gramática da língua japonesa 3 - Considerações sobre a taxionomia. Tokyo, Meiji Shoin.
- IKEGAMI, Yoshihiko (1975) *Imiron* "Semântica". Taishukan.
- ILARI, Rodolfo e GERALDI, Wanderley (1987) *Semântica*. Série Princípios. 3 ed., São Paulo, Ática.
- INOUE, Kazuko (1978) *Nichiei taishô nihongono bunpô kisoku* "As regras gramaticais da língua japonesa em contraste com a inglesa". Tokyo, Taishûkan.
- (1982) "*An interface of syntax, semantics, and discourse structures*". In: *Lingua*. No.57, North-Holland Publishing Co..
- ISHIGAMI, Teruo (1995) "*Rentai kôzô 5*" 'Estrutura de modificação nominal 5'. *Shinshû Daigaku Kyôiku Kiyô* "Revista do Depto. de Educação da Univ. de Shinshu". No.29. Matsushima, Univ. de Shinshu.
- ITOI, Michihiro (1978) "*Koto ninshikito mono ninshiki*" 'A concepção de koto e a concepção de mono'. In: HAMADA, Keisuki (org. 1978) *Ronshû Nihon bungaku, nihongo*. Volume I: Jôdai. Tokyo, Kadokawa.

- KAIZUKA, Shigeki et alii (1984) *Kadokawa Kanwa Chû Jiten*. "Dicionário médio Chinês-Japonês Kadokawa". 208 ed., Tokyo, Kadokawa [1a. ed. 1959].
- KASUGA, Kazuo (org. 1985) *Shinpen Kokugoshi Gaisetsu* "Novas considerações teóricas da história da língua japonesa". Tokyo, Yuseido.
- KIKUCHI, Yasuto (1994) *Keigo* "Linguagem de tratamento". Tokyo, Kadokawa.
- KOBAYASHI, Yoshinori (1967) *Heian Kamakurajidainiokeru kanseki kundokuno kokugoshikenkyû*. "Os estudos históricos da língua japonesa nas leituras japonesas de textos chineses dos períodos Heian e Kamakura". Tokyo, Tokyo Daigaku Shuppankai.
- KOKUGO GAKKAI "Associação de Língua Vernacular" (org. 1980) *Kokugogaku Daijiten* "Enciclopédia de Língua Vernacular". Tokyo, Tokyodô Shuppan.
- KOKURITSU KOKUGO KENKYÛJO "Instituto Nacional de Pesquisa da Língua Japonesa" (1960) *Hanashikotobano bunkei(1) - Taiwa shiryôni yoru kenkyû* "Estruturas frasais do japonês falado 1 - Pesquisa da conversação". Tokyo, Shûei Shuppan.
- (1962) *Gendai zasshi 90shuno yôgo yôji (1)* "Letras e palavras utilizadas em 90 revistas atuais". Tokyo, Shûei Shuppan.
- (1963) *Hanashikotobano bunkei(2) - Dokuwa shiryôni yoru kenkyû* "Estruturas frasais do japonês falado 2 - Pesquisa das exposições orais". Tokyo, Shûei Shuppan.

- (1966) *Gendaigono joshi, jodôshi - yôreito jitsurei* "Partículas e morfemas flexíveis da língua japonesa moderna: empregos e exemplos". Tokyo, Shûei Shuppan, 5a. ed..
- KYOKAKEN TOKYO KOKUGOKAI/GENGO KYOIKU SÂKURU (1963) *Bunpô kyôiku - sono naiyôto hôhō* "Ensino da gramática - seu conteúdo e método". Tokyo, Mugi Shobo.
- KUDO, Hiroshi et alii (1993) *Nihongo yôsetsu*. "As teorias principais da língua japonesa". Tokyo, Hitsuji shobō.
- KUDO, Mayumi (1985) "Koto, no no tsukaiwaketo dôshino shurui" 'A diferenciação de emprego do koto e no e os tipos de verbos'. In: *Kokubungaku kaishakuto kanshō 3* "Interpretação e apreciação da literatura japonesa". Tokyo, Shibundo.
- KUNIHURO, Tetsuya (1967) *Kôzôteki Imiron*. "Semântica estrutural" Tokyo, Sanseido.
- et alii (1982) *Kotobano imi 3. Jishoni kaitenai koto*. "Significado lexical 3. O que não consta em dicionários". Tokyo, Heibonsha.
- KUNO, Susumu (1973) *Nihon Bunpô Kenkyû*. "Estudos da Gramática Japonesa". Taishukan, Tokyo.
- (1980) *Danwano bunpô* "Gramática do discurso". Tokyo, Taishukan.
- LEECH, Geoffrey (1974) *Semantics*. Harmondsworth, Penguin.
- LYONS, John (org. 1976) *Novos horizontes em lingüística*. Ed. Cultrix/Edusp (original em 1970).

- LYONS, John (1977) *Semantics*. England, Cambridge, Cambridge University Press.
- MAEDA, Tomiyoshi (1985) "Kinseini okeru kokugo goikan" 'A visão lexical japonesa na época Kinsei'. In: *Kokugo Goishi Kenkyû*. "Estudos da História do Léxico da Língua Japonesa". Tokyo, Meiji Shoin.
- MAKINO, Seiichi (1982) "Japanese grammar and functional grammar". *Lingua*. No. 57. North-Holland Publishing Company.
- MARTIN, Samuel (1975) *A reference grammar of japanese*. Yale Univ. Press.
- MASUOKA, Takashi (1987) *Meidaino bunpô - nihongo bunpô josetsu*. Gramática da proposição - Introdução à gramática da língua japonesa". Tokyo, Kuroshio shuppan.
- (1991) *Modaritiino bunpô* "Gramática das modalidades". Tokyo, Kuroshio shuppan.
- MATEUS, Maria Helena Mira et alii (1989) *Gramática da língua portuguesa*. 4 ed., Lisboa, Caminho.
- MATSUMURA, Akira et alii (org. 1968) *Kôza nihongono bunpô* "Coleção Gramática da língua japonesa" (5 vols.). Tokyo, Meiji Shoin.
- MATSUSHITA, Daizaburo (1928) *Kaisen hyôjun nihon bunpô*. "A gramática japonesa normativa reexaminada". Tokyo, Kigensha.
- (1930) *Hyôjun nihon kôgohô*. "A gramática normativa da língua japonesa". Tokyo, Kigensha.

- MAYNARD, Senko K. (1984) "*Functions of to and koto-o in speech and thought representation in Japanese written discourse*". *Lingua*. V. 64, no. 1, North Holland.
- MIETTO, L.F.M.R. - "Apresentação e estudo do processo de elaboração da obra *Kojiki*". Cópia xerográfica inédita.
- MINAMI, Fujio (1965) "*Meishiteki hyôgenno kôzô*" 'Estruturas de expressões nominais'. *Kokugogaku* "Estudos da língua japonesa". No. 63, Tokyo.
- (1974) *Nihongono kôzô* "Estruturas da língua japonesa". Tokyo, Taishukan.
- (1982) "*Qu'est-ce que la langue japonaise? - La structure de la phrase*". *Langages*. No.68, Paris, Larousse.
- MIURA, Tsutomu (1984) *Nihongowa dô iu gengoka* "Como é a língua japonesa". Tokyo, Kodansha.
- MIYAJI, Yutaka (1974) "*Bunpôkenkyûno mondaiten*" "Os problemas de estudos gramaticais". In: *Nihongono bunpô*. "Gramática da língua japonesa". Coleção Simposium Nihongo 2 'Simpósio da Língua japonesa 2'. Tokyo, Gakuseisha.
- MIYAJIMA, Tatsuo (1972) *Dôshino imi, yôhono kijutsuteki kenkyû* "Estudos descritivos do significado e uso dos verbos" (Kokugo kenkyujo Hôkoku no. 44). Tokyo, Shûei Shuppan.

- MOMIYAMA, Yosuke (1990) "*Gendai nihongo monono shosô*" 'Aspectos do termo mono da língua japonesa moderna'. *Litteratura 1*. Nagoya, Kôgyô Daigaku Gaikokugo Kyôshitsu.
- MORIOKA, Kenji (1988) *Bunpôno kijutsu*. "Descrição da gramática". Tokyo, Meiji Shoin.
- (org.- 1974) *Nihongono bunpô*. "Gramática da língua japonesa". Coleção Shinpojiumu Nihongo 2 'Simpósio da Língua japonesa 2'. Tokyo, Gakuseisha.
- (org.- 1975) *Nihongono moji*. "Letras da língua japonesa". Coleção Shinpojiumu Nihongo 4 'Simpósio 'Língua japonesa' 4'. Tokyo, Gakuseisha.
- MORITA, Yoshiyuki (1980) *kiso nihongo 2* "Japonês básico 2". Tokyo, Kadokawa Shoten.
- MORIYA, Michiyo (1989) "*Monoda ni kansuru kôsatsu*" 'Considerações acerca de *Monoda*'. *Waseda Daigaku Nihongo Kenkyû Kyôiku Center Kiyô*. Tokyo, Waseda Daigaku, pp. 1-25.
- MURAKI, Shinjiro (1991) *Nihongodôshino shosô* "Aspectos dos verbos japoneses". Tokyo, Hitsuji.
- NAGARA, Susumu *et alii* (1987) *Gaikokujinno tameno nihongo reibun, mondai series 2. Keishikimeishi*. "Exemplos e questões para estrangeiros - série 2: Keishikimeishi". Tokyo, Aratake Shuppan.
- NAKAU, Minoru (1973) "*Nihongo-ni okeru meishi shûshoku kôzô*" 'As estruturas de complementação nominal na língua japonesa' *Gengo*. no.11, fev., Tokyo, Taishûkan.

- NAKAYAMA, Rokuro (1984) "Kinsei izenno hinshi bunrui kenkyûshoshô 'Excertos de Estudos de taxionomia da língua de antes da era Kinsei'". In: SUZUKI, Kazuhiko e HAYASHI, Ôki (org.) *Kenkyû Shiryô Nihon Bunpô*. "Gramática da Língua Japonesa: materiais de análise". Tokyo, Meiji Shoin, pp. 220-295.
- NEUSTUPNÝ, J.V. (1978) *Post-structural approaches to language*. Tokyo, Univ. of Tokyo Press.
- NISHIDA, Naotoshi (1984) "Gobunruino rekishi" 'História da classificação de palavras'. In: SUZUKI, Kazuhiko e HAYASHI, Ôki (org.) *Kenkyû Shiryô Nihon Bunpô*. "Gramática da Língua Japonesa: materiais de análise". Tokyo, Meiji Shoin, pp. 93-143.
- NOMURA, Masayuki (1995) *Nihongono kaze* "Os ventos da língua japonesa". Tokyo, Taishukan.
- OKUTSU, Keiichiro (1974) *Seisei nihon bunpôron* "Teoria da gramática gerativa japonesa", Taishûkan.
- OKUTSU, Keichiro et alii (1986) *Iwayuru nihongojoshino kenkyû* "Estudos dos chamados 'auxiliares japoneses'". Tokyo, Bonjinsha.
- ONOE, Keisuke (1995) "Kakuno yuragi 'A oscilação de casos'". *Gengo* "Linguagem". No.11, vol.24. Tokyo, Taishukan.
- OTA, Junko (1995) "A determinação nominal (*rentai shûshoku*) do japonês - algumas considerações em contraste com o português". *Estudos Japoneses*. No. 15. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses da USP.
- PERINI, Mário (1989) *Para uma nova gramática do Português*. 4 ed., São Paulo, Ática.

- POTTIER, Bernard (1978) *Linguística geral - teoria e descrição*. Rio de Janeiro, Presença.
- RODRIGUEZ, João (1604) *Rodríguez Nihon Daibunten* "Arte da Língua de Japão". Nagasaki, Collegio de Iapão da Companhia de IESV (org. SHIMA, Shozo - 1969 - edição reproduzida do original).
- (1604) *Arte da Lingoa de Iapam*. Nagasaki, Collegio de Iapão da Companhia de IESV (Edição traduzida para o japonês, publicada em 1955, Tóquio, pela editora Sanseido. Tradução e notas de DOI, Tadao).
- (1620) *Arte Breve da Lingoa Japoa*. Macau, Collegio da Madre de Deos da Companhia de IESV (Edição reproduzida em 1989, Tokyo, pela editora Kasama. Org. de FUKUSHIMA, Kunimichi).
- RÓNAI, Paulo (1987) *Escola de Tradutores*. 6a. ed. revista e ampliada, Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- SAJI, Keizo (1992) *Nihongono bunpôno kenkyû* "Estudos gramaticais da língua japonesa". Tokyo.
- (1993) "Nono honshitsu - koto, monotono taihikara" "A essência do *no* - em comparação com *koto* e *mono*". *Nihongogaku*. Tokyo, Meiji Shoin, v.12, outubro.
- SAKAKURA, Atsuyoshi (1974) *Nihon bunpôno hanashi* "Sobre a gramática da língua japonesa". Tokyo, Kyôiku shuppan.
- (org. 1975) *Nihongono imi, goi* "O significado e o léxico da língua japonesa". Col. Shinpojiumu Nihongo 3. Tokyo, Gakuseisha.

- SAKUMA, Kanae (1967) *Gendai nihongohôno kenkyû*
 "Estudos de regras gramaticais do japonês
 moderno". 5 ed. Tokyo, Kôseisha Kôseikaku (1a. ed.
 revista em 1952).
- (1966) *Gendai nihongono hyôgento*
gohô "As expressões e regras gramaticais da língua
 japonesa contemporânea". Tokyo, Koseisha Koseikaku
 (1a.ed.revista em 1951).
- SATO, Kiyoji (org.1986) *Kokugoshi* "História da língua
 japonesa". 2 volumes. 2 ed., Tokyo, Ôfûsha.
- SEARLE, John R. (1984) *Speech acts - An essay in the*
Philosophy of Mind. NY, Cambridge Univ. Press.
- SHIBATANI, Masayoshi (1978) *Nihongono bunseki - seisei*
bunpôno hôhô "Análise da língua japonesa - a
 metodologia da gramática gerativa". Tokyo,
 Taishukan.
- SHIROTA, Toshi (1982) "*Taigenno taikai*" 'Sistema de
taigen (nomes)'. *Kokugo Kokubun* "Língua e
 literatura nacionais". Kyoto, Chuo Tosho.
- (1987) "*Fukujoshini tsuite*" 'Sobre as
 partículas de ênfase'. *Kokugo Kokubun* "Língua e
 literatura nacionais". Kyoto, Chuo Tosho.
- SUZUKI, Kazuhiko e HAYASHI, Ôki (org.) *Kenkyû Shiryô*
Nihon Bunpô. "Gramática da Língua Japonesa:
 materiais de análise". Tokyo, Meiji Shoin.
- SUZUKI, Shigeyuki (1972) *Nihongo bunpô - keitairon*
 "Gramática da língua japonesa - morfologia".
 Tokyo, Mugi Shobo.

- SUZUKI, Yasuyuki (org. 1989) *Gaisetsu - gendai nihongo bunpô* "Considerações gerais - Moderna gramática japonesa". Tokyo, Ofusha.
- TAKAHASHI, Tarô et alii (1993) *Nihongo no bunpô* "Gramática da língua japonesa" (sem editora).
- TAKEBE, Yoshiaki (1973) '*Hinshironto hyôkihô*' "A teoria taxionômica e as formas de escrita". In: *Hinshironno shûhen* "As proximidades da teoria taxionômica" Col. Nihon bunpô kôza 10. Tokyo, Meiji.
- TAKUBO, Yukinori (1989) "*Meishikuno modality*" "As modalidades de sintagmas nominais". In: NITTA, Yoshio e MASUOKA, Takashi - *Nihongono modaritii* "As modalidades da língua japonesa". Tokyo, Kuroshio shuppan.
- TERAMURA, Hideo (1984) *Nihongono Shintakkusu to Imi II*. "Sintaxe e significado de língua japonesa". Tokyo, Chikuma Shobô.
- (1968) "*Nihongo meishino kai bunrui*" 'A subclassificação dos substantivos em japonês' *Nihongo kyôiku*. v.12. Tokyo, Nihongo Kyôiku Gakkai.
- (1975-8) "*Rentai shûshokuno shintakusuto imi - sono 1-4*". 'A sintaxe e significado da determinação nominal - núm.1-4'. *Nihongo, nihonbunka*. No.4-7. Osaka, Osaka Gaidai Ryûgakusei Bekka.
- TOKIEDA, Motoki (1983) *Kokugogaku genron* "Princípios da gramática da língua japonesa". 36 ed., Tokyo, Iwanami.

- (1968) *Nihon bunpô - kôgo hen*. "Gramática japonesa - série língua falada". 21 ed., Tokyo, Iwanami Shoten.
- (1979) *Nihon bunpô - bungo hen*. "Gramática japonesa - série língua clássica". 24 ed., Tokyo, Iwanami Zensho.
- TSUBONE, Yukari (1994) 'Monoda ni kansuru ichikôsetsu'. "Considerações sobre monoda" *Nihongo Kyôiku*. "Ensino de Língua Japonesa". Tokyo, Nihongo Kyôiku Gakkai.
- ULLMANN, Stephen. (1977) *Semântica*. Lisboa, Calouste Gulbenkian.
- VOGT, Carlos (1989) "Estrutura e função da linguagem". *In: Linguagem, pragmática e ideologia*. 2 ed., São Paulo, Hucitec.
- WAKISAKA, Geny (1992) *Man'yôshû - veredas do poema clássico japonês*. São Paulo, Ed. Hucitec.
- WATANABE, Minoru (1971) *Kokugo kôbunron* "Teoria da gramática da língua japonesa". Tokyo, Shimashobô.
- (1995) "Tokoroto tokino shiteini kakawaru gono ikutsuka - imirontekini" 'Algumas palavras referentes à indicação de lugar e tempo - do ponto de vista da Semântica'. *Kokugogaku* "Estudos da língua japonesa". No.181. Tokyo, Kokugo Gakkai.
- YAMADA, Yoshio (1908) *Nihon bunpôron* "Teoria gramatical do Japão". Tokyo, Hôbunkan.
- (1936) *Nihon bunpôgaku gairon* "Considerações gerais de estudos gramaticais do Japão". Tokyo, Hôbunkan.

YAMASAKI, S. (ed. 1981) *Mini Cronological Table of Japanese Art*. Tokyo, Geishinsha.

Bibliografia utilizada para formação do corpus

OGAWA, Yoko (1991) "Ninshin Karendâ" 'Calendário de gravidez'. In: *Bungei Shinjû*. Tokyo, Bungei Shunjû, pp. 426-452.

YOSHIMOTO, Banana (1988) *Kitchen*. Tokyo, Fukutake Shoten.

TOKUDA, Shûsei (1963) "Nirôba" 'As velhas'. In: *Tokuda Shûsei shû*. 'Col. Shûsei Tokuda'. Tokyo, Shinchôsha.

SHIMAZAKI, Tôson (1967) "Kurushiki hitobito" 'Os angustiados'. In: *Tôson zenshû* 'Col. completa de Tôson'. Tokyo, Chikuma Shobô.

----- (1967) *Bunpai* 'A partilha'. In: *Tôson zenshû* 'Col. completa de Tôson'. Tokyo, Chikuma Shobô.

MORI, Ogai (1967) "Jîsan bâsan" 'Os anciãos'. In: *Mori Ôgaishû 2* 'Col. Ogai Mori 2'. Tokyo, Shûeisha.

----- (1967) "Takasebune" 'Takasebune'. In: *Mori Ôgaishû 2* 'Col. Ogai Mori 2'. Tokyo, Shûeisha.

AKUTAGAWA, Ryunosuke (1966) "Hankechi" 'O lenço'. In: *Akutagawa Ryûno-sukeshû*. 'Col. Ryûnosuke Akutagawa'. Tokyo, Shûeisha.

ARISHIMA, Takeo (1927) "*Shukyô*" 'Frenesi alcoólico'.
In: Arishima Takeoshû. 'Col. Takeo Arishima'.
 Tokyo, Kaizôsha.

----- (1927) "*Hone*" 'O osso'. *In: Arishima*
Takeoshû. 'Col. Takeo Arishima'. Tokyo, Kaizôsha.

WAKISAKA, Geny (org.) (1994) *Contos modernos*
japoneses. São Paulo, Centro de Estudos Japoneses
 da USP.

KOKURITSU KOKUGO KENKYÛJO "Instituto Nacional de
 Pesquisa da Língua Japonesa" (1984) "*Gono shutsuji*
 'A origem das palavras'". *In: Goino kenkyûto*
kyôiku "As pesquisas e o ensino do léxico". Vol.1.
 Tokyo, Kokuritsu Kokugo Kenkyûjo (autoria de
 TAMAMURA, Fumio).

VVAA (1991) Ensaio vários. *In: Bungei shunjû.* No. 3,
 v.69. Tokyo, Bunguei Shunjû (pp.77-93).